Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia

Sandra Maria Patrício Ribeiro

A CIDADE MINIATURA DO MÁRIO SOB UM OLHAR
FENOMENOLÓGICO.
NARRATIVA INSCRITA NAS FRONTEIRAS ENTRE A EXPRESSÃO
POÉTICA, A PSICOLOGIA SOCIAL E A HISTÓRIA

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social e
do Trabalho

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Damergian

São Paulo

2008

A CIDADE MINIATURA DO MÁRIO SOB UM OLHAR FENOMENOLÓGICO.
NARRATIVA INSCRITA NAS FRONTEIRAS ENTRE A EXPRESSÃO POÉTICA, A PSICOLOGIA
SOCIAL E A HISTÓRIA

Sandra Maria Patrício Ribeiro

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Sueli Damergian (Orientadora)

Profª Drª Eda Terezinha de Oliveira Tassara

Profª Drª Maria Inês Assumpção Fernandes

Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy

Prof. Dr. Francisco Hashimoto

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Ribeiro, Sandra Maria Patrício.

A cidade miniatura do Mário sob um olhar fenomenológico: narrativa inscrita nas fronteiras entre a expressão poética, a psicologia social e a história / Sandra Maria Patrício Ribeiro; orientadora Sueli Damergian. -- São Paulo, 2008.

136 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Desejo 2. Memória 3. Imaginação 4. Poesia 5. Ambientes urbanos 6. Psicologia ambiental I. Título.

BF575.D4

“Dou uma pequena pista para quem quiser escutar: não se trata de ouvir uma série de frases que enunciam algo; o que importa é acompanhar a marcha de um mostrar”

[Martin Heidegger]

A CIDADE MINIATURA DO MÁRIO SOB UM OLHAR FENOMENOLÓGICO.
NARRATIVA INSCRITA NA FRONTEIRA ENTRE A EXPRESSÃO POÉTICA, A PSICOLOGIA
SOCIAL E A HISTÓRIA

SUMÁRIO:

Dedicatória 2

Agradecimentos 3

Resumo 4

Abstract 5

Resume 6

INTRODUÇÃO 7

I - A TRAJETÓRIA DE CONSTRUÇÃO DO OLHAR

1. Sobre o plano e o planar 13

2. Inspirações teórico-metodológicas 22

II – ALGUMAS NARRATIVAS SOBRE A CIDADE MINIATURA

3. A história contada por *seu* Mário... 44

4. Outras narrativas sobre o Presépio - Cidade Miniatura do Mário 80

III – UMA NARRATIVA NA FRONTEIRA ENTRE A EXPRESSÃO POÉTICA, A PSICOLOGIA SOCIAL E A HISTÓRIA

5. Figuração poética e trabalho psíquico 91

6. Imaginário e colonialidade 99

Referências 107

Anexo 1: Imagens 112

Anexo 2: Carta de Cessão de Direitos de Entrevista 136

Marcelo

*Qualquer que seja a chuva desses campos
devemos esperar pelos estios;*
[Jorge de Lima]

AGRADECIMENTOS:

Entre 2003 e 2007, aconteceu-me conviver com algumas pessoas que, cada uma a seu modo, agraciaram o meu cotidiano com bondade, beleza e verdade; dentre elas, quero mencionar com gratidão minha professora Eda Terezinha de Oliveira Tassara; os meus colegas: Hugo Medeiros Garrido de Paula, Mário Lázaro Camargo, Nilcéia Maria de Vides Gonçalves, Renato Luís Zini, Simone Cerqueira da Silva; e os meus alunos: Wagner Alessandro Bitencourt Radghieri, Vera Lúcia Leal Giovannetti, Letícia Fulaneti Carvalho, Pedro Henrique Bartochi Gracco, Rodrigo Feliciano Caputo, Sílvio Henrique Nishidate, Valéria Aparecida de Oliveira e Gisela Zenerato... O interesse que demonstraram pelo meu modo de pensar, a simpatia, o respeito e o cuidado que dedicaram ao meu modo de ser, a proteção que dispensaram aos meus gostos e necessidades, tudo isto ajudou a sustentar minha vacilante convicção no valor dos meus próprios intentos; sem isto, creio que eu não poderia ter suportado em boa fé a angústia e o desamparo que, afinal, acompanham todo trabalho humano.

De longe, Vera Helena Ostronoff há muito constitui meu lastro afetivo – como um tesouro guardado, garantidor da confiança necessária ao trabalho; de perto, fui salva pelos casais Celso Socorro de Oliveira & Sílvia Aparecida Fornazari e Taciano Luiz Coimbra Domingues & Mariana Rosa Cavalli Domingues...

... os seres tornaram-se para mim lembranças imperecíveis na medida em que seus nomes sempre estiveram inscritos no livro do meu destino: conhecê-los equivalia a um lembrar-me.

[C. G. Jung]

RESUMO:

A Cidade Miniatura do Mário sob um olhar fenomenológico. Narrativa inscrita na fronteira entre a expressão poética, a psicologia social e a história.

Era uma vez, um homem... seu nome era Mário Ramos Nogueira e ele vivia no interior de São Paulo. Em 1949, tudo que ele tinha na vida eram 72 bois; veio a peste e os atacou. Então, na véspera do natal, o homem fez um pacto: se Deus salvasse seu gado, construiria um presépio que seria aumentado enquanto vida tivesse. Aí, Deus curou os bois; seu Mário comprou um presépio e começou a construir uma cidadezinha ao seu redor... passaram-se os anos e a cidadezinha virou uma verdadeira metrópole, cheia de arranha-céus, avenidas, luzes e movimento – as pessoas faziam fila na frente da casa do seu Mário para ver a cidade! Mas um dia, por um encantamento, a cidade desapareceu! Capturada pelas narrativas sobre a *Cidade Miniatura do Mário*, senti-me compelida a reverberar seu mito; a história dessa cidadezinha suscita muitas indagações sobre o desejo, a memória, a imaginação, a expressão poética; esses são temas atinentes aos estudos sobre a subjetividade e ao universo artístico mas, em seus desdobramentos, adentram os campos da psicologia socioambiental e da história: a vida política, o tempo presente, a urbanização, as utopias hegemônicas, as práticas discursivas, a oralidade – o presente trabalho resultou de um esforço para identificar alguns pontos enigmáticos de intersecção dessas indagações. Tomadas como estilhas da memória, imaginação e enunciação, as imagens da cidadezinha e as narrativas de sua história foram contempladas pelo prisma metodológico da fenomenologia hermenêutica; desse modo, desvelaram-se formas elaboradas de expressão de desejos e sofrimentos inscritos nas fronteiras entre os planos psíquico, cultural, histórico e político. Enunciou-se assim, agora nas fronteiras entre a expressão poética, a psicologia social e a história, uma nova narrativa, que interpreta a Cidade Miniatura do Mário como figuração plástica de enigmas humanos universais; sua criação, como uma tentativa singular de decifrá-los.

ABSTRACT:

The Mário's miniature city under a phaenomenological view. Narrative inscribed in the frontier among the poetical expression, social psychology and history.

Once upon a time, a man... his name was Mario Ramos Nogueira and he lived in the interior of Sao Paulo. In 1949, everything that he had in his life was 72 oxen; the pest arrived and attacked them. Then, in Christmas Eve, the man made a pact: if God saved his cattle, he would build a Presepe that would be increased while he had life. Then, God cured the oxen; Mário bought a presepe and started to construct one small town around it... the years passed by and the small town turned to a true metropolis, full of skyscrapers, avenues, light and movement - the people made line in front of Mário's house to see the city! But one day, as under a spell, the city disappeared! Captured by the narratives of Mário's Miniature City, I felt myself compelled to reverberate its myth; the history of this small town excites many investigations on the desire, the memory, the imagination, the poetical expression; these are referent subjects to the studies on subjectivity and to artistic universe, but, in its unfoldings, they penetrate the fields of socioambiental psychology and of history: the political life, the present time, the urbanization, the hegemonic utopias, the discursive practices, the orality - the present work resulted of an effort to identify some enigmatic intersection points of these investigations. Taking as memory fragments, imagination and enunciation, the images of the small town and the narratives of its history had been contemplated by the methodological prism of the hermeneutic phenomenology; in this manner, elaborated forms of expression of desires and pain inscribed in the borders of the psychic, cultural, historical and politician plans were unveiled. It was enunciated thus, now in the poetical expression, social psychology and history frontiers, a new narrative that interprets the Mario's Miniature City as a plastic figuration of universal human enigmas; its creation, as a singular attempt to decipher them.

RÉSUMÉ:

La cité miniature de Mário sous un regard phénoménologique. Un récit inscrit à la frontière entre l'expression poétique, la psychologie sociale et l'histoire.

IL était une fois, un homme... son nom était Mário Ramos Nogueira et il habitait à l'intérieur de São Paulo. En 1949, son seul bien était 72 bœufs; la peste vint et les attaqua. Alors, à la veille de Noël, l'homme fit un pacte: si Dieu sauvait son bétail, il construirait un étable qui serait augmentée sa vie durant. Dieu guérit les bœufs; Monsieur Mário acheta un étable et commença à construire une petite ville autour de lui... les années passèrent et la petite ville devint une véritable métropole, remplie de gratte-ciel, d'avenues, de lumière et de mouvement - les gens faisaient la file devant de la maison de Monsieur Mário pour voir la cité! Mais, un jour, par enchantement la cité disparut. Touchée par les récits sur la Cité Miniature de Mário je me suis sentie contrainte à réverbérer son mythe. L'histoire de cette petite cité suscite beaucoup de questions sur le désir, la mémoire, l'imagination et l'expression poétique; ce sont thèmes touchant aux études sur la subjectivité et l'univers artistique mais, dans ces dédoublements, on pénètre dans le domaine de la psychologie environnementale (socioambiental) et de l'histoire, la vie politique, le temps présent, l'urbanisation, les utopies hégémoniques, les pratiques discursives, l'oralité. Le présent travail est le résultat d'un effort pour identifier quelques points énigmatiques d'intersection de ces enquêtes. Prises comme des éclats de mémoire, d'imagination et d'énonciation, les images de la petite cité et les récits de son histoire ont été contemplés par le prisme méthodologique de la phénoménologie herméneutique; de cette manière, on a dévoilé des formes élaborées d'expression de désirs et de souffrances inscrits dans les frontières entre les plans psychique, culturel, historique et politique. Ainsi, il s'est énoncé, maintenant, dans les frontières entre l'expression poétique, la psychologie sociale et l'histoire, un nouveau récit, qui interprète la Cité Miniature de Mário comme représentation plastique d'énigmes humaines universelles; sa création, comme une tentative singulière de les déchiffrer.

INTRODUÇÃO:

“A essência da arte é a poesia. Mas a essência da poesia é a instauração da verdade”
[Martin Heidegger]

Afinal, minhas palavras atingem um leitor! Que terei eu a dizer?... diz Borges que seu *relato será fiel à realidade ou, em todo o caso, à sua lembrança da realidade, o que é a mesma coisa...* mas meu relato não pode ser fiel sequer às minhas lembranças, pois as tenho em pouca quantidade ou pelo menos sobre poucos temas e, ainda mais, todas de qualidade duvidosa. Direi, portanto, mais sobre minhas errâncias do que sobre a realidade, aquela com “erre” maiúsculo... e minhas errâncias começaram mais cedo do que seria prudente, se a prudência fosse possível a quem começa a viver.

Tenho pouquíssimas lembranças sobre o sucedido antes de eu sentir que vivia há 7 anos sobre a terra; uma delas reporta uma avenida larga e longa, onde eu via dois rios de luzes hipnóticas fluindo velozmente, opostos mas sempre atados, paralelos, um branco e um vermelho – creio que o carro onde eu própria trafegava estivesse cruzando um viaduto; eu olhava do alto. Ainda agora esta imagem representa para mim o primeiro informe que recebi sobre a existência da *cidade*; eu vivia, então, a infância nebulosa do subúrbio: às vezes faltava luz suficiente e, em vez de velocidade, havia uma pasmaceira que, a seu modo, também poderia ser descrita como hipnótica...

Lembro também que, passados alguns anos, eu já compreendia o significado da palavra *cidade* quando utilizada pelas pessoas de minha convivência em frases como: “tenho que ir à *cidade*” ou “fulano está morando na *cidade*”: conotava lugares onde os elevadores se faziam necessários, onde era preciso cuidado ao atravessar o asfalto e onde, pelas calçadas, as pessoas eram *transeuntes* que portavam bolsas, sandálias ou sapatos, em vez de andarem com chinelos nos pés e mãos abanando sem muito o que fazer – afora muitas outras diferenças nos modos e costumes destas gentes...

Todavia, somente uma década mais tarde a cidade de São Paulo descortinou-se para mim, sedutora e abissal... numa vertigem, sentia como se cada um dos seus bairros, avenidas, praças, ruas e portões viessem desafiar meus brios... eu queria recriar o mundo; eu queria um outro mundo! A nova/velha UMES a ser reconstruída; o Jornal Companheiro, absolutamente necessário ao recrudescimento do ímpeto emancipatório do proletariado brasileiro (quiçá do mundo inteiro!); a construção de um partido dos trabalhadores; a defesa dos direitos dos atuais *adolescentes em conflito com a lei*, então *menores infratores*; tudo isto e muitíssimo mais pulsava desde a Marechal Tito até a Praça da Sé; desde a Três Rios, transbordando por sobre a Tiradentes e o *centro velho*; da Waldemar Ferreira até a Vila Sônia; da Rangel Pestana, onde eu trabalhava na agência do Banco Real, até a Itapeva, passando pela Santo Antonio em noites de festa... e que havia nestes lugares, que faltava a São Miguel Paulista? Antes de mais, movimento e cor – qualidades facilmente identificáveis com vida e transformação, afã de toda criatura. Depois, pluralidade e complexidade de formas e sons, suficientes para entreter e remeter o espectador a outros e melhores mundos... quando imerso na monotonia repetitiva e acromática dos bairros e das vidas urbanas pobres e periféricas, que *mundo melhor* pode o vivente chegar a imaginar?

Penso hoje que aquela lembrança guardada desde a minha infância não é banal nem fortuita; ao contrário, parece-me significativo que o principal ícone da *cidade* fixado em minha consciência seja uma imagem de puro movimento e luz, de tamanha intensidade e clareza que jamais pude deslocá-la da memória...

Depois de muito errar, no início de 2004 encontrava-me na cidade de Lins (SP) quando, casualmente, tomei conhecimento da existência de uma cidade miniatura: durante muitos anos, na época de natal, estivera aberta à visitação pública, constituindo-se numa atração regional; agora, achava-se desmontada na FAL – Faculdade *Auxilium* de Filosofia, Ciências e Letras, instituição confessional onde então eu trabalhava. Acreditei (equivocadamente, já se diga) tratar-se de uma réplica de Lins e me interessei pelo assunto; porém, as pessoas falavam muito pouco e muito vagamente sobre isso. Certo

dia, estando perdida num prediozinho de construção estranha, anexo ao pavilhão principal da faculdade, entrei acidentalmente num depósito esquecido e ali encontrei um monturo que me pareceu sucata útil para certos propósitos que eu tinha em mente; quando tentei obter autorização para vasculhar aquele material, segredaram-me que era a cidade miniatura...

Algum tempo depois, consegui ver um filme e fotografias da cidadezinha em sua época áurea: tratava-se de uma espantosa maquete, com iluminação e movimento, que havia sido construída ao longo de 50 anos! Na mesma ocasião soube que seu construtor, Sr. Mário Ramos Nogueira, então com 96 anos de idade, ainda confeccionava prédios e casinhas na esperança de rever sua cidade montada e exposta ao povo linense.

Procrastinei um bocado até procurá-lo para uma entrevista, receando que o assunto fosse demasiado comovente para ele... estava tomada de verdadeiro assombro, não apenas diante da grandiosidade da cidadezinha, mas também da misteriosa energia capaz de mover um homem tão idoso em seu trabalho! Finalmente, em dezembro de 2004, decidi-me a fazê-lo...

Encontrei-o em seu quintal, onde estava construindo uma nova cidade, já bem crescida. Deu-me, assim, a primeira lição: como poderia a obra de um homem ser *demasiado comovente* para ele? Pois se é sua própria vida e medida! *Seu* Mário era um ancião ágil e bem disposto, que se gabava de grande saúde. Conversamos: eu, ele e mais três alunos meus – D. Matilde, sua mulher, manteve-se calada e próxima...

Seu Mário contou-nos sua origem e trajetória na vida, alguns de seus desgostos, seus valores, suas esperanças e, principalmente, a história de sua “cidade” (ou “presépio”, como alternativamente a chamava), o modo como cuidava dela e a fazia crescer... tudo começou no natal de 1949, quando *seu* Mário, desesperado ao ver a peste *manqueira* arruinar seu gado, apelou ao céu prometendo que, se nenhuma rês mais viesse a morrer, começaria a fazer um presépio que seria aumentado enquanto ele vivesse. Recebeu o milagre e trabalhou em sua promessa: “Quando entrei nos cinqüenta anos tinha uma

cidade aí, que vieram gente filmar! Vinha gente de quase todo o país – eu não sei como descobriam...”

Em 1999, já com 91 anos de idade, seu Mário doou sua cidade miniatura para a FAL¹; em 2000, ela foi desmontada e levada de sua casa – a FAL jamais a remontou... ele morreu em 2005, aos 97 anos, sem saber ao certo em que condições estava sua cidadezinha. Durante a entrevista que tivemos, causou-me forte impressão sua ânsia em revê-la montada; impossível não se comover com seu lamento: *“Os trezininhos dava aquela bruta de volta; quando chegava ali que eles encontrava, aí eu já deixava tudo preparado lá e já ligava e ta, ta, ta... Aí ficava a cidade acesa e tudo em movimento! Eh! dava uma emoção, vixe! Tudo mundo gritava, mesmo! Era uma... Aquilo eu tenho saudade... eu falo pra minha velha, aquilo era minha vida, viu? 50 anos tocando aquilo... parece que faz parte da minha vida. Agora, não... sou uma pessoa triste, porque não tenho... acabou-se... Era todo natal, tinha aquela alegria, e aquela criançada em cima de mim, naquele banquinho... eh, meu Deus! E eu gosto tanto de criança... Vinha criancinha de todo tipo... e tudo a mãe falava: ‘Abraça o seu Mário!’ e eu ganhava aquele abraço das criancinhas... aquilo tudo me emocionava, eu gostava, mesmo! Agora, acabou a cidade... É, tudo tem um começo e tem um fim; mas eu mesmo tenho saudade... eu estou torcendo pra irmã fazer lá pra mim ir ver a cidade...”*

O depoimento de seu Mário, cheio de saudade e de dor pelo desmantelamento de sua obra, era um queixume dirigido ao tempo presente – era um esforço esperançoso de encontrar, hoje, alguém que pudesse vir em seu socorro. É que seu Mário fora tornado velho: a idade roera, sim, suas forças; mas um mal muito maior ele sofrera pela ação do *novo tempo*, afigurado nos planos demasiados engenhosos dos novos guardiões de sua cidadezinha – planos que o destituíam sem, de fato, substituí-lo; planos cuja total falência permitiu-se à sua revelia – à sua revelia, claro, pois não se tratava de coisa em que seu Mário pudesse, estando vivo, permitir-se fraquejar. O *tempo presente*, todavia, não demonstrou possuir a força necessária para pedir

¹ No final de 2006, a FAL doou a cidade miniatura para a Unilins (Fundação Paulista de Tecnologia e Educação); no final de 2007, parte dela foi remontada e aberta à visitação pública.

ajuda ao *velho* Mário; tampouco teve forças suficientes para reavivar a cidadezinha antes de sua morte...

Capturada pelas narrativas sobre aquela cidadezinha, não pude deixar de sentir-me compelida a reverberar seu mito – talvez este seja o aspecto mais relevante desta minha escrita: desde o início, pareceu-me necessário contribuir para a preservação da memória da *Cidade Miniatura do Mário*. Do mesmo modo, também não pude deixar de haver-me com indagações sobre a singular atitude de seu criador, as razões pelas quais este trabalho adquiriu tamanha importância na vida de *seu* Mário, as fontes da espetacular atratividade que a cidadezinha exercia sobre as pessoas daquela região e, claro, sobre os motivos que determinaram o modo como ocorreu seu desmantelamento... suspeitava, cada vez mais, que a *Cidade Miniatura do Mário* guardara um valor poético e um conteúdo ressonante das utopias presentes em seu contexto social, ao longo das décadas de sua existência; acabei por escolher, então, assumir o enfrentamento destas questões como objetivo do presente trabalho, partindo de uma fenomenologia hermenêutica sobre as narrativas e imagens nas quais se fixa e se desdobra o destino – origem, vicissitudes e fim – daquela cidadezinha; a trajetória do estudo realizado e as escolhas teórico-metodológicas resultantes são apresentadas nos dois primeiros capítulos oferecidos ao leitor; as narrativas sobre a Cidade Miniatura são apresentadas nos dois seguintes...

Afundando um pouco nestas narrativas, logo tornaram-se visíveis os fenômenos do desejo e da política, movendo-se como peixinhos furta-cores ao fundo daquele rio de memória, imaginação e linguagem. Depois, o tanto ver forçou-me a perceber que algo repetia-se regularmente naquelas figurações: liminaridades e deslizamentos que, sistematicamente, aproximavam os planos psíquico, cultural, histórico e político; finalmente, vislumbrei nestas repetidas “confusões” uma certa categoria de desejos e sofrimentos, cuja realidade aparecia a um só tempo afirmada e negada pela cidade miniatura e sua história – nos capítulos 5 e 6 procuro retratar algumas cenas desta contradança, em cuja contemplação também eu estive por um bom tempo esquecida da vida, tal qual o público de outrora diante do espetáculo da cidade miniatura...

I - A TRAJETÓRIA DE CONSTRUÇÃO DO OLHAR

CAPÍTULO 1:

Sobre o plano e o planar

“(...) existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes.”
[Clarice Lispector]

Acabo de apresentar o “plano da obra”, mas a obra sempre resulta menos do plano que do planar... sabendo isso, fico obrigada a narrar um pouco mais das minhas errâncias – Oxalá nenhum leitor impávido, sem horror algum frente ao trocadilho, venha a entender que, assim, estou errando um pouco mais em minha narrativa! Por precaução, justifico-me: ocorre que o protocolo acadêmico manda apresentar, neste ponto, a sistematização honesta e clara do quadro teórico-metodológico adotado e dos procedimentos científicos utilizados no trabalho... bom, mas se é verdade, como que Heidegger e creio nisso, que *a consciência é intencionalidade*, os referenciais teórico-metodológicos que habitam meu pensamento e as disposições que animam meus procedimentos eu os recolhi, ao sabor das minhas intenções (nem sempre claras para mim mesma), ao longo dos desvios, meandros e atalhos, dos acasos, uns felizes e outros nefastos, das necessidades, limites, sustos, repousos e todas as vicissitudes inerentes ao viver na condição humana; meu modo de olhar, de raciocinar e de agir frente às narrativas sobre a Cidade Miniatura do Mário não derivaram diretamente da aplicação de um modelo teórico e de um cálculo das ações necessárias para alcançar uma verdade supostamente apreensível... meu modo de olhar, de raciocinar e de agir eu não os elegi friamente; devem-se ao meu ser, ao meu *dáimon* e às minhas moiras... portanto, para dizer o que enxerguei, como pensei e como agi frente às narrativas sobre a Cidade Miniatura do Mário, faz-se necessário narrar minha trajetória, ou seja, meu *proceder* – *mezzo* raciocínio, *mezzo* intuição, *mezzo*(!) impulsividade quase mortífera – senão na vida, ao menos nas lides típicas das ciências humanas – pesquisa, docência e intervenção.

A origem deste trabalho encontra-se ali pelos meados de 2001, quando submeti a minuta de minha dissertação de mestrado à apreciação da orientadora dos meus esforços, professora Sueli Damergian; pois bem: em suas ponderações sobre o trabalho, colocou-me ela no dever de, considerando as derivações éticas das críticas feitas à atuação das instituições sociais cujas produções discursivas eu analisara ao longo da dissertação, sugerir condutas capazes de transformar o angustiante *estado de coisas* que o estudo constatava e demonstrava. Pasmei! Mas – todos os acadêmicos sabem-no – não se pode deixar de tentar atender às sugestões de nossos orientadores, saibamos fazê-lo bem ou não, na ocasião... acrescentei ao final da dissertação, por isto, um trecho menor que duas páginas no qual declarei: *Não vejo, sinceramente, caminho para remediar o sofrimento humano que possa desviar da subversão do atual ordenamento das relações humanas, que possa prescindir de uma transformação radical do sistema sócio-econômico que regula a formação e a vida de cada indivíduo do mundo contemporâneo. Assim, aos agentes de cada uma destas instâncias sociais, digo apenas: procurem agir com benevolência e sinceridade; façam isto para subverter a regra de egoísmo e dissimulação que sustenta a exploração e a opressão do homem. Penso que a benevolência e a sinceridade sejam algumas das atitudes mais revolucionárias que se possa adotar hoje em dia (...): quando tudo nos convida a desprezar os fracassados e a enaltecer os vitoriosos, é preciso estancar por um momento para atentar às regras do jogo. A benevolência, permitindo perdoar as culpas do Outro, permite que o aceitemos em sua singularidade, que conheçamos suas razões e, então, as regras que as condicionam. A sinceridade é benevolência conosco: é a aceitação integral de quem somos, incluindo nossas fraquezas e culpas, nosso poder e responsabilidade. A sinceridade permite a empatia e a identificação com o fracassado e com o vitorioso, simultaneamente; disto resulta a capacidade de assumir nossa responsabilidade na reformulação das regras, na recriação do mundo* [Ribeiro, 2001; pág. 266].

Chegou o dia da defesa, mas a pergunta retornava: a professora Eda Tassara, da banca, em sua argüição, pedia-me para *enunciar uma tese sinalizadora de caminhos sociais transformadores, apontando para as*

almejadas alternativas de incrementar o controle sobre a dominação da racionalidade instrumental, à partir das análises críticas efetuadas ao longo da dissertação, sobre as relações entre *status quo*, ideologia hegemônica e racionalidade instrumental e sobre alguns produtos da Biologia Social. Felizmente, não era obrigatório eu ter pronta uma tese, na ocasião da defesa de minha dissertação de mestrado!

Como um pesadelo recorrente, esta questão apresenta-se sempre que minha dissertação é comentada por outras pessoas. Em todas as ocasiões, incomoda muito – mais do que ser forçada a repetir minha desajeitada resposta – o sentimento que, do meu íntimo, diz: *Não há tal caminho; não vejo saída para a sociedade humana!* Como é evidente, ainda não morri disto. E se você não vê saída, mas também não morre, continua procurando a saída... Durante os anos seguintes (e ainda agora) consolei-me com a esperança de apenas ter condensado em demasia a resposta oferecida nas páginas finais da dissertação, ou de apenas ter feito uma escolha desafortunada do assunto ao qual aplicar meu pensamento; desde então, tento ler e escutar, atuar e pensar, sempre em busca de aviar minha própria receita e de conferir-lhe os efeitos em novos temas...

Mais ou menos na mesma época da conclusão do mestrado, a *cidade* começava a constituir-se para mim como um assunto significativo. Em meio ao meu processo de mestrado, enquanto estava ocupada em analisar discursos produzidos acerca de um crime ocorrido em São Paulo, passei a viver num pequeno município interiorano, próximo de Lins, cujas condições peculiares tornaram-me visíveis certas relações entre a história da *cidade* e as *subjetividades* que a habitam. Esta experiência convenceu-me de que seria necessário à psicologia social encontrar maneiras de investigar os entrecruzamentos entre os marcos assinalados pelo indivíduo em sua biografia como explicação de sua subjetividade e os marcos históricos, do ponto de vista social, político, econômico e cultural, da cidade onde se processou seu desenvolvimento [Ribeiro, 2001/2002].

Terminado o mestrado, envolvi-me com uma pesquisa sobre a história da Casa de Detenção de São Paulo, o *Carandiru*. Parte do trabalho implicou

em incontáveis dias vasculhando a hemeroteca do Arquivo do Estado de São Paulo, onde um dos estagiários sugeriu que eu conversasse com Altair, bom conhecedor da história dos presídios paulistanos e assíduo freqüentador do Arquivo... era um senhor singularíssimo, pesquisador de coisas as mais diversas; entre outros trabalhos, fornecia informações sobre futebol aos jornais impressos e programas de televisão. Na época, eu estava residindo em Bauru e Altair pediu-me o favor de procurar o túmulo de um homem que teria sido o *descobridor* do Pelé. Isto saiu um pouco mais difícil do que havia parecido à primeira vista e, de indicação em indicação, acabei percorrendo alguns outros lugares além dos cemitérios da cidade... assim, fui parar no Museu da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – EFNOB, cujo arquivo tinha como diretor o professor Francisco Tidei de Lima; prestativo, ajudou-me a descobrir o nome completo do tão procurado defunto (cujo túmulo afinal encontrei) e comentou a tristeza dos velhos ferroviários sem trabalho – muitos deles ficavam horas a fio sentados nos bancos do museu, olhando os vestígios que sobraram depois da privatização da estrada de ferro; também me emprestou um exemplar de sua bela dissertação de mestrado, sobre a ocupação branca da região noroeste do estado e o extermínio dos índios que a habitavam originalmente...

Uma coisa puxa a outra e, em novembro de 2002, quando do processo seletivo para o Programa de Doutorado do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP, apresentei um anteprojeto de pesquisa no qual estava previsto o recolhimento, através de entrevistas, de histórias de vida de diferentes gerações e gêneros dentre os integrantes de famílias de ferroviários da região abrangida pela EFNOB. A idéia era, então, analisar estas histórias em busca de compreensão sobre o modo particular e concreto como transcorreu o processo de subjetivação em meio ao contexto sócio-histórico de inclusão/exclusão resultante do processo de implantação, operação, privatização e desativação parcial da EFNOB; a especificidade das subjetividades e das identidades sociais resultantes deste processo e as repercussões sobre a vida afetiva, ética e política dos sujeitos cujas existências tiveram lugar em meio a este contexto.

Todavia, no início de 2003, fui contratada pela FAL como professora horista com a incumbência de planejar e supervisionar as atividades do Estágio de Núcleo Básico para uma turma de graduação em psicologia. Como atividade inicial, considerando o objetivo proposto para a disciplina – *conhecer o perfil do homem da região* – e reproduzindo o procedimento aprendido nos meus tempos de graduação com a professora Ecléa Bosi, sugeri aos meus alunos que entrevistassem pessoas idosas, moradoras na cidade a mais de 30 anos. Deste trabalho, resultaram 20 entrevistas abertas, gravadas e transcritas, com pessoas de idade entre 62 e 87 anos. Num segundo momento do curso, os alunos prepararam seminários sobre a história da cidade, baseando-se especialmente em dois livros escritos por um historiador local, o senhor Altamiro Ghermel Ribeiro. Houve ainda uma palestra proferida por um jornalista idoso, senhor Mário Ramos Antunes, que escolheu como tema o processo de ocupação das terras da região, e o enfrentamento dos índios caigangues que nelas viviam. De todas essas fontes, que confirmavam a inextricável relação entre a história de vida dos cidadãos e a história da cidade, a ferrovia surgia como elemento importantíssimo mas que de maneira nenhuma poderia, sem arbitrariedade, ser isolado de outros igualmente importantes para a história das cidades e das pessoas viventes à noroeste de São Paulo. Começava a alterar-se a direção do meu interesse, no sentido de focar os processos de subjetivação na história daquele povo, em vez de restringir-me aos ferroviários.

Ainda em 2003, sentindo a necessidade de precisar melhor o método a ser utilizado em minha pesquisa de doutoramento, matriculei-me na disciplina *História oral, memória e relações disciplinares*, ministrada pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, na FFLCH-USP, como maneira de aprender e de refletir sobre os modos de recolher histórias de vida. Uma das exigências parciais da disciplina consistia na realização de uma entrevista e pensei em aproveitar o ensejo para entrevistar alguém que me pudesse inspirar as balizas da minha pesquisa: quem entrevistar, que temas abordar, quais categorias utilizar para delinear o perfil daquele povo...

Entrementes, aceitei a coordenação do curso e passei a estar muito tempo na FAL. Aos poucos, fui descobrindo um papel aderido à FAL (mas

enfrentado com aguda ambivalência, já se diga), de guardiã da memória linense; as origens dessa *vocação*, até onde eu soube, parecem remontar aos tempos em que era diretora certa Irmã Beatriz... quando ingressei na FAL Ir. Beatriz ainda vivia por ali; tinha, como eu, o costume de deixar-se estar alguns momentos numa varanda do prédio e, num encontro fortuito, conversamos. Ela era idosa e já estava muito doente; mesmo assim, ao saber que eu gostava do passado, mostrou-me docemente uma sala, onde guardava o que chamou de “Memória Histórica” – esta foi nossa única conversa; Ir. Beatriz faleceu pouco depois...

A “Memória Histórica” era uma sala repleta de jornais, documentos e objetos os mais variados. A sala era provisória e, como notei ao longo dos quase quatro anos em que trabalhei na instituição, seu conteúdo vivia sendo deslocado, mercê das necessidades funcionais de espaço, até acabar disperso por diferentes lugares – em 2006, viam-se objetos guardados até mesmo em armários nos corredores de circulação. Mas havia sido antes diferente e havia a esperança que voltasse a ser; em outros tempos, o “tempo da Ir. Beatriz”, a Memória Histórica havia existido em moldes tais que fizeram da FAL uma referência na cidade, de sorte que as pessoas, ainda em 2003, entregavam à sua guarda os objetos de família que acreditavam possuir um valor histórico.

Nesta época, estava incumbido do cuidado com a “Memória Histórica” o professor Calças, tão afeito a esta lide quanto o fora a Ir. Beatriz. Pensei em realizar com ele a entrevista exigida na disciplina da FFLCH-USP mas, quando compreendeu meus propósitos, pediu-me com certa ansiedade que eu entrevistasse seu antigo professor, o autor dos livros sobre a história de Lins, Altamiro Ghermel Ribeiro.

Altamiro dedicara boa parte de sua vida a investigar a origem da cidade e publicou um livro sobre seus pioneiros, seguido de um volume complementar (RIBEIRO, A.G.; 1995 e 2001); agora, era um homem de 85 anos, debilitado por uma doença grave. Encontrei-o em sua casa, durante três tardes inteiras ao longo das quais ele narrou, entremeadas, a história de sua família, da cidade e de sua própria vida; esperávamos ter ainda mais algumas conversas, mas a morte ceifou-o antes. De qualquer modo, o quanto me falou foi o

bastante para transmitir o mito heróico da origem e desenvolvimento da cidade. Em verdade, a história de Lins contada por Altamiro é um contraponto, em grande escala, da *história* da Cidade Miniatura, contada pelo seu Mário...

As entrevistas feitas pelos alunos de ENB com moradores antigos continuaram nos anos seguintes; no total, ao longo dos quatro anos deste trabalho, foram registradas 61 entrevistas que vieram a compor um embrionário acervo de História Oral, guardado na FAL. Estas entrevistas, mesmo não sendo apresentadas aqui, também iluminam este trabalho; através delas, percebe-se claramente as desmedidas esperanças de progresso insufladas pela cafeicultura e a insuperável fixação em substituir o café por uma outra atividade igualmente lucrativa e promissora. A leitura e discussão destas entrevistas, somadas aos desafios colocados pelas intervenções psicossociais desenvolvidas no trabalho de ENB² e à minha antiga questão sobre o *controle sobre a racionalidade instrumental*, serviram para direcionar minha trajetória teórico-metodológica empurrando-me a explorar os saberes produzidos nos campos da psicanálise, da psicologia social e da história do tempo presente acerca dos processos de subjetivação e da subjetividade contemporânea, da memória individual e coletiva, da narrativa, da imaginação utópica, da urbanização e da expressão poética. Estas experiências serviram, também, para sedimentar os posicionamentos políticos e éticos assumidos ao longo da trajetória narrada: impressionou-me, sobremaneira, a diferença gritante entre o modo de ser cidadão das gerações mais velhas e a apatia política verificada entre os jovens; compreendi que, mais que apenas um bom prisma para a investigação da conduta humana, a cidade é o âmbito obrigatório de descoberta dos *caminhos sociais transformadores* pois, em última análise, sua história concreta – o tempo e o espaço compartilhado – irá configurar a identidade dos homens que a habitam, condicionando seu modo de ser, de conduzir-se no meio social e de interagir com os outros.

Já bem recentemente, detendo-me um pouquinho a pensar sobre este meu percurso, acabei convencida de que se pode tomar o homem e a

² A experiência de implantação e desenvolvimento do trabalho de Estágio de Núcleo Básico em Psicologia, durante os anos de 2003 a 2006, encontra-se narrada em: *Transcendência e ética na formação do psicólogo e na intervenção psicossocial no urbano* (RIBEIRO, 2006).

humanidade como projéteis desembestados, vagando pelo espaço e tempo – por isto é que este trabalho pretende ser, antes de mais, a narrativa de uma trajetória. Não é por capricho; é porque vejo que pouco mais resta ao sujeito além de narrar sua própria trajetória – que podemos fazer além de tentar atrair a atenção dos outros para nossa narrativa autocentrada, e de escutar, com nossa audição siderada pela velocidade, as narrativas de outras trajetórias? Talvez fosse mesmo necessário narrar a trajetória ainda em curso, coisa que, em verdade, não é possível na escrita – façamos então apenas o possível – isto não é pouco! Diria mais: penso que, sendo as ciências humanas realizada por homens, sua tarefa consiste tão somente em tentar colimar estas narrativas individuais dispersas, num quadro teórico que as compreenda...

Assim, em resumo eu diria que, após acumular certo montante de vivências convertidas em memórias, entre as quais se inclui a leitura de certos livros, cheguei a um ponto no qual o homem e a humanidade se apresentam para mim como projéteis desembestados, vagando pelo espaço e tempo, cujos movimentos são em parte autopropulsionados, em parte não; em parte autoconscientes, em parte não. Em verdade, a trajetória humana, individual ou coletiva, deriva de uma multiplicidade de forças interatuantes, talvez nenhuma delas inteiramente sob controle do homem – embora muitas delas brotem das próprias condições do organismo e do sujeito humano: sua capacidade de viver, com tudo o que isto traz de necessidades e de esforços para sua satisfação; sua capacidade de reter na memória as experiências vividas, de perceber o mundo à sua volta, de imaginar mundos diferentes; sua capacidade de narrar o que está percebendo, lembrando e imaginando; sua extrema dependência, que o faz surgir e o mantém num campo de relações e de experiências algo acidentais, algo determinadas pelas condições nas quais foi lançado no mundo; sua capacidade de ter sua percepção e narrativa alterada por suas expectativas e pela memória de suas vivências e, simultaneamente, ter suas esperanças de futuro e suas lembranças do passado alteradas pela vivência e narrativa atual; mais que tudo, porém, o homem é propulsionado por forças que derivam de sua peculiar capacidade de configurar um “eu”, que nem sempre pode aperceber-se dos condicionantes internos e externos de sua trajetória mas que, não obstante, jamais estanca seu movimento e sua

autoproclamação. Resultante disto tudo, vejo que o homem não é nem pode ser sujeito inteiro de sua trajetória, embora o possa ser, parcialmente, de sua narrativa e de sua escuta. Vejo ainda que a narrativa – e adianto que não me sinto inteiramente convencida da diferença entre a narrativa verbal e outras formas de expressão humana – afeta os homens que a escutam porque passa a fazer parte de suas memórias, alterando suas percepções e imaginações e condicionando, assim, novas experiências para os indivíduos, que novamente reverberam no coletivo, pelo mesmo passo da narrativa e escuta... assim, vejo que, se pretendemos intervir na história, temos o dever de escutar e de narrar.

CAPÍTULO 2:

Inspirações teórico-metodológicas

“A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico”
[Paul Karl Feyerabend]

Um dos resultados da minha trajetória, narrada do capítulo anterior, foi o meu contato com a Cidade Miniatura e minha disposição em contribuir com a preservação de sua memória; logo, porém, percebi que qualquer esforço nesse sentido implicaria em um trabalho de descrição que, evidentemente, não poderia ancorar-se no registro físico – não tanto em razão do fato de que a cidadezinha encontrava-se completamente desmantelada, mas porque a coisa que interessava preservar era outra que não sua materialidade. Considerando a natureza das questões que tinha em mira, esta descrição apenas teria sentido se lograsse abarcar os fenômenos mais sutis, menos ou nada mensuráveis, idiossincrásicos, emocionalmente carregados e muitas vezes paradoxais que compunham sua história... por consequência, estaria afastada das pretensões características das “epistemologias fortes”³; seria forçosamente uma descrição entremeada pela interpretação, ou seja, pelos esforços do espírito em busca da compreensão de sua essência: em suma, tratar-se-ia de intentar uma fenomenologia hermenêutica filiada ao pensamento de Heidegger.

Tempos atrás, apoiando-me em Michel Foucault, defendi a opinião de que o método da psicologia social seria uma composição dos trabalhos arqueológico e genealógico, como dimensões técnicas de reconhecimento, conceituação e explicação dos processos de interação entre os indivíduos e as coletividades, juntamente com uma dimensão ética – uma preocupação constante com a honestidade do aspecto emancipador do conhecimento

³ A expressão é usada por Luís Cláudio Figueiredo, para referir-se às epistemologias de cunho judicativo e legislativo, que caracteristicamente adotam uma concepção de verdade como *adequação da representação à coisa representada*, de fundo positivista; o contraste se dá com as “epistemologias fracas”, de cunho descritivo, que limitam suas pretensões à elucidação das condições de possibilidade das diferentes teorias [FIGUEIREDO, 1996].

produzido [RIBEIRO, 2001]. Esta prescrição, aplicada ao assunto em pauta, indicava que a descrição deveria visar, nas narrativas, tanto o reconhecimento dos fenômenos de imaginação e memória quanto as relações de poder que haviam permeado a origem, a existência e o dismantelamento da Cidade Miniatura, sem negligenciar o caráter psicossocial destes fenômenos – todos atravessam os níveis individual e coletivo, privado e público. As análises sobre a narrativa e a memória foram influenciadas mais profundamente por Walter Benjamin; sobre as relações de poder em seus diferentes níveis, busquei inspiração em Hannah Arendt e Michel Foucault; especificamente para pensar as relações e atravessamentos entre os níveis individual e coletivo, ajudou-me René Kaës.

Do ponto de vista ético, o compromisso com a busca de alternativas para *incrementar o controle sobre a dominação da racionalidade instrumental* exigia uma postura “ética-hermenêutica⁴” que visasse, para além das interpretações racionalistas, alcançar os elementos poéticos e políticos que condicionam a narrativa da história da cidadezinha. Assim, inobstante as possíveis controvérsias sobre o *status* da arte popular e minha pouca familiaridade com o assunto, o estudo aproximou-se do universo artístico: tornou-se obrigatório enfrentar questões sobre a imaginação e o trabalho criativo do artista, a essência e a função da arte, os fundamentos da experiência estética, as condições de permanência da obra. Neste campo procurei valer-me ainda de Heidegger e, quanto pude, também de Bachelard; especificamente sobre a simbolização envolvida nos processos criativos e na expressão poética, encontrei auxílio no pensamento de Melanie Klein e de Donald W. Winnicott.

Claro, mencionei nesta exposição apenas aqueles autores cuja influência posso reconhecer e aos quais gosto de pensar que sou filiada mas, naturalmente, não posso tirar do leitor a liberdade para atribuir-me quaisquer outras ascendências que julgar pertinente. Com alguns desses autores, deparei-me muito antes do início deste estudo e eles ajudaram a enviesar meus primeiros olhares para o assunto; como sói acontecer, outras referências

⁴ A expressão deve-se à Gilberto Safra, conforme adiante.

surgiram durante ou apenas ao final do trabalho, quando minha consciência já podia visá-las.

Há tempos eu já podia compreender a importância, para o campo das ciências humanas, de superar a antinomia historicamente construída entre *Indivíduo* e *Sociedade* e a centralidade dos processos de subjetivação típicos da modernidade no assujeitamento do indivíduo e na perpetuação de um ordenamento social injusto e excludente; contudo, sempre me pareceu que ainda não havíamos encontrado o *foco* apropriado para a investigação das interveniências entre os planos *individual* e *coletivo* da vida humana. Por outro lado, sempre me pareceu que esta seria a tarefa específica da *psicologia social* – ciência *charneira*, encruzilhada entre a psicologia e a sociologia [MAISONNEUVE, 1977]. Hoje, encontro-me convencida de alguns argumentos teórico-metodológicos que vieram à baila durante este estudo e que me parecem lançar luz sobre algumas dessas coisas...

Sobre a cidade:

Já no início do século passado, o sociólogo urbano Robert Ezra Park (1864-1944) afirmava que podemos pensar na cidade, *habitat do homem civilizado*, como *uma espécie de mecanismo psicofísico no qual e através do qual os interesses políticos e particulares encontram expressão não só coletiva, mas também incorporada*. Uma explanação inteira desse ponto de vista seria excessiva para os meus propósitos nesse momento, mas é necessário explicitar o valor que enxergo nessa afirmação: em primeiro lugar, gosto dela porque a expressão “mecanismo psicofísico” faz referência à maioria das relações que importam, quando se trata de compreender a experiência humana: às relações entre estímulos e sensações, entre corpo e mente, entre o mundo externo e mundo interno. Além disso, a expressão reporta-se aos “interesses”, que por sua vez reportam à totalidade dos afetos, necessidades e desejos que movem todos os homens, em suas ações individuais (interesses particulares) e coletivas (interesses políticos). Gosto especialmente da idéia de que estes interesses estejam simultaneamente expressos na cidade e “impressos” nos corpos dos cidadãos (*incorporados*). O estudo dessas relações, conquanto todos os psicólogos as admitam, é muitas vezes

abandonado por razões pragmáticas: já é difícil o bastante aprender a manejar o ferramental necessário para compreender apenas um de seus elementos; sai mais seguro especializar-se na análise e intervenção de um aspecto apenas da vida nas cidades do que se arriscar em estudos abrangentes. Porém, os problemas suscitados pela vivência urbana continuam a nos desafiar, cada dia mais ameaçadores...

Embora o autor não faça uma referência explícita à Ezra Park, penso que se pode tomar como resultante de uma perspectiva equivalente a argumentação formulada por Richard Sennet ao longo dos primeiros anos da década de 90: segundo ele, as vivências corporais de um povo constituem o fator determinante da forma assumida pelos espaços urbanos. O autor analisa o caso de Nova York – mas o raciocínio pode aplicar-se a qualquer grande cidade contemporânea – onde múltiplos elementos históricos e culturais condicionam o corpo do cidadão a esquivar-se do contato com as dores próprias ou alheias, determinando um cenário urbano onde diferentes formações trazem em comum as marcas dessa esquiva [Sennett, 2003].

E nada dói mais que o contato com as diferenças – seja porque o sofrimento é uma parte inextricável da condição do diferente, posto que ele é sempre um forasteiro entre os iguais, seja porque a diferença fragiliza a posição do ser, à medida que contesta a essencialidade das coisas que o define. Por isto, afirma Sennett, embora nosso discurso apregoe a convivência entre os diferentes, na grandes cidades essa convivência vem sendo obtida mediante o recurso a todo tipo de dispositivo capaz de amortecer os sentidos, desde formas sutis e racionalizadas de *apartheid* até a meticulosa construção de uma *armadura* de insensibilidade que permite ao sujeito atravessar quase incólume as cenas de dor que o cotidiano de uma grande cidade impõe ao olhar – neste campo inserem-se dispositivos sofisticados, como a negação de um destino comum com o sofredor e a velocidade, esta talvez o meio mais cômodo de atravessar o sofrimento sem o perceber inteiramente. Isto explicaria a sedução exercida por algumas formações urbanas tais como os *shopping centers*, os condomínios fechados e as vias expressas.

O autor conclui que a *total boa vontade ou retidão política* não é suficiente para sustentar um genuíno sentimento de *compaixão cívica*; é necessário aprendermos a suportar o sofrimento como condição para recuperarmos a capacidade de nos importar uns com os outros – apenas sujeitos capazes de suportar o contato com as fragilidades e dores em seu próprio corpo estariam aptos a sustentar a experiência empática, única maneira de admitir o destino comum que une toda a humanidade e de aceitar o contato com o diferente. O autor alerta, todavia, que a aceitação do transcendente é necessária à aceitação do sofrimento; nas palavras do próprio Sennett:

“O sofrimento físico possui uma trajetória na experiência humana. Ele desorienta e torna o ser incompleto, derrota o desejo de arraigamento; aceitando-o, estamos prontos a assumir um corpo cívico, sensível às dores alheias, presentes, junto às nossas, na rua, finalmente suportáveis – mesmo que a diversidade do mundo dificulte explicações mútuas sobre quem somos e o que sentimos. Entretanto, só poderemos enveredar por esse caminho admitindo que a sociedade não tem remédio para certo tipo de sofrimento, que a infelicidade veio de algum outro lugar, que a dor deriva do mandamento de Deus que nos obriga a conviver no exílio.” (Obra citada, páginas 305-6).

Abstendo-me de qualquer controvérsia sobre o aspecto religioso do posicionamento assumido por Sennett, admito a validade essencial de sua prescrição. Contudo, não basta saber o que é preciso fazer – é preciso saber como fazê-lo. Por isso é necessário ao cientista humano esforçar-se por compreender as sutilezas características da subjetividade contemporânea, seus interesses, seus sentimentos; por outro lado, é preciso apreender as minúcias do processo de sua construção e encontrar meios para decifrar suas expressões; qualquer intervenção visando reorientar os caminhos da humanidade será inócua ou perniciosa se não estiver fundamentada nessa compreensão.

Sobre a memória, a imaginação e a narrativa:

De outra parte, Ecléa Bosi nos ensina: *“as lembranças se apóiam nas pedras da cidade”* [BOSI, 2003]... é que a cidade, em sua história concreta, constitui o tempo e o espaço compartilhado por seus moradores: a construção e destruição de seus edifícios, a criação e nomeação de seus logradouros, a abertura e o fechamento de seus postos de trabalho, e tudo o mais que, em última análise, irá tecer o destino dos homens que a habitam – assim é que as

pedras da cidade conformam o modo de ser e alicerçam a memória de seus moradores. Pela lembrança, algo do passado atualiza-se para o sujeito, exigindo dele um novo posicionamento: que ele admita um acerto ou um erro, que confirme ou se arrependa de uma decisão, que lastime uma perda, que julgue o presente e que anteveja o futuro... a memória relaciona-se, portanto, com passado, presente e futuro. Quando a memória é convertida em relato ou narração, ganha relevo sua dimensão ativa, intencional – quando um indivíduo (ou uma coletividade) compartilha suas memórias, mesmo sem saber, está fazendo um voto à perpetuação de uma certa interpretação dos fatos, de uma certa posição e expectativa frente ao mundo: a memória guarda – e a narrativa perpetua – as representações que se fazia no passado acerca do futuro, que é agora o presente. Em outras palavras, a memória guarda não apenas os fatos, mas os desejos – daí a potencialidade da memória para questionar o presente; daí a acirrada disputa pelo privilégio de inscrever a própria versão nos registros perenes da história...

Contudo, a narrativa oral, se é campo fértil para o desvelamento dos homens e seus modos de viver, é também terreno íngreme para a realização dos rituais e pretensões das ciências humanas. Nem é preciso discorrer sobre os obstáculos, basta elencá-los, de tanto que são proeminentes e, por isto, sobejamente conhecidos: o primeiro deles, que muitas vezes faz perder a safra inteira, decorre de que a oralidade não se deixa apreender diretamente pela escrita, sendo esta, de longe, a base principal do discurso científico; o segundo, deriva de que a narrativa autobiográfica é matéria compósita, que abriga todo tipo de poder humano – a fala é movida pela força da razão, do desejo, da necessidade, do sentimento, da fantasia, da sedução, da ânsia – enquanto a formação e o treinamento científicos oferecem sempre mais elementos para a escuta da razão e para a *racionalização* de todo o escutado; próximos deste, outros obstáculos surgem da natureza metamórfica da narrativa – relacionada com o dinamismo vitalício da memória e da imaginação, de que, na bela analogia de Kotre, o *pentimento* das lembranças é um dos exemplos mais claros – em contraste com a natureza *conservadora* do conhecimento científico, de que a biblioteca é a maior prova [KOTRE, 1997]; finalmente, um último obstáculo a ser mencionado aqui – há outros,

negligenciados neste momento – resulta dos *pudores* científicos em admitir de fato – que de direito até já se admite mais facilmente – a inarredável e necessária presença da interpretação, presidindo, ubíqua, cada passo e cada salto na compreensão dos fenômenos humanos...

Como já disse, parece-me lícito supor que o estudo da história de uma cidade aliado à investigação da vida imaginativa e da memória autobiográfica dos seus moradores configura um meio profícuo para a compreensão das relações entre o indivíduo e a sociedade em meio à qual se formou e, talvez, para propiciar o desvelamento das utopias que, *seqüestrando suas experiências*, chegam a condicionar suas condutas – um estudo que estaria bem enquadrado no campo da chamada História do Tempo Presente. Neste campo, a história oral de vida guarda particular interesse para a Psicologia Social: ao rememorar, o sujeito condensa e comunica as vicissitudes do seu processo de socialização e concomitante construção de sua subjetividade, permitindo conhecer os modos concretos como a conjuntura social, política, econômica e cultural incidiu sobre seu cotidiano em cada fase do ciclo vital e como estas situações vividas condicionam o discurso e a conduta atual do sujeito [RIBEIRO, 2002]; se faz isto na velhice, acrescentam-se os efeitos transcendentais do distanciamento e do julgamento próprios ao *tempo de lembrar*, tão sensivelmente apontados por Ecléa Bosi [BOSI, 1987]. John Kotre aponta ainda mais um elemento da memória na velhice: sua função *transmissiva*, não apenas do legado cultural e do testemunho de acontecimentos históricos, mas da sabedoria pessoal acumulada pelo indivíduo e de seu próprio *mito pessoal*, ou seja, da imagem que ele próprio escolhe deixar para a posteridade [KOTRE, 1997]. Por tudo isto, a vertente política da História Oral, particularmente nos trabalhos de estímulo, reconstrução e registro da memória de pessoas e grupos socialmente subordinados, constitui-se num esforço de resistência contra o apagamento das representações alternativas ao projeto dominante [BOM MEIHY, 2003]. Para quem desgosta do presente, esta talvez seja a mais importante tarefa: ressuscitar as esperanças vencidas, recolocar em pauta as representações derrotadas, recuperar as vozes que foram amortecidas pelo poder dominante – não porque sejam obrigatoriamente melhores, mas porque nenhuma mudança na realidade

presente é possível sem que se continue dialogando com as diferentes utopias que foram subjugadas no processo de sua construção...

Sobre a negatividade e os vínculos intersubjetivos:

Neste ponto, percebendo a necessidade de recuperar algo que foi negado e perdido ao longo da história, pode ser proveitoso seguir a senda aberta por René Kaës⁵, quando discrimina três modalidades do negativo: “*uma negatividade de obrigação que corresponde à necessidade da psique de produzir o negativo a fim de efetuar seu trabalho de ligação; uma negatividade relativa, que situa o negativo em relação a um possível; uma negatividade radical, que coincide com a categoria (...) daquilo que não é no espaço psíquico.*” Na argumentação do autor, estas formas do negativo estariam relacionadas com certas especificidades do vínculo intersubjetivo, particularmente com as alianças inconscientes às quais a negatividade oferece sustentação, desde a vida psíquica do indivíduo singular; em contrapartida, o estabelecimento das alianças inconscientes entre os membros de um grupo operaria modificações intrapsíquicas de tal ordem que resultariam num modo de pensar próprio do grupo, caracterizado *negativamente* pela sinergia de duas modalidades recalque: a) o *recalque comum* de porções da realidade intrapsíquica que, sendo realizado conjuntamente por todos os membros do grupo, promove a identificação de cada indivíduo com o princípio fundador do grupo, convertido, então, no ideal partilhado por todos os seus membros – trata-se, até aqui, da concepção freudiana sobre a *psicologia do grupo*; e b) o *recalque compartilhado* que, embora recaindo sobre porções singulares da realidade intrapsíquica de cada indivíduo, vem a contribuir para a ligação grupal porque, referindo-se ao fantasma comum, garante a construção de uma identificação cruzada entre os diferentes elementos do grupo.

⁵ As idéias de René Kaës que são aqui apresentadas encontram-se desenvolvidas pelo autor especialmente nos artigos: *Realidade Psíquica e Sofrimento nas Instituições* [R. Kaës... et al. *A instituição e as instituições. Estudos psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989]; *A negatividade: problemática geral* [São Paulo: mimeo, 2002]; *O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura* [Psicologia USP, 2003, 14(3), 15-33] e *Une conception psychanalytique de l'institution* [Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe, 32, 9-22]

De outra parte, Kaës assinala que a negatividade de obrigação sustenta a formação do pacto denegativo, mediante a defesa frente à tudo quanto poderia invalidar os valores fundadores do grupo, garantindo assim a organização do vínculo grupal. Neste sentido, a função do pacto denegativo é complementar ao contrato narcísico – este fundamentado na negatividade relativa, capaz de sustentar, simultaneamente, os projetos individuais e os coletivos, mediante a identificação do indivíduo com os princípios fundadores do grupo. Quanto à negatividade radical, tratando-se de tudo quanto escapa à simbolização, engendraria positivamente as formas de interação – talvez fosse melhor dizer *participação sincrética* – que transbordam todo o pensar consciente, das quais a atuação da violência oferece o índice mais claro.

Noutro momento, discutindo as dificuldades da construção identitária grupal nas sociedades industriais e pós-industriais, o mesmo autor oferece elementos para ampliar a compreensão do papel fundamental do negativo como sustentáculo do grupo. Antes de mais, evidencia-se do seu texto a admissão de que a construção da identidade se faz mediante dois processos concorrentes: o primeiro, calcado sobre as alianças inconscientes estabelecidas no interior do grupo, promove a emergência de suas representações definidoras – os mitos, crenças e interditos que garantem sua continuidade; o segundo refere-se às relações de alteridade que apresentam ao grupo as representações que dele são feitas, desde o seu exterior, instando-o a se posicionar frente a estas representações.

Sobre o processo de subjetivação no meio urbano:

Em sua percuciente análise da realidade social contemporânea, Sueli Damergian afirma que as raízes mais profundas da crise enfrentada pela humanidade, hoje, encontram-se na ética. Para a autora, o indivíduo moderno está reduzido a um sujeito narcísico, incapacitado para visar algo além de seus interesses egoístas; enxerga de si mesmo apenas a parte que reafirma sua própria bondade e perfeição, e do outro apenas aquilo que pode vir a ser útil para satisfazer seus próprios desejos – em particular, o indivíduo enxerga do outro preferencialmente os aspectos que propiciam a projeção de tudo quanto não seja confortável enxergar em si mesmo. Assim, a consciência deixa de

visar a realidade interna e externa ao indivíduo, sendo empregada exclusivamente na reafirmação e na perseguição de todos e quaisquer de seus desejos. Como resultado, o indivíduo queda-se subordinado aos seus impulsos, convertendo-se em presa fácil dos apelos consumistas que manipulam sua (limitada) consciência, engendrando nela falsas necessidades; mais profundamente, subordina-se aos seus impulsos mais maléficos, pois quanto menos os conhece tanto menos pode elaborar modos para mantê-los sob controle.

No campo da ética, o indivíduo assume frente aos outros uma atitude absolutamente despótica, pois não os reconhece como sujeitos desejantes mas apenas como objetos de seus próprios desejos. Nesta condição, o homem não pode ascender à verdadeira racionalidade, posto que seu raciocínio aplica-se inteiramente a divisar os meios para concretizar seus projetos egoístas, sem qualquer crítica das suas conseqüências e finalidades. Portanto, o despotismo e a racionalidade instrumental seriam produtos de uma subjetividade narcísica, incapaz de alteridade e de autoconhecimento e, por isto, incapaz de controlar seus impulsos anti-sociais, invejosos e destrutivos.

Reduzido assim a si mesmo – aliás, apenas à parcela de si que seu narcisismo permite mirar – o sujeito fecha-se à toda experiência transcendente, pois nada pode conceber e aceitar existindo fora dele; torna-se refratário à arte, à educação, à religião; não pensa mais sobre o mundo; não reconhece mais seus semelhantes.

Ainda para Damergian, estas características do homem moderno decorrem da escassez de modelos sociais amorosos, não narcísicos, com os quais os indivíduos pudessem identificar-se ao longo de seu processo de subjetivação. Desta perspectiva, a saída para a crise ética estaria em aumentar grandemente a proporção de modelos identificatórios amorosos, em relação aos modelos narcísicos, insensíveis e irracionais em seu egoísmo sem limites.

Num artigo em que pondera a construção da subjetividade na metrópole paulistana, pode-se ler as palavras da própria Damergian: *“o desafio da contemporaneidade passa por criar as condições para que verdadeiros*

humanistas preenchem o espaço hoje ocupado pelos modelos identificatórios narcísicos, destrutivos, agressores, incapazes de amor e solidariedade, que nossa sociedade cria e dissemina.” Neste trabalho, a autora vale-se principalmente da teoria crítica da Escola de Frankfurt para propor o rompimento com o discurso hegemônico, a recuperação da dialética, a educação libertária e a abertura do universo da locução como modos de desconstruir o duplo claustro do isolamento egoísta e da falsa consciência, onde hoje encerra-se o sujeito, e de recuperar a capacidade para a autonomia e para a alteridade. Além disso, propõe a revalorização dos laços afetivos em geral e particularmente da família, sublinhando seu aspecto afetivo e protetor, intrinsecamente contrário à agressiva indiferença das relações sociais modernas; especialmente a mãe aparece aqui como de fundamental importância para recuperar o *humano*: *“a começar pela sua capacidade de amar, [a mãe] pode tornar a família também o local de abertura do universo da locução, de contraposição à unificação do discurso e, conseqüentemente, dos pensamentos.”* Quanto ao palco da ação transformadora, Damergian é enfática: *“se a reprodução do modo de vida urbana é um dos elementos da estratégia de dominação é também no urbano que, contra-estrategicamente, se deve começar a revolução da subjetividade, criando-se um outro modo de vida, que reproduza amor”* [Damergian, 2000].

Sobre a utopia e a transformação do urbano:

Falando sobre a psicologia social, Eda Tassara afirma que seu objeto constituiu-se historicamente pela evolução da narrativa utópica: a utopia, enquanto projeto de futuro, seria capaz de *seqüestrar a experiência do indivíduo*, condicionando suas representações sobre o mundo atual; sendo uma construção coletiva, e sua disseminação resultante de dispositivos sociais, a utopia seria um elemento articulador entre os níveis coletivo e individual. Daí, uma das tarefas da psicologia social seria colimar conhecimentos produzidos a partir de diferentes abordagens sobre o homem contemporâneo, até compreender os efeitos de cada projeto utópico na construção das subjetividades e, dialeticamente, até compreender os efeitos das subjetividades assim construídas sobre o estabelecimento e manutenção do equilíbrio das

forças sociais que condicionam a construção e disseminação de cada projeto utópico – em outras palavras, a contribuição específica da psicologia social às ciências humanas seria o esforço por compreender as relações entre os projetos de futuro produzidos pelos homens e disseminados no campo social, e a constituição dos modos de ser dos homens.

Fazendo notar que a sustentação das utopias ocorre num campo de acirrada disputa social pelo domínio do futuro, Eda Tassara assinala que a legitimação e disseminação de um projeto utópico depende do controle e manejo de alguns dispositivos sociais, ou seja, depende do poder atual para operar intervenções sociais no nível macropolítico; ao mesmo tempo, constituem-se numa vitória das forças sociais cujos interesses estão contemplados pela utopia, na medida em que sua legitimação e disseminação garantem a transmissão de ideais e valores capazes de condicionar os processos de socialização das gerações vindouras, inclinando suas subjetividade para a subordinação ao projeto utópico. Nesta linha de argumentos, o objeto da psicologia social seria a *intervenção psicossocial*, entendida como resultante de intervenções sociais capazes de influir, mediante a transmissão seletiva de valores e ideais, no processo de subjetivação dos indivíduos, propendendo-os ao engajamento em um dado projeto coletivo de futuro⁶.

Em outro passo de sua argumentação, Eda Tassara afirma o caráter estratégico do conhecimento produzido e comunicado pela psicologia social: tratando de esclarecer a dinâmica dos processos de construção, legitimação e difusão dos diferentes valores e ideais capazes de assujeitar os indivíduos a um projeto utópico, qualquer indagação ou pronunciamento da psicologia social não poderá deixar de defender ou detrair os valores e ideais transmitidos e sustentados pelas intervenções psicossociais analisadas e de delatar os dispositivos empregados para o silenciamento e a rarefação dos ideais contrários; por conseguinte, sua atuação será mais um fator interveniente na disputa pela perpetuação ou desaparecimento dos diferentes ideais de futuro.

⁶ Ao acatar esta argumentação, os projetos utópicos aparecem-me como *avatares reconhecíveis* do objeto da psicologia social.

Desta forma, a autora revela a *intervenção psicossocial* como sendo, também, o método intrínseco ao trabalho da psicologia social.

Poderia causar alguma estranheza que a intervenção psicossocial seja tomada simultaneamente como objeto de estudo e como método da psicologia social mas, na argumentação de Eda Tassara, o impasse resolve-se pela consideração de que o conhecimento em psicologia social, como afirmou Kurt Lewin, não pode deixar de ser, a um só tempo, especulativo e interventivo. Reconhecido o fato de que a psicologia social, ao especular sobre seu objeto causa-lhe modificações, impõe-se o imperativo ético de escolher o sentido da mudança que se quer operar. Nesta perspectiva, o pólo especulativo de uma psicologia social orientada pela ética deveria visar a descoberta de como e por quê determinadas intervenções sociais podem garantir a construção de subjetividades subalternas – deveria estudar o que há de peculiar no homem e em seu processo de subjetivação e, de outra parte, o que há nas intervenções sociais, capaz de propiciar um resultado psicossocial na forma de um sujeito alienado no projeto de outrem e incapaz de questioná-lo à partir de suas próprias experiências⁷. Mas esta especulação teria um objetivo estratégico claro: visaria uma intervenção emancipadora do sujeito, capaz de contribuir para a eliminação da opressão do homem pelo homem. O procedimento estratégico desta psicologia social seria, para a autora, a realização de intervenções sociais que, promovendo no sujeito a reflexão sobre seu próprio processo de socialização, pudesse *acordá-lo para sua subjetividade*.

A aplicação deste pensamento ao trabalho da psicologia social no ambiente urbano aparece sistematizada no texto *A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda* [TASSARA & RABINOVICH, 2001]:

“(...) uma intervenção ambiental deva ser fundamentada nas aspirações de transformação assentadas sobre a vivência das pessoas no urbano. Apoiando-se na expressão das subjetividades

⁷ Por oportuno, reitero neste ponto hipóteses que formulei alhures: parece-me que o assujeitamento do indivíduo humano resulta da auto-imagem construída ao longo do processo de subjetivação, tendo como um de seus mais importantes organizadores os modelos de conduta transmitidos no bojo das intervenções sociais às quais esteve exposto [Ribeiro, 2001].

nele moradoras, deveria visar apreender aquilo que, da memória coletiva, se projeta sobre a forma dinâmica de interrelações entre as subjetividades e os ambientes urbanos, no espaço e no tempo. Tais projeções podem ser pensadas como se expressando por meio de figurações imagísticas (paisagens) que reflitam as experiências vividas pelos indivíduos em espaços-tempo concretos no urbano – as subjetividades de expressão poética. Mas, para apreendê-las, torna-se necessária a abertura do universo de locução, criando-se espaços compatíveis com a expressão das subjetividades pelos testemunhos lingüísticos.(...) Desta expressão, pode-se chegar à construção de um panorama das aspirações profundas advindas das formas específicas de enraizamento dos indivíduos no urbano, a partir do qual seria possível englobar a historicidade dos sujeitos em propostas subseqüentes de transformação do ambiente urbano, projetadas pelo corpo técnico em função de ilações experienciais de seus habitantes. Consideramos que este tipo de intervenção seria possibilitador de um caminho histórico na direção de uma verdadeira política ambiental do urbano, pois, respeitaria valores tradicionais transmitidos inter-gerações, sintetizando novas formas do compartilhar da vida coletiva no espaço urbano, fundamentando decisões técnicas e políticas de projeção com eles comprometidos.” [Obra Citada, págs. 213-214]

... a citação literal impôs-se pela profundidade do trecho: apresenta-se aí, comprimida e atualizada como na consciência de qualquer humano, a dialética social do passado-presente-futuro individual e coletivo – não me atreveria a tentar reescrevê-lo. Interessa-me, no entanto, sublinhar a palavra *expressão*, à qual se vinculam as possibilidades de apreensão desta dialética e de intervenção no desenrolar das transformações urbanas, numa direção *verdadeiramente política*, ou seja, capaz de contemplar as aspirações dos diferentes sujeitos e grupos que constituem a *polis*.

Sobre a expressão poética:

Contudo, quando acatamos a necessidade de construir uma nova *morada* para o homem e percebemos que uma das condições para tanto é a

abertura do universo de locução, surgem pelo menos duas questões: como favorecer a expressão dos outros, de todos os outros? como compreender a expressão do outro? Mas, acompanhando o pensar de Gilberto Safra, talvez nem se trate de duas questões distintas; talvez a compreensão do outro seja o modo mesmo de favorecer-lhe a expressão...

Frente à problemática da subjetividade contemporânea, Safra propõe-se repensar a clínica de uma perspectiva não-racionalista, a partir de três vértices: a estética, a ética e a hermenêutica. Partindo destes pontos de vista, o autor enuncia sua concepção do ser humano em termos de dois registros fundamentais: o registro ôntico, abrangendo os níveis orgânico e psicológico do indivíduo e cuja compreensão pode ser alcançada pela psicanálise e pelas demais ciências que se ocupam do estudo do homem, e o registro ontológico, que emerge das peculiares condições da existência humana.

São facetas da condição ontológica do homem, elencadas pelo autor: a compreensão, a transcendência, a comunidade, a liberdade, o projetar-se, a linguagem, a finitude, a solidão e o silêncio. Para Safra, estes aspectos existem no homem anteriormente a qualquer desenvolvimento psíquico ou mental; são originários do ser humano – isto é válido, inclusive, para a compreensão da própria condição ontológica do homem. Entretanto, se a verdade sobre a existência humana é inescapável ao homem independentemente de sua intelectualidade ou maturidade, sua aparição ao indivíduo revela-se como sofrimento; a possibilidade de atravessar sem enlouquecer a condição ontológica humana é o outro – é a modulação da expressão e dos modos de lidar com a dimensão ontológica que atravessa igualmente a existência de todos nós, oferecida ao indivíduo pela comunidade, através da cultura.

Ontologicamente, portanto, o ser humano é avidez, busca e construção de sentido; porque buscamos continuamente o sentido, interpretamos continuamente os sinais do mundo... mas, claro, nós o fazemos a partir de nossa experiência biográfica, ôntica: o encontro com o novo se dá sob a interferência dos encontros anteriores e, da mesma maneira, sua interpretação vai informar o próximo encontro. Partindo destas considerações, Gilberto Safra

afirma que é tarefa do psicólogo clínico compreender a maneira singular pela qual o sujeito interpreta sua existência; como coloca a questão de sua origem e qual sentido atribui à sua vida. Trata-se aqui de apreender o idioma pessoal do sujeito, o modo como ele constitui o sentido de tudo aquilo que compõe seu horizonte existencial. Safra afirma que em cada gesto, em cada fala, *por qualquer fresta do mundo de vida do indivíduo*, pode-se perceber os sentidos de sua ontologia e de sua teleologia – pode-se descobrir seu mito pessoal.

O mito tem um caráter icônico, paradoxal: fala como ôntico, particular, aquilo que é ontológico, universal. Como a criança nasce num mundo de vida que lhe é ofertado pela família, com sentidos já constituídos pela comunidade, o mito é pessoal mas está enraizado na comunidade; nas palavras do autor: “... *o ser humano é a singularização de toda a história da humanidade. Cada pessoa é única e múltipla, pois ao mesmo tempo em que se individualiza, o faz presentificando seus ancestrais e aqueles com quem compartilha sua existência*” [SAFRA, 2004].

Safra instrui, ainda: em decorrência de sua biografia, de sua particular inserção no mundo, no tempo e no espaço humanos, cada pessoa é especialista numa faceta da condição humana que apenas ela pode revelar em seus mitos. Assim, a compreensão do idioma pessoal, a descoberta do mito pessoal de um sujeito, é uma tarefa ética: do ponto de vista do psicólogo, ao mesmo tempo que alcança a compreensão do idioma pessoal do outro e compreende uma faceta da condição humana, a experiência deslumbra questões que lhe são próprias, pessoais; do ponto de vista do cliente, a experiência de ser compreendido por um outro homem o auxilia a apropriar-se de sua origem e história, e de seu *sonho de fim*, sua utopia pessoal, recolocando-o em devir, em esperança e transformação... mas não é só: essa experiência de compreensão, inaugural do sujeito humano, é condição para a alteridade genuína e, daí, para a ética. Diz o próprio autor: “*O encontro do cuidado ético que permite o surgir de si mesmo é reconhecido como uma experiência de qualidade estética: é uma experiência de encanto, de júbilo, de sagrado. A ética desvela-se como beleza, como verdade, como dignidade, como presença de si e do outro. O indivíduo assim constituído, ao se debruçar*

sobre o mundo com os outros, dispõe de um olhar ético que lhe permite reconhecer as condições inóspitas para o ser humano, algo que não passa por uma Sociologia, ou por um conhecimento sobre o Direito, mas, sim, por um conhecimento decorrente da maneira como aconteceu sua entrada no mundo. Surge a partir dessa visão a possibilidade da crítica às situações de nosso tempo para com a ética do ser, para com as condições necessárias ao acontecer e à presença humana” [SAFRA, 2004; pág. 27].

Quanto às condições para essa compreensão, Safra alerta para a necessidade de assumir uma posição ética-hermenêutica, acessível apenas a quem possa se colocar frente ao outro simetricamente, como ser que compreende e como ser que necessita do outro para o porvir de suas próprias questões – é preciso o reconhecimento da comunidade de destino entre todos os homens, é preciso que o sujeito esteja numa posição de tal humildade e altruísmo, que possa se deixar desfazer para abrir-se ao outro, até poder encontrar-se no mesmo horizonte de sentido que o outro constrói... Apenas nesta posição torna-se possível a resposta ética ao outro: acompanhar estritamente suas expressões, compreendendo suas intenções significativas e posicionando-se frente às suas necessidades através do consolo, ajuda e reflexão. Apenas nesta posição torna-se possível admitir que todos os aspectos do outro – sua fala, seu gestual, a forma como organiza suas experiências – apresentam coerência interna que, embora não seja necessariamente intencional, relaciona-se com o modo de ser singular do indivíduo e, portanto, com sua ontologia e teleologia pessoais, que ao sujeito cumpre compreender, não reformar. Para Safra, desta posição ética-hermenêutica tornam-se acessíveis as vias não-racionalistas de compreensão: a compreensão afetiva, empática e estética do outro, e a compreensão de sua semântica existencial peculiar: o modo como significa sua origem e história e como concebe o sentido de sua vida, frente às questões universais da condição humana; ou seja, abre-se o acesso ao idioma pessoal do outro e, daí, à compreensão de si mesmo e de toda a humanidade.

Sobre as relações entre a expressão poética, a psicologia social e a história...

Em resumo, as argumentações apresentadas até este ponto inspiram a perspectiva teórica que costumo adotar frente às experiências humanas no mundo contemporâneo e que, claro, adotei frente à Cidade Miniatura do Mário. Como todos os pensadores mencionados, também me sinto desgostosa com os caminhos pelos quais enveredamos; também quero descobrir procedimentos efetivos para *incrementar o controle sobre a dominação da racionalidade instrumental*, de forma a contribuir para processos de subjetivação orientados para a autonomia, tolerância, ética humanista e expressividade. Quanto ao caráter destas intervenções, penso que devam abranger grandes grupos, mas visando atingir *na alma* cada um dos sujeitos que o compõem; em outros termos, penso que as intervenções apenas serão efetivas se lograrem atingir precisamente o ponto de intersecção entre as vivências coletivas e as experiências subjetivas privadas – uma intervenção psicossocial.

Quanto aos seus objetivos, penso que uma tal intervenção deva visar à construção de uma subjetividade capaz de crítica e oposição ao atual ordenamento das relações intersubjetivas; uma subjetividade em melhor posição para escapar às *compressões da consciência* que elidem a percepção das distâncias entre o desejo e a realidade: a camuflagem ideológica que obnubila ao sujeito a visão de seu próprio percurso de socialização, as miragens alienantes do progresso e do futuro que apagam a história e esvaziam o presente, a conveniente venda de tudo quanto possa cegar para a incompletude e a dor, logo, para os genuínos e legítimos desejos do eu e do outro. Assim, poder-se-ia esperar sujeitos mais autônomos, tolerantes ao prazer, ao gozo e ao sofrimento próprios da condição humana, benevolentes e sinceros consigo e com o outro. Uma humanidade ativa e transformadora mas, ao mesmo tempo, também passiva e contemplativa, ou seja, capaz de criar e recriar o mundo à sua volta, mas também de *apassionar-se* diante do mundo, acolhendo-o tal como se apresenta. Em suma, vejo a necessidade de desenvolver nas pessoas os sentimentos de confiança, serenidade e *amor fati*;

em sua ausência, o sujeito não pode suportar o auto-conhecimento, como não pode suportar o conhecimento da realidade que o circunda e constrange; logo, não pode expressar-se nem escutar o outro; não pode dialogar livremente e não pode, de fato, ser sujeito de sua história.

Penso ainda que a desalienação e a possibilidade de expressão poética ocorrem como consequência de experiências transcendentais, nas quais o encontro com o outro se dá numa situação suficientemente protegida – por isto o procedimento da intervenção psicossocial deve ser como um convite generoso e cuidadoso à transcendência. Este “convite” pode ser operacionalizável na proposição de atividades que, promovendo e apoiando a abertura ao outro – ao que é novo, desconhecido, diferente, estranho, inédito – ofereçam ocasião para o *impressionar-se/transformar-se* (brincar, contemplar, saber) e o *transformar respeitosamente* (co-laborar, criar, transmitir saber). A contemplação e a atividade artística, a experiência de escutar e de narrar, a submissão ao lento e penoso processo de aprender algo, o êxtase que acompanha o aprendizado e a gratidão recebida pela transmissão do saber, o abandono à ludicidade e à fantasia, a submissão à necessidade e ao trabalho, o compartilhamento das alegrias e das penas, a finalização e a repetição dessas coisas – tudo isto são experiências que defrontam o indivíduo com algo que está além dele próprio... se os sentimentos e pensamentos que emergirem deste encontro puderem ser compreendidos e elaborados no âmbito de um encontro maior e confiável, estas vivências podem permitir pensar a dolorosa distância entre a consciência e o mundo, entre o desejo e a realidade – isto pode propiciar vinculações amorosas e transformações políticas.

Se tudo quanto foi dito é certo, então o alcance, por um indivíduo, das qualidades objetivadas pela intervenção determinaria notáveis alterações na extensão de seu espaço vital e no alcance de suas relações consigo e com os outros: nos desejos que seria capaz de identificar e admitir, nas atitudes que poderia assumir, nas experiências que estaria interessado em buscar, nas representações que faria de si e do mundo, nas influências que exerceria sobre os outros. Seguindo o linguajar de Kurt Lewin, haveria uma alteração no nível

de aspiração do indivíduo, coisa que seria igualmente previsível no nível de um grupo e que, em ambos, poderia ser aferida.

Pode-se, ademais, pensar que tais alterações seriam equivalentes a mudanças na auto-imagem do indivíduo ou na identidade social do grupo; a memória autobiográfica e a memória coletiva, alcançáveis através dos procedimentos da História Oral, poderiam oferecer material para investigar os processos psicossociais subjacentes às mudanças verificadas. Por outro lado, quando contempla a devolução aos indivíduos e grupos participantes dos resultados do trabalho, o recolhimento de narrativas orais pode configurar, em si mesmo, uma intervenção potencialmente benigna à auto-imagem e à identidade social.

Sobre os procedimentos de estudo:

Quanto aos procedimentos adotados neste trabalho, procurei seguir os caminhos traçados pelos pensadores já mencionados, acostumados a palmilhar e lavrar o campo dos fenômenos de imaginação, memória e enunciação; suas (e outras) lições, entronizaram em mim alguns princípios metodológicos aos quais tentei esforçadamente obedecer:

- Aguçar o olhar e buscar divisar diferentes versões, em diferentes horizontes históricos – escrituras, oralidade, imagens;
- Aventurar-se na interpretação poética e política das práticas e discursos observados, não se atendo ao aspecto racional da linguagem;
- Prestar atenção aos próprios movimentos interpretativos e procurar estar em paz com eles, desenvolvendo quanto possível a destreza no uso desses movimentos para a compreensão dos fenômenos estudados;
- Cultivar a imaginação e o senso estético, cujas raízes deitam-se na corporeidade e que são, por assim dizer, as *sementes* da empatia;
- Labutar na escrita o quanto preciso para nela fazer vicejar, tão completo quanto possa, o espetáculo das formas e transformações típicas de cada fenômeno;
- Lançar mão de ferramentas teóricas apropriadas à *delicadeza* das coisas de que se vai cuidar.

Antes de finalizar este capítulo, acho necessário prestar um ligeiro esclarecimento de ordem teórico-metodológica: neste trabalho, o uso da história oral fundamenta-se na disposição de traçar e registrar⁸ a história de uma experiência de interação entre um indivíduo e sua comunidade política, deflagrada por uma criação artística que, por suas características e seu contexto tinha poucas chances de atrair a atenção de historiadores mais convencionais. Por isto, invertendo a ordem tradicional em estudos deste tipo, tomei a versão de *seu* Mário como a “melhor verdade possível” sobre o assunto; as informações que advieram de outras fontes verbais (orais ou escritas) foram sempre utilizadas como elementos auxiliares para a tentativa de compreender o alcance e as condições das verdades já enunciadas por ele. Todavia, tratei diferentemente as imagens registradas da cidadezinha: dado o caráter plástico da obra, inclinei-me a considerá-las tão verdadeiras quanto as falas de *seu* Mário. As razões desta minha atitude talvez merecessem um tratamento mais longo do que o possível neste momento; por ora, limito-me a assinalar que, em essência, colocam em questão a distinção entre o verbal e o imagético, entre o falar e o imaginar...

⁸ Sobre esta dupla possibilidade da história oral, há esclarecedores reflexões no livro *Manual de História Oral* (MEIHY, 2002) e em outros trabalhos do mesmo autor.

II – ALGUMAS NARRATIVAS SOBRE A CIDADE MINIATURA

*“O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

*E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.*

*E assim nas calhas de roda
Gira a entreter a razão,
Este comboio de corda
Que se chama coração.”
[Fernando Pessoa]*

CAPÍTULO 3:

A história contada por seu Mário...

*“O viver humano não pode ser plenamente dito;
entre o dizer e o indizível emerge o falar poético.”*
[Gilberto Safra]

Este estudo construiu-se fundamentalmente sobre a história do *presépio-cidade miniatura*, tal como foi contada por Mário Ramos Nogueira em nossa entrevista ao final de 2004; esta entrevista foi gravada em fita magnética e seu conteúdo transcrito e textualizado; posteriormente, o texto escrito resultante foi lido e autorizado integralmente por seu Mário. Em verdade, a fala de seu Mário resultou numa autobiografia e eu, tendo recebido lições de historiadores orais como Ecléa Bosi e José Carlos Sebe Bom Meihy, não poderia atrever-me a furtar ao leitor o acesso ao texto completo; nenhuma ordem de consideração justificaria que a narrativa daquele homem fosse desfigurada para adequar-se às minhas próprias intenções e, por outro lado, não posso prosseguir antes que o leitor conheça a história do presépio - cidade miniatura, tal como seu criador pode narrar. Assim, não encontro maneira de “contar o conto que seu Mário contou”, senão apresentando sua narrativa aqui mesmo, no corpo do trabalho, não obstante isto contrarie o costume usado no mundo acadêmico de reproduzir as entrevistas entre seus anexos. Isto posto, o segue o texto⁹...

A promessa:

1. *Vocês querem saber da história do presépio, então eu vou contar porque eu comecei a fazer o presépio: a minha profissão mesmo que eu trabalhava era de dentista, não conhecia esse negócio de lavoura, não tinha prática, eu não entendia nada... mas a minha família era tudo da lavoura e gostava da lavoura, então eu falei: vou comprar um sítio... eu queria que eles também tivessem serviço, então eu comprei o sítio mas tudo que eu plantei lá eu perdi... Então, quando eu não estava*

⁹ Embora um trabalho de transcrição sobre este texto pudesse torná-lo mais fluente e aprazível, prefiro manter aqui a versão lida e aprovada por seu Mário.

agüentando mais, estava perdendo demais, eu falei: bom, eu vou comprar um rebanho de gado, mas tudo bezerrada. Eu pensava: esses aqui dá para criar e depois eu vendo e pago o sítio e fico livre. Mas foi ao contrário: quando eles ficaram no ponto de vender, começou a morrer... aí eu fui ao veterinário e ele desenganou de uma vez, e falou: “você não vacinou ele antes... então, essa doença chama cabrunco (é a peste manqueira que fala vulgarmente), mas só que ela não tem cura, se você não deu vacina... e os gado mais bonito é que ela ataca mais. Eu vou te dar o remédio à toa, mas não vai dar, porque você não deu vacina...” Mas eu falei: mas eu vou vacinar assim mesmo. Quando eu cheguei lá, estava tudo deitado! Bom... e era na véspera de natal; então, eu não acredito em milagres, mas naquele dia, naquela vez deu certo! Ai eu cheguei lá estava tudo deitado... Fazia um calor! Eu chegava lá, e aquela bezerrada criada no pasto... tinha amor neles, sabe? Esse córrego aqui do campestre passava lá no meu sítio. Aí eu peguei um balde que tinha lá, fui lá no córrego, enchia d'água e trazia... mas podia encostar no focinho deles, que não bebiam água mesmo! Eu fiquei desesperado em ver aquele gado tudo morrer! Tinha 72 cabeças, ainda: se eu vendesse, ia pagar o restante que eu devia do sítio e ia ficar livre... mas se morresse, eu tinha que entregar o sítio e ainda ficava devendo. Aí que me desesperou! E, naquele desespero, eu olhei para o céu e falei: para a justiça divina eu vou apelar agora... falei: bom, se de hoje, de agora em diante, que ainda tenho 72 cabeças – mas tudo afetada, caindo doente – se não morrer nenhuma, eu vou fazer o almoço de natal dentro da manjedoura, da mangueira... e quem tiver nojo, que é um lugar sujo, não vai; mais eu vou almoçar lá, nem que for sozinho! E vou começar fazer o presépio – que era no dia de Natal – e, enquanto eu viver, eu vou sempre aumentando, nunca paro de fazer o presépio. Aí... aí fui para casa. Mas era de tarde: cheguei lá, mas eu não dormi a noite inteira, não... Pensava comigo: ah, isso, fiz uma promessa aí, mas isso não vai dar certo, não... aí, eu levantei... era três horas da manhã – o que não é de admirar, por que ontem mesmo falei... (pra quem que eu falei?) que até hoje eu levanto às quatro horas – aí eu fui, cheguei num primeiro córrego que não era o campestre, era um corquinho mais

pequenininho, estava ali um gado... mas estava meio escuro ainda – meio escuro não, estava escuro ainda! Pensei: pode ser o meu... mas não! Deve ser do vizinho, que arreventou a cerca e veio aí! Mas falei: mas eu vou lá no lugar aonde eles estavam deitados! E fui até lá... quando eu cheguei lá, não tinha nenhum! Olha, mas eu vinha que nem um louco; quem encontrasse comigo naquela hora, corria... eu chorava... de alegria, né? E gritava e vinha que nem um doido de alegria, para ir ver! Quando eu cheguei já estava clareando mais um pouquinho, e eu vi... e do meu gado não morreu nenhum! É... Aí, naquela fé, eu comecei o presépio. Eu fui, no dia de natal, comprar os santinhos para arrumar o presépio, que eu não entendia nada; era a Casa Guedes que vendia santo... ih! o dono ficou bravo comigo: “eu não abro, nem que fosse o Juscelino” – que naquele tempo o governo era o Juscelino Kubitschek – “nem que fosse ele, dia de natal eu não vou abrir a loja, não!” Então eu falei: Eu fiz uma promessa de começar hoje! Uma promessa e valeu! E se você não me vender os santinhos, a promessa vai para você, é você que vai ficar devendo! Sim, pois eu não vou cumprir minha promessa mas o culpado é você... que custava? Então, quem vai ficar devendo a promessa é você, eu estou livre... E ele: “Não, isso eu não aceito não!” e eu respondi: – Então, abre! Aí ele abriu a loja e vendeu tudo os santinhos que era preciso; eu cheguei em casa e armei o dia de natal! É esse ranchinho aqui... tem mais de sessenta anos, porque foi em 49 que eu fiz - e eu cumpri a promessa até 99... Aí, como eu estava contando: quando foi no almoço, falei: Bom, agora vou montar tudo lá, mas ninguém vai querer... que nada! A mulher arrumou a mesa lá no mangueirão, e logo já chegou o meu irmão com a família, que ela era de Bauru – ele era Tenente da Polícia – e eu falei: Olha, o almoço é lá no meio da mangueira... ele respondeu: “Não tem nada; eu estou acostumado com piquenique”. Nós fomos lá, tiramos fotografia; até hoje eu me lembro: foi o almoço de natal mais contente da minha vida!

O presépio:

2. *Aí, eu comecei a fazer a promessa... fiquei cinqüenta anos armando: comecei em 49 e vendi – vendi, não; eu doei em 99... então foram cinqüenta anos. Mas todo ano eu aumentava um tantinho assim; o presépio estava lá, eu fazia uma vila, colocava ali; fazia outra, emendava uma vila com outra... Era uma cidade, mesmo! Então fazia montanha, tudo... fazia as casinha naquela montanha, tudo; fazia gramado... enfim, ela inteirinha movimentada. Tinha quartel com soldados marchando, tinha campo de futebol, tudo jogando... Bom, isso tudo está lá; na hora de armar, é só ir lá. Se quiserem que eu dê uma mão, eu vou; no dia que eles quiserem uma mão... eu estou ruim assim, mas de cabeça eu estou bom!...*

A cidade miniatura:

3. *Quando entrei nos cinqüenta anos tinha uma cidade, aí, que vieram gente filmar! Vinha gente de quase todo o país – eu não sei como descobriam... Gente de chegar aqui e falar assim: “Eu vi muita coisa aqui no Brasil que eu gostei, mas isso aqui? Eu nunca vi!”*
4. *Até veio uma turma... lá daquela terra, daqueles pretos que ganharam a... era tudo médico, mas eram... Eles me deram por escrito: “A Cidade Miniatura Maior do Mundo”... Mas um coronel veio passear com a família, a família veio e pediu para levar, e levou aquele jornalzinho... e eles não me devolveram; que senão, era uma prova que eu tinha...*
5. *Mas aqui foi considerada a cidade miniatura maior do mundo! Que foi gente ver outras, por exemplo, na Suíça... e outros lugares, também; foi gente daqui lá pra ver: lá, era muito maior porque era um quarteirão, mas disseram que lá era rua larga, do jeito do cemitério do Araçá lá de São Paulo; então, um quarteirão assim não tem quase nada... um quarteirãozinho dos meus, aí, tinha muito mais coisas... Então, a minha foi considerada a maior cidade miniatura – maior, a maior do mundo!*
6. *Eu tenho fotografias, mas antigas... É uma pena não... Quem não viu o presépio... Mas quem viu, prova o que eu disse: funcionava tudo, mesmo! Ficava aqui mesmo, na casa que eu moro... a porta de entrada do galpão até eu barreei e abri outra... eu não quero nem abrir aí*

porque... eu guardo tudo quanto é coisa aí... está tudo bagunçado, mas não é vergonha porque já acabou... Mas o tamanho que era, olha: o tamanho era isso aqui: dava 220 metros quadrados de cidade! Tudo em movimento; a cidade inteirinha! Tinha dois trem de ferro, que dava voltas lá, por todo o comprimento, passando perto da muretinha onde as crianças ficavam para olhar! Quem viu, sabe... Agora, eu guardo aí coisas velhas; tudo quanto é coisa eu tiro daí pra fazer a... e eu faço. Tinha a cidade, que eu fiz só com coisas velhas... por isso é que não acaba também. Tinha o parquinho, tudo com ferro velho, máquina de costura, tudo usado, velho, porque também, novo, eu não podia comprar...

O circo:

- 7. Um dia desses eu estava falando de música... Eu tenho ainda a partitura de um chorinho que eu escrevi em 38... Chama "Não me toque"... Eu fui músico de circo; só não fui palhaço... Eu era músico e tirava as música para a turma do circo, porque o maestro era maestro e não sabia nada, sabia só tocar. Eu não: além de tocar, tirava música para cada instrumento... e o meu, eu enfeitava mais – no meu instrumento eu colocava cada floreado bonito, cada arpejo!*
- 8. Meu chorinho é tudo semicolcheia... Difícil de tocar. Bom, naquele tempo era fácil. Agora nem lendo que dá para tocar... É, eu viajava, eu era músico do circo, era profissional... eu e a minha primeira patroa, porque a Matilde é a segunda. A primeira, a outra, ela que viajou comigo e ela trabalhava também; ela fazia papel nas farsas, como na Escrava Isaura... Isso aí foi antes de começar a fazer o presépio – que eu andei com o circo foi em 40... de 40 até... Em 49, quando eu comecei a fazer o presépio, eu já tinha saído do circo... Porque eu fiquei doente, também, de tanto tocar. Porque tocava no circo e quando ia deitar pra dormir, era junto, morava junto... então, as meninas tinham que fazer ginástica, treinar de manhã e, com aquele barulho, eu não dormia. E aí eu deixei pra lá... Também, eu tocava lá, pra pegar dinheiro, até as 11 horas, quando terminava o espetáculo... mas quando terminava, já tinha carro*

lá fora esperando para nós ir tocar lá na... era lugar de muito paraguaio... então, depois do circo, eu ia tocar lá na... na zona mesmo, pra falar o português claro... o que vale é ganhar dinheiro, né? Então eu tocava no circo até meia-noite e depois da meia-noite... também, não tem homem que agüente, assim... Quase todo mundo morreu, daqueles que tocava. Mas eu sarei bem, graças a Deus! Também, naquele tempo eu era novo... Tinha um médico aqui que falou: “Não, se você fizer tudo que eu falar você não morre!”... Que eu já estava vomitando sangue! Lá em Araçatuba, o médico me enganou; chegou aqui em Lins, ele falou: “Não, isso não é nada”...

A escola:

9. *Eu sou nascido numa cidade perto do Rio de Janeiro... Bananal; fica entre Barra Mansa e Barra do Piraí... A cidade chama Bananal e lá que eu comecei a estudar... Até era gozado, naquele tempo: lá dava até o 2º. Ano, só; mas no segundo ano a gente estudava aritmética... hoje é diferente é os nome: parece que aritmética é o Português... não, o Português é o outro... eu sei que era trocado o nome das matérias, mas era a mesma; as matéria era as mesma... Eu não aceito, não! No 2º. Ano lá do Grupo, olha: era História Universal, História do Brasil... Hoje, tem gente que sai daqui com o diploma de quatro anos sem aprender nada disso... vai se fazer o quê?! Lá, a gente entrava às 10 horas na escola e saía às 5 da tarde... não tinha recreio – tinha meia hora de recreio e o mais era estudar... Em dezembro, tinha 15 dias de férias. Você vê como é diferente: agora, tem férias em junho, tem em dezembro... então, a maioria não estuda, mesmo! Aquela vez era puxado e tinha os castigos que hoje não tem. Naquela vez, se a gente não estudasse ainda ficava que nem bobo na rua, com braço estendido, segurando o livro aberto assim... o povo passava e falava: “Olha a cara daquele palhaço!” Era castigo! Era uma hora de pé, com o livro na mão e ficavam na porta, olhando: se a gente cansava e queria abaixar ao braço, ia lá com a régua e batia. E a gente, de vergonha, para não acontecer aquilo, estudava que nem doido! Eu estudei, mas não tirei*

diploma nenhum... estudei até o segundo ano... mas era um estudo que Deus me livre! A escola que eu estudei era “Escola Pública do Bairro de Santana do Bom Sucesso”, que era o padroeiro de lá – mas era no município de Bananal.

A origem:

- 10. Meu pai veio pra cá por causa de política, né? Tirou nós da escola, ainda, que nós estava estudando!... Por causa de política, que a política que ele tava caiu e aí ele ficou sem ganhar nada, ele veio pra Noroeste, que tinha um emprego aqui pra ele administrar uma fazenda, aí... E trouxe nós para a fazenda...*
- 11. Chegou aí, ele não veio no tempo certo, perdeu o emprego, também. Falaram pra ele: “Já tem outro no seu lugar” Aí, ele teve de pegar café de colono – coisa que ele nunca fez, ninguém de nós nunca trabalhou nisso, mas... juntava aquela turma, ele e nós... com quatro filho que ele tinha e ele, nós em cinco, fazia sociedade com um homem lá, sozinho, só porque ele era bom... que nós quatro junto não fazia quase o que ele fazia, que ninguém sabia trabalhar...*
- 12. Ninguém sabia trabalhar... juntava aquela turma... para comer nós era bom, comia bem... comia bem não, porque não tinha quase o que comer... passava uma fome desgraçada! Ah, não gosto nem de me lembrar! Negócio de passar fome não faz mal eu contar, porque eu passei fome, mesmo¹⁰ ...*

A idéia:

- 13. A idéia é assim: por exemplo, fui na casa de uns parente meu lá no Rio... no Rio, não; numa cidade pra cá do Rio, esqueci até o nome, meu Deus!... então, lá tinha um átrio, assim – a cidade chamava Monte Cristo, isso mesmo! Então eu tirei uma parte e pus aí; tirei outra parte foi da Aparecida do Norte: a Igreja nova, a Igreja velha e a passarela... Então, aonde eu via qualquer coisa, que eu viajava... Na Bahia eu não*

¹⁰ Neste momento, seu Mário pediu que o gravador fosse desligado. Em essência, o conteúdo de sua fala durante este período foi retomado depois, quando a gravação prosseguiu.

fui, mas tinha o elevador Lacerda, passou e eu decorei bem ele e fiz... Fiz o Elevador Lacerda, a parte baixa da cidade, a parte alta, tudo... Até era uma fortuna, aquilo lá... que, de lá, mandaram um telegrama pra mim: se eu mudasse a cidade em miniatura pra São Salvador, podia pedir o que eu quisesse – eu podia ficar milionário; milionário, não; bilionário! Falei: eu vou vender... mas aí ele falou: “Mas você vai ter que vir armar ela aqui”... falei: Mas aí não tem nenhum baiano capaz de armar ela aí? “Ah, não tem!” Então eu respondi: Mas não tem um ditado que diz que baiano burro nasceu morto?...

A dificuldade:

14. E acontece que é difícil mesmo... se a Irmã tivesse levado daqui, por exemplo, uma vila; que já tivesse preparado o local e, chegando lá, logo pusesse ela; depois, viesse buscar outra; era muito mais fácil pra ela... Mas levou tudo de uma vez! Atrapalhou tudo, mesmo! Agora, o jornal está falando: “A cidade em miniatura continua ensacada”... Eu tenho esse jornal, aí. Quer dizer: eles levaram a perua cheia, ensacaram nesses sacos de... Agora ficou lá, tudo ensacada... está ensacada, mesmo... e aí cria cupim, mesmo, porque fica tudo amontoado! Mas se eles tivessem levado uma viagem e logo armassem, seria a coisa mais fácil, meu Deus do céu! Eu não sou engenheiro, não sou nada, mas... é fácil! Basta calcular que jeito que é uma cidade e pronto! Mas eles, não; levaram tudo de uma vez, agora ta achando difícil de começar... é isso que está acontecendo! E ela quer fazer melhor, também, do que era aqui; porque aqui em fiz no chão; lá, eles vão fazer em cima de uma mesa... de fato, fica melhor, mesmo... Mas no chão dava mais impressão: eu fazia as montanhas no chão, mesmo... Tinha lago, tinha... Agora, em cima da mesa é difícil pôr água, monjolinho trabalhando... é mais difícil. Então, é assim que foi o negócio...

O futebol:

15. Conforme eu via uma cidade e via uma coisa que eu gostava, eu olhava, guardava na memória, vinha aqui e fazia. E quando eu queria fazer uma

coisa difícil, que não tinha pra comprar, eu ficava pensando: como é que eu vou fazer?... Que nem o campo de futebol... Eu falei assim: Mas como é que eu vou fazer? São 22 jogadores... e aí arrumei a mesa e fiz cada jogador com uma poliazinha e tudo de botão, assim: conforme mexia aqui, ele virava a perninha lá... e eles jogava futebol, mesmo! Quem vinha aqui, via... E eles fazia gol contra, também! Eu pus os jogadores, uma parte de cá, outra de lá... Eu sou São Paulino, mas a torcida que mandava era Palmeiras e Corinthians; então eu colocava, de um lado, Palmeiras e, de outro, Corinthians... Eh! Mas o pessoal fazia aposta e era a coisa mais gozada, maior atração era aquilo ali! Porque todo mundo gosta de futebol e aí chegava um e falava: “Eu sou corintiano, faz um gol do Corinthians”... eu respondia: Mas eu não faço gol; isso aqui é mecânico... Então, eu ficava mexendo, lá, e o que tivesse sorte marcava gol. Tinha algum que marcava contra e eles ficava... Era uma boa atração e era bom pra mim, também, porque eles faziam aposta e às vezes o jogo ficava empatado, não ganhava nenhum; e, depois, eles voltavam lá pra desempatar... e ia caindo dinheiro, né?

O quartel:

16. E tinha, lá, o quartel também... Lá no quartel eles me deram chaveiro, tudo... me deram um diploma de Amigo do Batalhão... tudo que era coquetel, qualquer festinha que tinha lá, já batiam aqui em casa! Até uma vez eles iam me entregar um troféu, um medalhão, e eu fiquei com vergonha... Falei: aquela festa no quartel, aquele mundo de gente, pra mim falar lá naquele pátio no meio daquele mundo de gente, e eu falei assim: Eu vou me atrapalhar, eu erro lá... Quando o carro deles chegou aqui pra me buscar, eu saí daqui... eu não tinha nada, mas saí mancando, puxando a perna... Falaram: “Oh, seu Mário, o senhor não tá ainda...?” Falei: Eu não posso, não posso nem entrar aí; em automóvel nenhum, eu não posso, pois a minha perna, uai! E falaram: “Ai, que pena! E for como for, o general está aí, mandou a família que vieram ver a cidade em miniatura e, com urgência, mandaram o convite para o senhor de todo jeito, porque ele quer entregar um troféu para o

senhor!”... Pois é, eu sinto muito, mas eu não vou. Eles foram embora... mas daqui a pouco chegou com um furgão com uma porta deste tamanho, com uma caminha, ainda, lá dentro... falaram: “Olha, seu Mário, você tem que ir mesmo... você vai deitado.” – Ai, meu Deus do céu... ai, meu Deus do céu! A gente passa por cada uma na vida! Quando eu cheguei lá, que foi entrando assim, antes de chegar lá na entrada, ficou todo mundo só de baioneta grudada, assim, e eles tudo me aplaudindo como se fosse grande coisa, parecia que era grande coisa que entrava ali! Quando eu cheguei lá, o Furquim, que era o prefeito, foi o primeiro que me deu os parabéns. Quando foi a hora, nem com aquela desculpa de estar manco não teve jeito: Chegou a hora, tudo mundo olhando pra nossa frente: “Quem que não conhece o senhor Mário, da cidade em miniatura?” E todo mundo bateu palma, que todo mundo me conhecia, mesmo... e então: “Senhor Mário, faz favor de descer e ir no pátio onde está o general e o coronel, porque ele quer te dar um troféu.” E eu falei: E agora? Aí, eu fui... Quando eu cheguei lá, tava mancando; mas nessa hora eu não manquei muito, não, para o povo não me... já fui melhor. Aí, ele me entregou um medalhão, tudo escrito no medalhão... (Ele está aí... tem um diploma, também, de lá que eles me deram). Aí, eles me deram o medalhão e eu falei: Vou falar pouquinho, porque quem fala pouco erra pouco... – porque falar muito erra muito, é sempre assim, né? Aí eu falei: Acabo de receber da mão do general esse troféu, esse medalhão, que eu guardarei com muito carinho pelo resto da minha vida... e Viva o General! Viva o Coronel! e Viva o Exército Brasileiro, que é a segurança do nosso país!... O Furquim, que era o prefeito, foi o primeiro a me dar os parabéns... ele falou assim: “Seu Mário, você falou pouquinho, mas falou tudo o que precisava!” – A gente tem que encurtar as palavras, né? Aí, eu vim de lá e falei: Graças a Deus!...

O cidadão linense:

17. Mas depois disso eu não escapei também... eu não gosto de falar assim porque... quem é locutor, fala, e a profissão dele é aquela... agora, a

gente que não é... é chato, viu? Parece que fica todo mundo olhando! Tinha aí um diploma de Cidadão Linense que me deram, né? Aquele dia foi outro dia de apuro!

18. *O Tinós era o prefeito... Ainda ontem ele esteve aqui, esteve até me ajudando a arrumar o trenzinho, aí... ele vem sempre me ver, ele é muito meu amigo... Mas naquele tempo, ele era prefeito... Então, ele falou que eu precisava receber uma certidão de Cidadão Linense enquanto eu estava vivo porque homenagem depois que a gente morre, o dono daquilo não vê. Aí me chamaram e eu fui lá, mas eu não gosto... Estava cheio de gente lá embaixo! Subi, que era pra receber a certidão... tornei passar aquele apuro! Aqui em casa, não... é fácil: chega gente aqui, pergunta as coisa, eu falo... Mas é ruim quando é fora, né? Mas só que eu falo o que aconteceu, mesmo; mentira eu não falo!*

Os desejos:

19. *Eu gostava tanto que a irmã abrisse o presépio! Podia alguém dar um palpite pra ela abrir... Agora que o fim do ano vai chegando, é o dia inteiro gente batendo palma aí no portão, desde cedo até de noite: “O senhor não vai abrir o presépio?”...*
20. *Mas a irmã está esperando uma ajuda... Eu fico me perguntando: Será que ela quer muito abrir o presépio? Será que ela quer muita ajuda? Mas, meu Deus do céu! Ela não pode precisar de muita ajuda, não, porque se ela pedir muito, não arruma... E eu queria que as pessoas vissem a cidade miniatura...*
21. *Eu fazia como fiz, por exemplo, o parquinho... uma cidade não precisa ter parque, porque o parque é uma coisa fora... mas eu vi o parquinho e falei: Não, mas numa cidade sempre vai um parque, um circo, né? Ah, eu fiz um circo, também! Eu fiz o circo Real Madrid... até foi gozado: o Real Madrid veio aqui, viu a cidade e pediu pra fazer o circo; aí eu fiz! O circo do Real Madrid era tudo coberto de vermelho... Eu tenho retrato aí... mandou tanto retrato, me deu cadeira permanente lá... fizeram tudo pra mim, também! Mas eu fiz um cirquinho de acordo como era! Quando as crianças chegavam aí, elas falavam: “Será que eles estão*

trabalhando lá dentro? Quero ver!” porque o circo era tudo arrumadinho... Então, eu ia tapeando as criança: Eles estão trabalhando lá dentro, mas não pode ver... vocês pagaram pra ver a cidade, agora pra ver o circo, não; vocês vê só por fora... Agora, o parquinho, não; esse dava pra ver...

22. Agora, aqui tem um parquinho, também, que eu fiz de novo... mas aquele que está lá, aquele é muito mais bem feito! Aquele lá é mais bem feito e mais seguro! Aquele eu fiz, mesmo, pra cidade. Aquele é feito com armação, não é de guarda-chuva, como esse aqui, não; é uma armação forte. E o campo de futebol também está lá... O campo de futebol foi uma pena dar cupim!... Bom, mas eles pode recuperar, porque o jogador é de ferro, não tem perigo, não! Eles põe lá na madeira, eles faz, lá...

23. Mas só esse tanto que eu tenho aqui, se eles viesse buscar pra armar lá, dava pra Irmã tirar muito bem o dinheiro que eles me paga... que a Irmã é muito boa pra mim. Que o trato que ela fez comigo (Eu sei que ela pediu segredo, mas eu não sei segurar, mesmo), é dela me dar 3 salários, e eu dar a cidade pra ela... Porque eu ia vender a cidade miniatura, vendido mesmo, mas aí era só a cidade... ia vender para um meio parente meu, lá de Marília... Mas aí a irmã veio aqui e falou: “Olha, seu Mário, não vende, não... Isso é uma coisa tão bonita, deve ficar aqui em Lins”... Aí eu falei pra ela se ela queria comprar, então; ela falou: “Não, pra mim comprar assim, não... mas nós faz assim: nós faz um contrato, o senhor doa pra mim, que o senhor não pode vender” Falei: não... Ela falou: “Vender, assim, não; tem que falar que vai doar, porque fazer a cidade por promessa e vender, não dá...” Ela falou: “Então: nós faz um contrato, eu te dou 3 salários”. O negócio pra mim foi bom, mas pra ela não foi, não, porque o salário vai subindo, né? Naquela ocasião que ela fez o negócio, o salário ainda era micharia, que já está passando de 4 anos... Se ela tivesse pagado o preço que eu dava a cidade pra ela, já estava livre... mas, naquele tempo ela achava mais bom pagar os 3 salário, né? Então ela fez assim... a hora que morrer eu e a minha patroa, aí é tudo dela, mesmo... mas enquanto nós viver... que nem: ela pagava 3 salário; morreu o meu cunhado, pra ela foi melhor... mas pra

mim foi pior, viu? Que ele me ajudava... Meu cunhado era... era a mão, meu braço direito... Ele morreu, então aí já cortou, já ficou só 2 salário... Agora, a hora que eu... Agora eu com a minha patroa... que eu não sei qual é que vai morrer primeiro... tomara que seja eu, meu Deus do céu! Porque se ela morrer eu fico sozinho, aí... aí eu morro, porque... Então, aí ela paga um salário só; aí na hora que morrer o último, ela fica com a cidade. Mas ainda assim eu estou trabalhando, que eu não posso ficar parado! Mas eu estou trabalhando aqui é pra ela, que essas casinha é tudo pra ela! Porque eu não vou levar tudo, de jeito nenhum! Que quando eu morrer, não cabe no caixão...

As casinhas:

24. Mas eu estou fazendo e não paro de fazer, porque à tarde... agora eu tirei as ferramentas daí porque toda hora vem gente ver... mas depois torno a colocar aí. Quando for de janeiro em diante começo a fazer casinha... Se eu fizesse nem que fosse uma por dia já dava... mas eu faço cinco, seis casinha aí por dia... Eu faço as casinha de duratex, de tudo, que tem casa aqui que eu faço de ferro... Como essa: essa aqui é de ferro, é daquele cano de ferro que está lá... cortei aqui, já dá uma casinha... Então, essa não acaba mais... mas aí tem umas casinha mais simples... agora, tem umas casinha bem feita! Essa aqui é simples... mas olha aí: tudo conjuntinho, olha!... As vidraça eu faço desses escorredor, onde se põe louça pra secar... aqueles quadradinhos dele eu tiro e faço as vidracinhas. Ali tem uma, quer ver?... E tem casinha bonita, aí, caprichada... deixa eu ver se eu pego uma aí pra ver... Olha, uma... uma igrejinha, aqui... Olha as vidracinha, aqui... não, nessa eu não pus a vidracinha, ainda, mas é só... as vidraça eu corto desse escorredor...

25. Aqui é umas casa que... que eles pede aí pra mim fazer... fiz hospital, pra eles também, olha... lê pelo nome, aí, o... Dr. Alfredo Borghetti... Mas ele não tem hospital; não tem... ele pede pra fazer, que é pra fazer propaganda pra ele... aí eu faço hospital... hospital, ou outro prédio... Pode fazer uma igrejinha, assim... Mas eu estou fazendo é pra Irmã...

- Olha outro hospital, aqui, de dermatologia... e aqui, também, de cardiologia...*
26. *Está aqui o parquinho... ainda tem casa aí... mas essa aqui eu comprei, mas eu não gosto de comprar, eu gosto de fazer... Olha que casinha mais bonita, olha... só que ainda não pus aqui o fundo... essa dá trabalho pra fazer! Agora essas outra é simples...*
27. *A linha também dá trabalho... O trem corre a linha inteira! Emperra só se alguém derruba alguma coisa aí na linha, mas senão... ele vai dar a volta lá no fim... faz a volta lá e vem parar aqui... Tem que fazer o lugar de parar, só que ainda não fiz, porque... Só isso aqui, se eu quiser abrir pro público, aqui enche de gente, com essa coisinha, aqui... do tanto que criança gosta de ver trenzinho, essas coisa aqui! Agora, o trem que está lá com a Irmã ainda é melhor, que a linha é muito maior... Esse aqui já é uma volta grande, né? Esse negocinho aí, quando liga tudo, já é bonito, viu? E ainda tem coisa que não está funcionando...*
28. *Mas tem duas casinhas, aí... a casa que eu mais gosto é essa aqui... até chegou uns aí, perguntou: “E qual era a casa que o senhor queria morar?” Eu falei: Essa aqui... Agora, aqui por baixo da casinha eu ponho a luz dentro, aí iluminava... A casa que eu gosto mais é essa...*
29. *Agora, essa eu comprei pra mim fazer modelo, mas iguais eu não faço, não. Tem duas casas dessas, e a outra... essas duas aqui foi eu que fiz, mas tem 50 anos, também, tem que ir comparando, também... Mas com tudo que eu tenho de cuidado... aqui tinha uma bandinha de música tocando, mas quebrou uns par deles, uma bandinha de música... eu vou colar... tem um que está descolado... Mas aqui... mas se a gente for contar, mesmo, quantas... essa casa aqui, que eu comprei pra tirar modelo, custou 45 pau; agora essas aqui eu paguei caro, também, porque era pra... Nessa aqui já pus a portinha... fica mais bonito, né? Como esse pedaço de ferro, aqui: colocou janelinha, colocou telhadinho, pronto! Porque no meio da cidade tem que ter casa de todo jeito...*

A saudade:

30. *Teve coisa que aconteceu aqui na cidade que não dá pra acreditar! Uma vez teve um cara aí que era da Bahia, ele... quando eu liguei a cidade inteira, ele ficou meio louco, aí... Ele falava: “Ai, meu Deus! Ai, minha Nossa Senhora! Meu São Bom Jesus! Ai, se eu pudesse estar com a minha mãezinha aqui!”... Mas deu um espetáculo, aqui! Mas de berro, mesmo! O rapaz ficou meio louco... Ele lembrou da mãe dele, lá na Bahia, e ele queria que ela estivesse vendo aí; então, perdeu um pouco até da memória, pegou de grito, aí... Cada coisa que aconteceu, aqui! Agora...*
31. *Então vinha gente de todo lugar; às vezes vinha gente que quer ser muito... pra falar a verdade, a gente não leva nada desse mundo; a gente não deve ter preconceito, ser orgulhoso... mas vinha gente, aí, que olhava a cidade, olhava pra mim, entrava com um pouco causo danado aí... Outros, não... Mas quando os dois trens dava uma volta inteirinha e se encontravam, então eu acendia a cidade inteirinha, com todo o movimento de uma vez... Ah!... mas era uma coisa, mesmo! Por isso que o rapaz ficou gritando daquele jeito... Era uma coisa mais bonita que tinha: de uma vez só, os trens dava a volta; então as crianças falava: “Ué, não vai acender a cidade?”... Os trenzinhos dava aquela bruta de volta, quando chegava ali que eles encontrava, ai eu já deixava tudo preparado lá e já ligava e ta, ta, ta... Aí ficava a cidade acesa e tudo em movimento! Eh! dava uma emoção, vixe! Tudo mundo gritava, mesmo! Era uma... Aquilo eu tenho saudade... eu falo pra minha velha, aquilo era minha vida, viu? 50 anos tocando aquilo... parece que faz parte da minha vida. Agora, não... sou uma pessoa triste, porque não tenho... acabou-se... Era todo natal, tinha aquela alegria, e aquela criançada em cima de mim, naquele banquinho... eh, meu Deus! E eu gosto tanto de criança... Vinha criancinha de todo tipo... e tudo a mãe falava: “Abraça o seu Mário!” e eu ganhava aquele abraço das criancinhas... aquilo tudo me emocionava, eu gostava, mesmo! Agora, acabou a cidade... É, tudo tem um começo e tem um fim; mas eu mesmo tenho saudade... eu estou torcendo pra irmã fazer lá pra mim ir ver a cidade...*

32. *As Irmãs vão tocar a cidade com o meu nome, ainda. Ela falou, lá, não sei, que elas ia trocar o nome, lá, mas não sei quem que falou que depois que passa 50 anos uma coisa não pode tirar mais o nome, tem que continuar com aquele nome, então ela disse que ia continuar “Cidade em Miniatura do Mário”, mesmo. Então, estou torcendo mais ainda pela continuação...*
33. *Coitada da Irmã!... Lá nem pode fazer igual o que era aqui... pois naquele tempo que eu comecei, era tudo elétrico... eu ia lá em São Paulo, numa casa que tinha lá, e comprava as maquininha pra arrumar aqui; mas todas as máquina era elétrica... e hoje não tem... essa aí é à pilha. Com aquelas máquina elétrica, então quando passava lá no quartel, o soldadinho já corria abrir a portinha do quartel com a bandeira, esses que era os movimento bonito! Quando chegava na estação, abria as duas portinhas e os guardinhas já saía com as lanterninhas na mão, assim... aquilo era o meu gosto! Que eu gosto das coisas quase perfeitas, e ali é que dava pra fazer, porque todos os movimentos que queria, fazia... e à pilha, não dá. Porque, tinha aquela linha que passa, eu ligava a ligação no lugar que eu deixava, por exemplo, um trilho um pouquinho mais alto, assim, e o peso da máquina, que era elétrica, baixava o trilho e, na hora que ela baixava era justamente a hora que ligava, dava o curto, aí o hominho saía: abria a porta, tudo... quando o trem passava, o trilho levantava, apagava sozinho... era tudo automático e era tudo perfeitinho. Agora as irmãs não vai conseguir... só se elas forem nos Estados Unidos, comprar lá, que era tudo inglês; porque aqui não tem mais – o que tinha eu comprei tudo... Eu fui lá, e o caboclo tinha fechado a firma, lá na Leonel, que era lá na...*

O trabalho:

34. *Eu comprava tudo em São Paulo; e gozado que eu comprava lá, tudo importado. Eu chegava aqui, eu modificava. Você vê como é que é as coisa: eles faziam um rolo de fio, então, se soltava a máquina aqui do jeito que vinha, ela ia... mas se ela pisasse num grãozinho de areia que desse o curto, ela voltava pra trás; nela voltar pra trás ela derrubava...*

um dia ela derrubou o trem tudo dentro d'água, que ali tinha um lago grande, né? Qualquer coisinha e o trem fazia manobra sozinho. Um dia eu falei: o trem eu quero que anda só pra frente... Cheguei aqui, eu tirava aquele rolo de fio e ligava só com dois fio, fazia a ligação; aí ele corria que era uma beleza! Outra coisa também que o povo riu aí: eu tinha um lago tão grande que eu usava bota, porque, de vez em quando, acontecia qualquer coisa e eu tinha que pular na água... Um dia, o trem vinha que vinha, e era um trem comprido porque, quando era elétrico, eu punha até 20 vagão, aí... então ele vinha... Quando foi passar na ponte, um danado dum sapinho (criou na lagoa, lá, porque em água cria sapo, né?)... pois o danado do sapinho pulou e ficou bem em cima da linha, assim. Eu falei: será que ele não vai pular? E todo mundo ia ver; todo mundo olhando... Falei: ah, ele vai pular na hora do trem! Ele pulou mesmo, mas só depois que o trem bateu nele! O trem bateu nele, ele pulou... mas o trem caiu dentro da lagoa! Derrubou o trem! Aí eu pulei na água, lá... já tava de bota, mesmo, né? Mas como é que o sapo vai ficar na linha justo na hora do trem passar?! Ele não pulou; será que não viu? A linha tinha ligação de eletricidade! Bom, mas a ligação era de 6 volts, só: não ia queimar o pé do sapinho... eu me admiro do filho da mãe pular ali, ficar esperando o trem, quando o trem bateu nele, que ele pulou, o trem também empacotou...

35. *E um dia, meu cunhado trabalhava comigo aí, e o trem tinha caído; e ia entrando umas mulheres e ele não tinha aberto ainda, mas elas entraram antes... Quando ele viu, falou de lá: “Mas não é hora de entrar, ainda!” e nisso eu disse: “Pega o trem aí!”... Ele abaixou pra pegar o trem, e a mulher pensou que ele abaixou pra pegar uma pedra pra jogar nelas... As mulher saiu correndo, e meu cunhado saiu correndo atrás da mulher falando assim: “Volta, dona!” e ela: “Deus me livre! Isso parece casa de gente louca! O homem queria me jogar uma pedra!”; mas que pedra? Ele ia pegar era o trem! Era gozado, viu? Era outra vida...*

36. *Agora, tinha uns molequinho ruim, também. Às vezes pegava prego, qualquer coisa, jogava na linha. Era jogar na linha e pronto! Aonde estivesse o trem, parava, porque dava curto... aí, onde eu fiz o painel acusava onde estava o curto, aí eu ia lá tirar. Porque eu fiz um painel*

que, se a Irmã fizer lá, é bom... mas agora não é elétrico... É uma judiação não ter mais as maquininha elétrica, né?... O painel tinha 12 chaves: cada uma manobrava, parava o trem na hora que queria, aonde eu queria; fazia ele apitar no quartel, na estação, nas curvas, em todo lugar que eu queria, deixava o trem apitando e ele saía: péeeemmm... Agora, não...

37. Eu só abria a cidade em dezembro, no tempo de natal; porque o ano inteiro eu ficava trabalhando, porque dava mesmo serviço que nem uma cidade... O resto do ano, eu ficava trabalhando e preparando, que nem o carnaval: os rapaz, ele trabalha o ano todo pra poder fazer aquelas fantasias... eu trabalhava o ano inteiro pra abrir o mês inteiro de natal... mas todo dia dava serviço, quando era a cidade, aí...

38. Mas então, quando eu abria, tinha visita: eu abria às 8 horas e ficava até as 10 horas, até mais... mas depois que eu fechava, começava a vir gente. Às vezes vinha gente que ficava até 11 horas, meia-noite aí. Uma vez eu abri o presépio aqui de dia, às 4 horas, pra um ônibus que veio de Marília – aquilo foi demais... Chegou a caravana de Marília, falei: “Não, o pessoal de Marília não sabe a hora, então eu vou abrir” Aí, eu abri pra eles entrar... quando eles entraram aí, o povo passou na rua, viu eles entrar, fez a fila... quando fui abrir lá, que eu fui soltar os de Marília, vi a fila e falei: Mas 4 horas da tarde não é hora de abrir... Mas comecei soltar aquele pessoal pra acabar a fila... Ah, 4 horas da tarde! Quando foi 9 horas da noite, veio um amigo meu que vinha toda noite aí... Chamava Faneco; trabalhava na prefeitura, depois do prefeito, era o vice-prefeito... já faleceu, também... Aí, ele vinha toda noite, que ele gostava demais... aí ele falou: “Eh, Mário! Hoje você vai amanhecer o dia, que a fila tá lá no comercial!” e eu disse: Ah, meu Deus do céu!... Aí, quando foi 11 horas da noite, nós estava desde as 4 horas ali, sem tomar banho, sem jantar... aí eu cheguei ali e falei: Pelo amor de Deus!... aí eles acharam ruim: “Quem que pode entrar, então? A gente não pode entrar?!” Ih, mas acharam ruim que eu não deixei eles entrar! Falavam assim: “Ah, mas nós não somos daqui! Nós somos de tal lugar...” Falei: mas se eu for acompanhar vocês eu vou até morrer, aí emenda a fila, amanhece o dia, tudo que passa na rua vai entrando aí... a gente tem

horário, vocês me perdoa! E aí, fechei... mas quando eu fechei, a gente tinha começado 4 horas da tarde...

39. *A Irmã, se ela fizer isso lá, direitinho, ela pode abrir o ano inteiro, ela pode abrir, que ela não tem nada com o natal... vixe! Isso aqui é uma fortuna! Não é nada, não é nada, isso aqui tinha muita noite aí que dava um milhão, porque durante o dia vinha visita de fora, e as visitas que vinha de fora pagava por visita; era 30, 40 cruzeiros cada... chegava: “Pelo amor de Deus! Vê quanto que é, eu pago!” Eu ligava 10 minutos, cobrava 40, 50 cruzeiro...*

A equipe:

40. *Era eu, o Júlio e a Matilde. Matilde era quem vendia a entrada, o Júlio pegava ali e trocava, e eu ficava no comando. Era nós três... nós trabalhava, mesmo! Mas dava tudo certinho. Agora, eu sozinho, eu não abro mesmo; uma que eu não escuto. Só escuto bem se a pessoa estiver pertinho, mas se ficar de longe, eu já não escuto. E depois, pra ligar um trem no outro não acho as coisas, por causa da vista, que eu já não enxergo...*

A política:

41. *Por causa de eu gostar de criança, Roy Nélon fala que se eu gostasse de política era só eu candidatar a prefeito que eu ganhava... Quando o Tinós era prefeito, ele trouxe dois deputado aqui, um estadual e um federal; e o Tinós falou pra mim: “Mário, conta aquele caso que um dia, de tanta fome, você comeu mandioca crua” e eu contei... Os dois falou assim: “Esse homem, se ele pegar no palanque e contar essas histórias, esse homem não perde de ninguém!” Então, ele falou lá na rádio pra eu me candidatar a vereador, mas eu falei: eu não gosto de política! Nós viemos pra cá por causa de política, mesmo! Nós tivemos que sair lá do estado do Rio por causa de política, mesmo, e aqui passamos tudo essas coisa... eu não gosto! Mas ele: “Fala aí, Mário...” Mas eu não contei nada!*

As visitas:

42. *Aqui teve uma noite que veio quarenta e cinco general; quem pensar que é mentira, é só ir lá no quartel e perguntar... aqui está as medalhinhas que eles me deram... Aquilo veio até dos Estados Unidos... O comandante falou assim: "Seu Mário, eu vou levar uma turma, que hoje é dia de uma reunião aqui no quartel, de general; vou levar... tem de quarenta a cinqüenta." E eu disse: General, não cabe tudo, não... E ele disse: "Nós reveza..." Bom, eu falei: então pode vim... Ai, meu Deus! Nunca vi tanto general! Veio quarenta e cinco e cada um me dava um troféu, aí! Aqui o chaveiro... aqui é tudo emendado um no outro... tenho um medalhão, tenho tudo aí, tenho até um diploma de amigo do batalhão... mas naquele dia veio quarenta e cinco... Onde já se viu uma coisa dessa? Onde foram arranjar tanto general?*
43. *E negócio de católico, também... só bispo... mas aqueles agora que não usa batina. Vieram da igreja de Aparecida, um bispo e 4 padres, aí, me propor também uma coisa: "Você leva isso aí lá pra Aparecida do Norte, que eu arranjo o terreno e faço o prédio já no jeito pra isso, que lá tem romaria todo dia..." Mas na hora de mudar pra lá eu falei: isso eu não vou não!... Senão, eu podia estar rico, né? Mas não adianta ser rico demais... é melhor a gente ser um pouco pobre... gente muito rico, também, é perigoso ser seqüestrado...*
44. *E teve aquela história da visita das velhinhas que veio aqui me ver; uma delas que eu já conhecia, de quando ela era normalista... uma mocinha tão bonita! Um dia ela chegou aí, aquela velha feia, a mesma pessoa!... A gente devia viver todo o tempo que a gente tem pra viver, mas sem ficar feio; ficar sempre bonito...*
45. *Eu sei que aqui tinha dia que juntava gente de todo lugar... e às vezes se conhecia de outro lugar e vinha se encontrar aqui; teve uma família que encontraram aí, um era de Rondônia o outro era do Rio de Janeiro, vieram se encontrar aqui!*
46. *Aqui enchia! O pipoqueiro vinha trabalhar aqui, vendia pipoca pra quem saía... o povo ficava no corredor ali... Nossa Senhora! Isso aqui ficava cheio de gente!*

O aprendiz:

47. *Mas com aquele gado da promessa, até teve outro milagre, que eu vou contar: eu saía de lá do sítio, e eu vinha trabalhar de dentista que eu tinha o consultório... então eu deixava o sítio lá pra mulher olhar. Então eu saí e falei assim: agora, esses capados estão bonito... aquele tempo o preço de um garrote bom para o abate era 500, 600 cruzeiro – era o preço. Aí eu falei pra ela: se passar de 600 em cada um – era 600 mil réis, naquele tempo – você pode vender tudo; e ela disse: “Está certo”, mas ela era daquelas italianas segura demais... Mas o meu gado depois que sarou, não sei porque, ficou bonito, ficou um gado bonito, limpo! Aí, veio um desses comprador de gado lá de Promissão, foram lá e eu não estava; falaram: “O gado é bonito, mesmo... quanto é que o seu Mário ta querendo?” Ela falou: “Ele quer um conto de réis cada um” – naquele tempo, em vez de falar mil cruzeiros, falava um conto de réis... Eles falaram: “É, o gado é bonito, mesmo... mas ta muito puxado demais... fala com ele, se ele quiser a 900 nós faz”... Aí ela falou: “Não, mas eu tenho ordem de vender...”, que ela tinha ordem de vender! Quando eu cheguei que ela falou, eu não acreditei! O preço bom era 600 e ela pediu 300 cruzeiros a mais em cada um, e tinha umas 72 cabeças... eu falei: agora nós vamos tomar o porre! Agora deu pra pagar tudo as dívidas e sobrou dinheiro, ainda...*
48. *Depois que eu mudei pra cá, eu trabalhei aqui, mas quando fizeram a Faculdade de Odontologia aí, aí acabou o serviço, que eles faziam dentadura de graça. Eu era bom, especialista em dentadura, tanto é que eu sei fazer... eu fazia dentadura e eu mesmo tenho as formas, eu mesmo faço os dentes. A pessoa chegava e dizia: “Eu quero a dentadura do mesmo jeito dos meus dentes” então eu dizia: traz um retrato do senhor sorrindo pra mim ver, e eu fazia igualzinho, porque o dentista não pode ter preguiça... que eles comprem os dentes aí pronto, e do jeito que vem eles colocam; mas eu não fazia assim não: eu fazia os dentes de acordo como a pessoa queria. Por exemplo, se a pessoa pedia: “Eu quero minha dentadura igual aqui essa revista”, porque eu dava pra pessoa qualquer revista, e dizia pra ela: escolha uma artista*

dessas que está rindo... e eu fazia igual, precisa ver o capricho! Então, eu continuei fazendo dentadura. Mas aí, depois que foi a faculdade, aí fracassou. Aí eu fui pra Mato Grosso, trabalhar lá... lá também foi chato, porque aonde eu trabalhei, Nossa Senhora! Lá não tinha lei... Por isso... A Matilde chegou a ir lá comigo. Então eu ia lá, ganhava um dinheiro e vinha aqui e pagava o estudo do meu filho, que ele é formado dentista, ele e a minha nora lá em Bauru. Eu ia lá no Mato Grosso ganhar dinheiro, que era muito dinheiro que eu ganhava, que aqui foi bom pro trabalho mas depois que abriu a faculdade aí, pra dentista aqui não é bom... Mas eu tenho, tá lá no asilo lá... asilo não! Como é que chama aquele negócio lá na faculdade? Museu? Aquelas coisa antiga... Museu, museu! Dei cadeira, dei cuspideira, dei ferramenta, dei uma porção de coisa, muita coisa antiga lá pro museu... Até hoje eu ainda tenho muita ferramenta aí, que meu filho é dentista...

49. *Eu testava a dentadura: fazia os dentes e dava uma martelada neles pra ver se quebrava! Ele pulava que nem pipoca, mas não quebrava! Ainda tenho as forminhas, as formas tudo de alumínio, ainda tenho o pó e líquido de fazer dente... Eu fazia tudo os dentes aqui; fazia os dentes e saía vendendo aí pros outros dentista. Eu viajei muito... fazia a plaquinha e prendia os dentes e saía vendendo. Quando o viajante passava aqui, de Bauru, ele levava meus dentes pra vender, também.*
50. *No tempo que usava aqueles lança-perfume de metal, eu falava pros moleque: cata aqueles vidros vazios que eles jogaram no Clube Comercial... eu fazia um furo, pegava uma substância de injeção que usava e enchia o tubinho com ela; o tubinho tinha uma cinturinha e era ali que eu fazia um furo e enchia aqueles vidros vazios de lança-perfume, bem perfumado mesmo, tampava e punha gelo por cima... mas ficava tão bom! Apertava aquela molinha e esguichava tudo, bem perfumado... eu fazia a lança- perfume, mas era só pro meu filho brincar no carnaval porque quando vinham comprar aqui eu não vendia...*
51. *Mas tudo, do jeito que eu queria, eu fazia. E eu fui na fábrica de fogos lá em Cafelândia, que eu gostava muito de fogos, né? Depois de um caso que nem foi comigo, eu não tinha nada com isso, mas por causa de um rapazinho, que ele pegou uma bomba, nem era das minhas, e cortou o*

dedo dele; aí eu falei: eu não vou fazer mais isso... Mas quando eu fazia bomba, aí eu fui lá na fábrica de Cafelândia buscar, aí eu falei: eu quero morteiro... aí, eu comecei a fazer bomba aqui: pegava esses cabão de foguete vazio e cortava assim, punha o pavio; então eu enrolava a pólvora que vinha pra estourar e punha dentro de um cano desses de água, puxava o gatilho e a bomba subia! Então, quando chegava lá no finzinho do foguete, ela dava mesmo um tiro bonito, as que eu fazia... Então eu fui em Cafelândia pra comprar, e eu falei assim: você faz morteiro? “Faço.” Você quer ver o meu?... Aí, lá tinha uma baixada, eu peguei e tchum! Eu punha um tanto de pólvora que aquela bomba subiu assim, depois chegou lá e fez buumm! E o moleque do fogueteiro falou assim: “Ô, pai! Que tiro boniiito!” Mas ele falou assim: “Ah, mas não é assim que faz não!” Aí ele fez a dele lá, enrolou, enrolou, me deu o cano, foi lá... eu disse: você já ta perdendo comigo! Eu soltei aqui no meio da criançada, tudo aqui, agora você vai pôr lá no formigueiro... chegou lá, deu o tiro, arrebentou o cano! A criançada: “Ih, pai! O homem é dentista, não é fogueteiro, faz buummm!...” o dele não estourou... Ele falou: “Vocês não fala pra ninguém isso, não...” Aí ele me deu cinco dúzias de foguete pra mim não contar! Não contar... Mas eu to contando pra vocês!!! Eu fiz uma bomba pra fazer a alvorada lá de Guaíçara... porque eu gosto muito de Guaíçara; lá é uma cidade... que eu falei: deixa que a festa de São João, pra alvorada de lá, eu vou fazer algo... então eu fiz 21 bomba, mas a última eu fiz uma bomba no garrafão, desse tamanho, mesmo! O motorista me levou lá de madrugada, quase 2 horas, e eu pus 21 bombas lá de madrugada... quando clareou eu fui lá e pou! O pessoal correu, ficou lá atrás da igreja, de medo, mesmo! Mas os tiros, meu pai aqui de casa escutou tudo os tiros! Eu gostava... Falando de festa, também, o prefeito falou assim: “Eu ganhei uma bomba de presente, mas ninguém solta... nem o fogueteiro de lá quis soltar, de tão grande que é”... meu irmão, que morava lá, falou: “Dá pro Mário; o Mário solta!” Quando o prefeito, então, me perguntou se eu soltava aquela bomba, eu falei: quanto maior, melhor pra mim, porque as bombas, quanto maior, o estopim dela é mais comprido; então ela demora pra dar o tiro, então dá tempo, né? Aí eu fui lá no campo de

futebol do Paulista, peguei aquela bomba... parecia um garrafão! Cheguei lá, todo mundo saltando... cheguei, amarrei lá na trava do gol, e todo mundo: “Corre, Mário; corre, Mário!”... que corre, que nada! Bem devagar... eu sabia que ia demorar pra estourar. Mas deu um tiro, lá! De lá daquela trava que estava afastada uns 200 metros... mas jogou terra até no rosto da gente dando o tiro! O baque dela fez um buraco no chão! Amarrada, assim mesmo, a força dela... ela era grande, né? Um perigo, viu? Porque não é granada pra jogar caco nenhum mas... quanto maior, mais demora... pior esses traquinhos pequeninhos: é só riscar ele, ele já arrebenta na mão. Bomba grande, não; bomba...

52. *Então, tudo que eu quis fazer na minha vida, eu fiz; graças a Deus! Eu, quando era mocinho novo, eu trabalhei até na roça. Alguns pode falar assim: “Ah, mas tem tanta gente que vive assim trabalhando na roça, nunca largou...” Eu aprendi a profissão por necessidade... mas era assim que eu fazia: eu cheguei, falei com o barbeiro: você me dá essa cadeira que tem aí, que o seu menino quer aprender música e não tem dinheiro pra comprar o instrumento; eu te dou o instrumento. Mas deixa essa cadeira aí pra mim, pra mim cortar cabelo. Quando passava na rua, falava pra um moleque: quer cortar cabelo? “Quero!”, então eu cortava o cabelo do moleque... cortando e olhando no barbeiro – eu cortava o cabelo dos moleques olhando o barbeiro cortar.... Então eu cortei o cabelo da molecada numa quinta-feira e numa sexta-feira; quando foi no sábado à noite, o irmão desse barbeiro foi lá, que era barbeiro também; aí falou assim: “Coisa esquisita, viu, Bonetti...” (o barbeiro chamava Bonetti) “Que que é?” “Cada barbeiro tem um corte de cabelo, agora você e o Mário... parece que o corte é igual!” “Por que ta bem feito?” “O corte dele é igualzinho o seu, só que o pé do cabelo ele faz mais caprichado que o seu” - ainda falou que eu fazia mais caprichado que o próprio barbeiro! “Então o cara ta bom?” “Claro que ta! Fico admirado como é que ele aprendeu o corte, que cada barbeiro tem um corte e o corte de vocês são igual” “Mas ele aprendeu comigo, com três dias!”... Mas era só olhar uma coisa e eu aprendia...*

53. *Sapateiro, eu fiquei dois dias vendo ele fazer sapato... Cheguei em casa e comprei as ferramentas tudo de sapateiro e fui pedir pra ele serviço de*

sapateiro na sapataria. Aí ele falou: “Ah, mas eu te conheço, você não é sapateiro...” falei: faz tempo que eu não trabalho (mas eu nunca tinha trabalhado, mesmo!) Aí, tinha uma mesa cheia de consertos e eu falei: passa pra cá os consertos... É que as Irmãs aí do colégio mandaram pra lá tudo os sapatos, e eu peguei e consertei, pus saltinho, tudo, e fizeram a devolução dos sapatos. Depois, quando trouxeram outros sapatos das irmãs pra consertar, eles falaram pro sapateiro: “Olha, os sapatos que as irmãs mandou aí pra consertar, elas mandaram dizer que é pro seu Mário consertar, porque você é muito matão!”... Quer dizer: disseram que eu caprichava mais do que ele! E um que me conhecia desde moleque, passou e me viu trabalhando e disse: “Mas onde é que você aprendeu o ofício, que você nunca foi sapateiro?” O sapateiro falou assim: “Não é? É melhor do que eu!”

54. Eu aprendia a profissão desse jeito: era olhar a pessoa fazer uma coisa, eu fazia. E não é todo mundo que é assim, não. Mas eu, ouvia, olhava a pessoa fazer uma coisa, dizia: pode deixar que eu faço. Agora, já, posso olhar já não vale mais, por causa da idade, assim... Mas a cidade foi a mesma coisa: eu fui lá no Rio, onde morava meu primo, numa cidadinha chamada Monte Cristo – aqui eu fiz uma montanha, e fiz justamente igualzinha a que eu vi lá. Então, o elevador Lacerda, eu não fui lá, mas eu vi, eu fiz ele, a cidade alta e baixa, quem veio aí disse “Está igual, mesmo, do jeito que é lá”. Aparecida do Norte, eu ia sempre lá, aquela eu sabia décor; aí eu fiz aqui, fiz a passarela... A estação de rádio da Globo eu fiz aqui. Do jeito que eu via, fiz a Santa Casa daqui, fiz uma porção de coisa... Era só eu olhar, fazia igual! E assim que eu criei aquele cenário... Mas tem que fazer de pouquinho; mas fazer tudo de uma vez... se estender tudo de uma vez, aí não dá...

A vontade:

55. A Irmã falou que se ela começasse fazer de pouquinho ela não estava aqui, mas... A irmã vinha aqui toda noite... Uma vez, a Irmã veio aqui junto com uma mulher que tinha uma idéia de turismo. Aí a mulher falou assim pra Irmã: “Mas, eu vou falar uma coisa: do jeito que essa cidade

- do seu Mário está montada, se vocês desmontar, desmanchar, vocês não fazem igual lá, não; de jeito nenhum! Bom, se vocês quiserem continuar a coisa vocês tem que comprar a casa dele toda, pra deixar, não mexer, porque se vocês mexerem, vocês não fazem igual”
56. *E é difícil, mesmo; porque se eu fazer lá, eu não faço igual; Se desmancha, não dá não dá pra fazer igual; nem eu!... Fazer em cima do estaleiro, que nem eles quer fazer lá, fica muito melhor pra... Pode fazer, porque eles tem gente lá, tem engenharia, tem tudo... é até muito mais bonito. Mas tem que começar de pouquinho, porque se quiser esparramar tudo aí não dá. Que nem aqui: se fosse pra levar, por exemplo, esse trequinho aqui, pra mim montar lá: mesmo eu sendo velho, com tudo que eu passei, eu montava lá pra ela... E só com esse aqui, chovia dinheiro pra ela; ela não cria, não ganha dinheiro, não sei porque... tem um montão de gente esperando ela montar pra começar a visitar. Se ela começar, o povinho vai vendo e o negócio é esse...*
57. *Então, mas já viu: precisava arrumar, porque se arrumar é melhor. Porque ela queria até fazer a cidade lá e fazer uma montada em cima dum caminhão grande, assim, pra andar de cidade em cidade – até isso ela queria, ela falou pra mim. Com aquele presépio que está lá, juntando esse resto aqui, aí sim que fica uma cidade enorme! Daí ela abre todo dia, todo dia fica cheio de gente! Ela ganha dinheiro!*
58. *Agora, será que é difícil de arrumar esse dinheiro pra ela, que ela precisa? Será que ela quer muito? Ela podia... que se ela ficar esperando e não arrumar o dinheiro, ela não... que já faz 4 anos que ela levou. E ela podia... se ela tivesse aberto todo ano, com aquele que está lá que escapou – porque alguns que deu cupim eu vou dar esses aqui pra ver se recupera e tem lá dentro de casa uns 10 ou 15 predinhos, prédio alto, também... Eu vou dar tudo pra ela, lá... É tudo dela, isso que eu estou trabalhando é pra ela, lá, porque ela também está me ajudando com esse salário... mas ela podia me dar esse salário que ela dá com o próprio dinheiro daí, não precisava tirar...*
59. *Porque dá, não precisa muita coisa: esse aí que eu abri, vem eles aí: “Ô, seu Mário, se fosse pro povo, vinha gente aí”... Mas eu falo assim: mas eu não posso, é que eu não posso tocar. Sozinho não dá, porque quem*

é velho... tem que olhar criança, porque criança mexe, mesmo... aí a hora que vai passar o trem ela quer pegar... tudo sozinho... o pessoal fala comigo, uns falam alto, outros falam baixo, eu não escuto... Ah! Pra mim e a velha, em dois, dava pra tocar, que ela fica aí... mas ela não está boa, que ela sente dor, ela está cheia de dor... e eu sozinho... Agora lá, não, lá tem gente até de sobra.

60. *Que montasse um pedaço, então... aquela deu cupim, mas essa aqui, se eu montar ela lá, dá dinheiro. Agora no natal, se a gente fizesse, dava o dinheiro. Ainda mais que, lá, não precisa ser natal, poderia abrir direto... ainda mais lá, que é um lugar bom, porque aqui é um ponto meio escondido... Agora, lá, não, que lá garanto que... vixe! A Irmã tirava uma renda boa por mês, só com isso aqui; nem com aquele lá, só com esse aqui, sem aquele, só com esse aqui... Mas aquele lá era melhor... Se montasse o campo de futebol e o quartel marchando lá... ainda lá está perto do quartel... Eh! la encher de gente lá! A Irmã está perdendo de ganhar dinheiro... e eu, enquanto eu estou assim, eu podia dar uma mãozinha lá, viu, pra arrumar algumas coisas lá, eu podia... era só ela falar e eu ia lá, explicar alguma coisa que às vezes eles não descobrem...*

A sabedoria:

61. *Que às vezes o engenheiro, muitas vezes é formado em engenharia mas não sabe uma coisa que precisa um pouco de... uma coisa completamente diferente... porque, que nem, aquele campo de futebol: inventar, tudo jogando bola e marcar gol e ainda fazer... ainda fiz um negócio assim que, sentado assim, abaixava uma alavanca, assim, e a bolinha saía lá no meio do campo... ainda por debaixo da perna, assim... Eu pensei, como é que eu vou fazer... eu estava sentado lá e marcava gol... eu pus uma turma de trapalhão lá: quando marcava gol, eles aplaudiam: ta-ta-ta-ta... e aí eu batia o pé, o pé ou a mão, naquela alavancazinha, e a bolinha saía direitinho lá no meio do campo, viu? Não precisava eu levantar e ir jogar a bolinha lá pra eles... primeiro, eu jogava a bolinha lá pra eles começar a jogar; aí depois eu falei: vou*

inventar... aí eu inventei: cavei um lugar e fiz um negócio que, com um cabo assim com um negócio que vai e vem e, por dentro do caninho, assim, ele entrava por dentro do caninho e jogava a bola assim, soltava ela bem lento... aí ficou mais folgado pra mim.

O medo:

62. Eu fazia tudo perfeito: no quartel, eu pus um soldado em cima duma coisa, armado, ele ficava só assim pra lá e pra cá, vigiando o quartel... e os outros, não; ficavam tudo marchando. Chegava aí, quem era católico ia ver a igreja, quem era do quartel já ia tudo lá... então eu tinha um cartaz louco lá no quartel; toda semana estavam aí, entende? Ah, eu tive um volume de tanta carta que chegava aqui: “Seu Mário, o coronel mandou chamar o senhor aqui, tem um coquetel pro senhor ir lá”... Eu falava: bom; mas eu não ia, não, porque eu não gosto muito de festa, não, porque festa junta muita gente boa, né? Mas tem muita gente também que... que...

63. Só sei que foi todo meu sonho que eu tive eu realizei – graças a Deus. Se eu morrer eu morro contente... Já falei tudo o que precisava. Tudo o que eu quis fazer, eu fiz. Cidade em miniatura fica na lembrança... mas, se continuar lá, faz de conta que é continuação daqui, da que nós tocava. Tenho medo da Irmã de lá sair de lá... será que ela está firme lá?

O lamento:

64. Porque se a Irmã não fizer a cidade, lá, o povo aperta ela... que nem aqueles que estiveram aqui e deu a nota aí: “Cidade em Miniatura está Encaixotada”, quer dizer, eu saio na rua aí, tudo... eu nem gosto de ir na cidade, nossa! Quando vou na rua, ah!... eu já falei... mas eles falam “Ah! Mas eles não faz nada, já faz 4 anos”... então aperta, e é ela... pra ela que... acho que ela até já arrependeu de ter feito esse trato comigo; arrependeu porque eles vão lá e aperta, também, lá.

65. Eles vieram aí e falou assim: “Eu já fui lá, mas ela falou que quer uma verba de 200 contos pra fazer não sei o que”... 200 mil reais, então...

- isso aí é alto, então elas não vão achar quem dá esse dinheiro pra elas... Falei: isso é lamentável e o povo fica clamando porque era uma coisa que era... que aí fala que era um turismo, um negócio de turismo, que vinha gente de tudo lado aqui.*
66. *Então, era bom pra cidade; agora não tem a cidade... que não era só o povo daqui, e o povo que vinha de fora? Porque de tudo quanto era estado vinha gente aqui... Então, a cidade não gosta que está parado porque era uma atração da cidade...*
67. *Então, eles ataca a Irmã porque fala: “Como é que seu Mário fez sem verba nenhuma, e ele começou e nunca pediu nada?”... E é isso que é... por isso que é ruim. Fica ruim pra ela por isso. Agora, ela, ela começasse... nem que viesse depois a verba... Podia começar sem verba, mesmo!*
68. *Agora, essas casinhas que não tem cupim nenhum, se a Irmã quiser eu levo tudo lá pra ela, lá, lá eu monto... Se quiser eu ajudo até montar! Mas não ficar parado aqui, porque o povo não vê, também... Já começa a criticar ela por causa de não fazer nada...*
69. *Essa verba, por exemplo... Não tem um prazo, mas pode um dia sair, né? Por exemplo, se fosse eu que tivesse pedido, será que alguém, algum lugar, eles me ajudava? Porque, de eu estar fazendo sozinho, tivesse pedido uma ajuda, né? Eu pagava até imposto da cidade, aí...*

A arte:

70. *Aqui, ajuda de ninguém não tive. Só a ajuda que eu tive aqui... era da Globo que vinha filmar. Até na Globo, também era gozado: eu estava acostumado a ir nessas rádios daqui, na Alvorada, aí... Então eles que telefonava pra mim, mas estava tudo em Bauru: “Seu Mário, está tudo pronto aí pra nós ir filmar?”*
71. *Então eles vinha aqui, a turma vinha filmar aqui, mas ficava aí 2, 3 horas; teve um dia que ficaram mais de 4 horas filmando isso aí, pra lá, pra cá, filmando... Eles almoçava aqui, até teve um que esqueceu até a gravata aí... está aí até hoje. Chegava lá, passava lá aquele 1 minuto, 2, só...*

72. *Eles sempre convidava: “Vem aqui na Globo, pra...” Aí um dia eu falei: olha, estão me convidando, eu vou lá. Quando cheguei lá, eu fui metendo a cara lá e daí veio um guarda com um bruto revólver até mim, falando: “Hei! Onde é que você vai? Não é assim que entra aí!”... Falei: Eu vou entrar aí nessa joça, que... Ué, eles veio aqui primeiro! Aí eu fui lá no quartinho de lá, eles telefonou lá: “Aqui tem um senhor aqui de Lins que veio, diz que é convidado pra ir na...” Daí telefonaram: “Ah, é?! Então, pode mandar vir” Aí que eu pude entrar e fui...*
73. *Aí eu cheguei, falei: então, o senhor me convida pra vim aqui e o cara aí queria me prender?! E eles: “Ah, seu Mário, mas aí vem gente que às vezes a gente não conhece; então, primeiro tem que passar lá no guarda, mesmo; eu esqueci de falar pro senhor”. Aí ele falou: “Bom, agora, ajeita lá, aí nós vamos conversar”.*
74. *Eu falei pra ele: Porque que vocês, eles demora 3, 4 horas lá, chega lá passa só aqueles pedacinho? Aí ele mostrou, assim: “Essa mesa aqui, seu Mário... a propaganda na televisão é muito caro, mesmo. Então nós filma bastante, mas essa máquina aqui vai limpando, deixa pouquinho, mesmo. É uma mesa, assim, mas quando passa aqui nós vê inteirinho... mas quando no voltar aqui já vai, já vai cortando...” Não sei como é que eles inventa cada coisa, e deixa só aquele pouquinho, porque é muito caro... aí eu falei: está bom...*
75. *Ele falou assim: “Mas aí todo mundo conhece o senhor”... aí, foi mostrando tudo. Chegou lá, tinha uma cadeirona preta, grande, assim. Aí falou: “Ó, seu Mário...”, não é que eu quero ser convencido, eu estou falando o que é. Quem quiser pode ir lá Globo, perguntar, que aconteceu comigo. Então quando cheguei lá, aí passei lá: “O senhor ta vendo essa cadeira, que ta aí?” Falei: Estou. A cadeirona era grande, mesmo. Cadeira preta, mesmo... “O senhor vai sentar aí, que eu vou tirar o retrato do senhor”... Falei: Não! Por que?! “Porque aqui é a ordem do...” desse que morreu, como é que ele chama? O Marinho... isso, o Roberto Marinho... Falou que era ordem dele: “Que o dia que aparecesse o maior artista aqui, que era pra nós tirar o retrato dele, que ninguém, nem nós não senta nessa cadeira... que é ordem dele, tem que ter respeito”... Falei pra ele: Ah! Larga de conversa! Se eu que não*

sou artista nenhum vou sentar aí, como... Ele falou: “O senhor pensa! O senhor é um homem... o senhor não compreende isso. Aqui vem artista famoso, mas ele só sabe aquilo: se ele é cantor, é só cantor; outro que é... o senhor, não: o senhor é um artista, o senhor é pedreiro, é carpinteiro...” ele falou, “tudo ofício, tudo é arte” ele falou, “é marceneiro, é eletricitista, um homem que faz uma cidade com todos os movimentos, não tem artista igual! O senhor senta aí...” Falei: Não, não vou sentar. Aí juntou aquela mulherada: “Senta! Senta!”... Mulherada faz um barulho! “Senta! Senta!”... Com isso, sentei, né? Uma coisa que aconteceu comigo ali... Nunca na vida me considerei como artista! É curioso que eu sou; não sou artista. Mas lá, não; na Globo, fui considerado o maior artista, por causa de ter uma porção de arte junto... ele falou que os outros não... tem uma arte e é só aquela... e pensando bem, é verdade mesmo, né? Que quem é cantor, eles cantam... mas não sabe outra coisa, só sabe cantar; outros tocam outra coisa. Agora, aqui, eu preciso de tudo. Aqui eu fui engenheiro, fui, porque aí tem a arte de engenharia. Que a engenharia quando esteve aí, falou assim, o engenheiro falou: “Olha, não fala perto desse homem que eu fui engenheiro, pelo amor de Deus.” O outro falou: “Por quê?” , e ele: “Esse homem tem um crânio que eu nunca vi... Engenharia, mas eu sou engenheiro, mas... ele faz essas ruínas aí, tudo miudinha, tudo igual à cidade grande, e tudo com movimento... esse homem aí tem, tem... nem quero saber de... não fala nem que eu sou engenheiro, perto dele.”

A beleza:

76. Acho que dava pra fazer uma história, dava pra tirar que nem um livro, dessa entrevista... será que com isso alguém que ler o livro não vem aqui ver a cidade, pra saber se...?

77. Agora, mas precisava ser... Disso que eu contei, só não pode contar, que nem, a história do sapinho que ele pulou na linha, que isso eu acho chato, né? Mas, não. Tudo que aconteceu aí pode falar... o que eu fiz aí, que eu vi... tudo aconteceu, mesmo. Desses padres que veio lá de Aparecida... Esse negócio dos comandantes aí do exército, que veio aí,

isso é verdade que o pessoal, quem duvidar é só ir lá perguntar que eles também deixam gravado, lá...

78. Agora, dessa brincadeiras que aconteceu do sapinho aí, se quiser, pode contar... Porque foi verdade mesmo, né? Ele descarrilou meu trenzinho; precisei até usar bota, aí... mas no tempo que tinha água aí, quando ainda não era a Sabesp (porque depois que eles venderam pra Sabesp, agora tem uma cotação de água, não pode, né?)... Naquele tempo, podia usar bastante água, então eu enchia a lagoa, aí, tinha barquinho, era mais bonito ainda! Tinha o barquinho, e tudo... então tinha o barquinho com um negócio em cima, um vaporzinho, que ele corria e soltava a fumacinha, assim... ficava dando volta! Era mais bonito de primeiro, aqui... Fazia os pescador, tudo na beira da lagoa... Aí depois que fizeram a miséria d'água, vinha aquela cota, a gente teve que largar de encher...

O desgosto:

79. Ali é... é uma pena estar tudo... Ali tinha um monjolinho que batia, tinha a roda d'água... Tem um monjolinho aqui, mas naquele tempo parecia uma cidadinha, mesmo! Porque era tudo elétrico, então eu fazia o que eu queria; aqui eu não faço, porque aqui já é diferente porque, coisa à pilha... Aquelas maquininha velha, ligava a eletricidade no trem... então ele corria tudo ali. Quando queria desligar era só tirar a chave aqui, ele parava onde queria; agora não, a pilha ela está dentro da máquina; eu quero parar nalgum lugar, não pára. Ah, era diferente... desgostei muito depois que parou, que eles pararam com aquela fábrica, lá...

O gosto:

80. Não era fábrica, era um brechó, em São Paulo, na Rua do Seminário... e ali só tinha coisa... Então essa gente muito rica comprava esses trenzinhos, mas era tudo estrangeiro, não era... Era tudo da Lioner. Chegava lá, qualquer defeitinho que tinha, vendia pra eles lá. Então, eu ia lá, nesse pessoal, eu comprava lá a maquininha, aí tinha que arrumar tudo... Nova, nunca achei pra vender... só à pilha, mas, mas... Quando

chegava aqui, eu desmontava ela e fazia o que eu queria. Até aconteceu uma vez duma maquininha muito bonita e o gaiato falou assim: “Que pena! Pena que ela não tem luz”... E eu falei: Então, mas é ruim porque... lá eu abro o presépio é de noite... Aí ele falou: “Mas então não dá.” Aí eu olhei a maquininha e falei: Mas eu vou levar... e eu comprei. Eu cheguei aqui, e pensei... Lá tinha um mecânico que trabalhava nesse lugar, que fazia 12 anos que trabalhava com ele... mas não tinha cabeça! Ele podia adaptar a luz na maquininha, mas não! Aí eu cheguei aqui, falei: Isso daqui... Já desmontei esse negócio, aí fiz a ligação e acendeu a luz direitinho! Aí levei lá pra ele, mostrei, e ele falou: “Que? Você quer trabalhar aqui? Você trabalha aqui e eu vou mandar ele embora já, porque esse homem não sabe nada!” Falei: Ah, que que é isso, vou tirar o emprego dele? Não quero de jeito nenhum! Aí ele chamou, o rapaz veio... “Essas maquininhas aí, você disse que não tinha jeito... que era de fabricação... como é que esse homem aí... olha as maquininha aí, como é que ficaram!” E o rapaz ficou sem graça, coitado... Que alguma coisa, porque é estrangeiro, fala: “Ah, não vou mexer aí”. Eu não; eu pego e desmonto tudo! Se tiver alguma coisa, aí... Às vezes tem coisa que é estrangeiro, que é importado, mas tem defeito! Eu pego e tiro o defeito! É um caso, viu?

A verdade:

81. *Mas então, tudo pode contar, até aquele caso do sapinho, porque tudo que eu contei, aconteceu aqui... Só não aquela parte que eu falei das velhinhas que vieram me visitar... Isso é verdade, também, mas não pode falar, não, porque eu falei que ela era tão bonitinha e ficou tão feia... é claro que fica, mesmo, viu? Porque a mesma coisa ela pensou, também: “Puxa, o seu Mário era tão bonito, agora ta um véio feio!” É a mesma coisa, né? Mas é verdade que a visita dela foi a coisa que mais me emocionou... foi a maior emoção que eu tive aqui...*
82. *Tudo o que eu falei, é tudo verdade... Eu não sei se eu queria que contasse do caso da fome; e... e esse é verdade, também. E a fome é triste, hein? O Lula, eu nem gostava tanto assim dele, mas quando*

entrou o governo dele, ele falou do Fome Zero, que ia tirar a fome... Ainda não tirou não, mas esse natal está mais... parece que o povo tem mais o que comer, ganharam mais presente, né? Que a primeira coisa... se ele fizesse o que falou eu até gostava porque... a fome, pra quem nunca passou não é nada; mas quem já passou...

83. *Ainda tem outro pedacinho nesse negócio de fome porque, antes de eu chegar nesse mandiocal, nós estava no meio do sertão, nós tomemos água... Saímos de lá, até chegar aqui, a nossa mistura era um pão feito em casa. Quando chegemos nesse Tibiriçá, que era um rio que tinha lá, o pão tava duro... mas nós molhemos na água e deu pra comer o pão, e nós comemos o pão... um pão salgado!... e era nesse tempo, mesmo, de natal. Quando entremo naquele lado... um areião, você não podia ir pro meio do mato que era mata, tinha que ir no areião; então, pisava, afundava. Quando chegou ali pras duas horas, a sede foi tanta que o meu irmão, que era mais velho, podia controlar, ele pôs o bocão no mundo: “Ai, minha Nossa Senhora! Morrer de fome é triste, mas de sede é pior! Eu vou morrer, porque eu não agüento mais...” É que secou a boca dele... mas chorava o moço! Eu falei: Mas se ele que é o mais velho, está assim... Porque nós era novo, eu era quase criança!... Mas ele chorava com gosto! Aí chegou numa baixada feia, lá, ele desceu: “Vou ver se eu acho água, lá” Desceu chorando, de sede, né? Daqui a pouco: “Graças a Deus, matei minha sede!”... tinha bebido água, lá... “Vem...”, que aí nós descemos. Ele foi lá, viu, aonde que ele bebeu água, ainda falou: “Cuidado, não vai sujar aí que é água de chuva”... que não era uma coisa assim, como um rio, nada... era a água de chuva que fez aquele fiozinho, assim, aquela pocinha... pra vocês ver como é que é triste a sede, também... Aí ele: “Não suja a água, não” Mas quando eu cheguei com o outro meu irmão, nós vimos assim, a água, antes de chegar naquela pocinha que tinha lá, estava passando em cima de um bicho cabeludo, cheio de bicho... podre... então estava podre e aquela água passava em cima da barriga do bicho, daquela podridão, e ele bebeu água... Agora, ele bebeu sem saber; eu com meu outro irmão sabia que estava passando em cima daquele bicho e bebemos também... Quer dizer: o que é a sede... sabia que estava passando em*

cima daquele bicho lá, bicho podre que estava lá no meio do mato... Mas a água passava em cima daquele lá, bicho podre, já, quase deformado de tudo... Nós bebemos a água assim mesmo... Falou: “Cuidado pra não sujar a água”... Aí, de cócora, fui lá e abaixava assim, que não podia pegar com as mãos senão sujava a água com a terra, então eu fui bebendo com a boca ali na poça... quer dizer, bebendo a água que o bicho...

84. *Tem gente aí que fala: “Eu morro, mas não como aquilo, eu morro mas não faço isso...” mas a gente não pode falar... porque a sede e a fome obriga a gente a fazer certas coisas que a gente mesmo não acredita... Agora, alguém pode falar: “Deus me livre que eu vou beber uma água daquela!”... é água gelada e filtrada, ainda... Mas é porque está no meio da fartura! Deixa faltar, que então...*

85. *Então, a pessoa nunca pode falar “Dessa água eu não bebo” porque, tomara que nunca aconteça, mas às vezes acontece... Você não vê que tem gente, que nem passou não sei aonde, que a pessoa quando... que era obrigada a comer a carne de outra? Já passou isso aí... comer carne humana, porque, senão, ele morria de fome... Sorteavam ainda, porque ninguém queria... Aí sorteavam uma pessoa, aquele cara sorteado matava uma pessoa e eles comiam...*

86. *Então, que que é a água? A água não estava fedendo... então, a gente bebeu. E depois que nós saímos de lá, desse lugar, aí tornou a voltar a sede... Aí chegou aqui perto do rio Feio, antes de nós atravessar o rio Feio, pra lá naquele caminho que eu falei, ainda. Nós falou: “Então eu vou parar aqui, que aqui tem água que tem um mangueirão ali” Aí meu irmão falou pra mim: “Vai lá, Mário...” (mas já estava quase escurecendo) “... vai ver se tem água aí... tem o mangueirão do porco, tem água aí”... Mas que água, o quê! Ali aonde o porco toma banho, ficou aquele negócio cheio de água, mas aquela estava fedendo! Fedendo porco, mesmo! Tirei uma lata daquela pra ferver, pra nós fazer uma coisa qualquer com o açúcar que ele tinha comprado lá... Mas aquela água, fedendo de porco mesmo, nós ainda bebemos, de sede que estava... O negócio é esse! E aquela foi pior, ainda; pior do que aquela do bicho; que aquela estava fedendo...*

87. *Aí nós deu sorte: tinha três camas, as caminhas tudo de vara, assim. Aí, nós falou: “Mas que sorte! Tem até as cama arrumada, nós arruma essa trouxa de roupa aí, vamos dormir aqui”... Quando arrumemos a caminha, assim, meu irmão já foi, fez o fogo pra esquentar aquela água lá, que era pra fazer uma coisa pra nós tomar; aí, quando começou a esquentar assim, Nossa Senhora! Começou a aparecer cada aranha! Nós não é tanto, mas eu tenho um irmão que, era só mexer os dedos pro lado dele, assim, ele já corria! Ele: “Deus me livre de eu pousar aqui! Vou pousar lá no meio da mata...” Aí, nós fomos e pusemos as coberta lá e dormimos lá, por causa daquelas aranha...*
88. *Daquele dia, dali pra baixo, foi que a fome apertou e nós chegamos naquele mandiocal, que comemos até a mandioca crua por causa de tanta fome... mas nós, antes disso também, bebemos água podre daquele bicho e água fedendo do porco, que essa foi pior ainda...*

Depois de desligarmos os gravadores a pedido de seu Mário, que se emocionara, ele ainda conversou conosco cerca de meia hora. Dentre as coisas que disse, duas frases parecem-me emblemáticas de seu modo de ser e por isto as reproduzo aqui, de memória:

“... é por isso que quando eu vejo uma criancinha, assim, minha vontade é dar algum doce, alguma coisa pra ela... e eu dou mesmo!”

“Eu ainda estou bom, estou com saúde, não me dói nada... Quem tem dor é a minha velha, que às vezes eu até falo pra ela: passa essas dores pra mim... mas não dá, né? Se desse, eu pegaria as dores dela...”

Alguns dias depois da entrevista, o texto acima foi apresentado ao Sr. Mário, que o leu e aprovou na íntegra, retirando todas as reservas que fizera durante a entrevista para que não fossem contados os episódios da visita da “velha feia”, do sapinho que descarrilou o trem e das situações de fome e sede que viveu.

CAPÍTULO 4:

Outras narrativas sobre o Presépio - Cidade Miniatura do Mário

“A miniatura é uma das moradas da grandeza.”
[Gaston Bachelard]

Antes de iniciar este capítulo, cumpre-me informar que algumas narrativas orais consideradas no estudo não foram registradas – coisas ditas por moradores de Lins e coisas confidenciais por pessoas que participaram da história da cidadezinha, durante conversas triviais de caráter reservado. Em respeito aos ditames éticos, precisei suprimir ou disfarçar em minha exposição os sujeitos destas falas; em alguns casos, sou forçada a sonegar também seus conteúdos, embora seja inegável que tenham iluminado minha compreensão.

Entre as narrativas escritas consultadas, vale mencionar o tópico “Presépio linense mecanizado”, constante do capítulo “Cultura material – artesanato” do livro *Folclore Brasileiro – Lins*, onde o presépio é descrito pela professora Antonieta Nazaré de Lima Coqueiro como:

“Fixo num grande barracão, medindo aproximadamente vinte metros de comprimento por quatro metros e meio de largura, de tijolos e coberto com telhas, tendo na frente do mesmo, tomando toda a extensão do presépio, uma elevação de madeira com largas janelas que se abrem para os expectadores poderem ver o presépio” [COQUEIRO, 1973 – pág. 188:201].

Um outro livro – *Lins e seus pioneiros*, de Altamiro Ghermel Ribeiro – traz no verbete “Presépio linense mecanizado” a seguinte apresentação:

“A fim de pagar uma promessa feita, o senhor Mário Ramos Nogueira construiu na nossa cidade um presépio mecanizado, em sua própria residência (...) Homem dedicado e persistente, sendo protético por profissão, conseguiu, em algum tempo, formar a representação de uma cidade-miniatura, misturando o antigo e o moderno, sendo tudo nas

devidas proporções e com perfeita semelhança, funcionando de modo mecanizado, por ser movimentado com energia elétrica. As instalações do Presépio ocupam uma espaçosa sala, com mais de oitenta metros quadrados de área (...) A cada apresentação, aumenta sempre mais e mais o número de pessoas interessadas em conhecer essa autêntica maravilha, que se constitui em uma verdadeira atração turística, que se espalha e espalha o nome de nossa cidade, como um autêntico marco, no roteiro Turístico Brasileiro” [RIBEIRO, A.G., 1995 – pág. 271].

De 1999, há um documento intitulado *“Projeto de Reforma e Ampliação de um Galpão para Exposições Culturais”*, elaborado pela FAL. O documento traz um tópico cujo título: *“Ajuda Solicitada”* e conteúdo: *“R\$ 211..530,25 (Duzentos e Onze Mil, Quinhentos e Trinta Reais e Vinte e Cinco Centavos)”*, esclarecem sua finalidade: angariar fundos para a construção de um galpão que viria a abrigar a Cidade Miniatura, coisa que a direção da FAL acreditava ser possível junto aos empresários da cidade. Neste documento, a cidadezinha é apontada como *“uma das atrações da cidade e da região na época natalina (...) verdadeira obra de arte, feita por um grande coração e por mãos tão hábeis.”*

Mais ou menos da mesma época e com igual finalidade há também um vídeo promocional, realizado pela TV Moreno de Lins-SP sob encomenda da FAL. A fita apresenta inúmeras tomadas da cidade miniatura em funcionamento e uma reconstituição dramatizada dos contatos entre o Sr. Mário e a Ir. Cida, que culminaram com a doação da cidadezinha à FAL – neste ponto, inicia-se o texto final da voz narrativa: *“Surgia aí mais um desafio e um grande projeto para a família FAL. Professores, alunos e direção estão unidos; todos contam agora com o olhar e parceria da comunidade, empresas, autoridades e amigos. Vamos vencer, realizar este desafio. A cidade miniatura terá seu novo pavilhão em terreno junto à FAL. Será sua nova sede. E ainda o projeto “Unidade Móvel”: uma carreta especial, moderna, ampla, que proporcionará a todas as cidades brasileiras momentos de alegria e diversão. Para tanto, a FAL conta com a ajuda, apoio e colaboração de todos. Não fique fora deste projeto cultural! Vamos*

nos unir! Precisamos salvar esta cidade, tornando-a cada vez mais conhecida!”.

O teor do acordo feito para a transmissão da cidade miniatura à FAL explicita-se em um contrato firmado entre as partes. É digno de nota que a celebração deste contrato tenha ocorrido em uma sessão solene da câmara municipal, durante a qual seu texto foi lido na íntegra. Há uma gravação em vídeo desta sessão; pude assisti-la mas dela não obtive cópia e apenas posso reportar seu conteúdo de memória: em resumo, o Sr. Mário Ramos Nogueira doava a Cidade Miniatura para a Faculdade *Auxilium* de Filosofia, Ciências e Letras, representada por sua diretora, Ir. Maria Aparecida Marin, que por sua vez comprometia-se em transferir a cidadezinha para um galpão a ser construído com esta finalidade e zelar por sua manutenção. Havia também o compromisso de fornecer um auxílio pecuniário vitalício, de valor individual equivalente a um salário mínimo por mês, para *seu* Mário, para D. Matilde Guilherme Clérigo (sua mulher) e para o Sr. Júlio Juliano (irmão de sua primeira esposa, que residia com ele). Como o acordo não envolvia o poder público, não houve debate ou votação sobre a matéria; após a leitura do documento, houveram breves discursos proferidos pela Ir. Cida e por *seu* Mário; depois, os vereadores revezaram-se nos discursos de cumprimentos aos contratantes.

Estes documentos são interessantes, mas é na fala coloquial de pessoas que conheceram a cidadezinha enquanto ainda funcionava, especialmente daquelas que estiveram envolvidas com o processo de sua transferência para a FAL, que esta história apresenta seu colorido mais original... claro, tentei entrevistá-los mas, por diferentes razões, jamais consegui obter dos professores e das pessoas que faziam parte da direção da FAL um depoimento formal sobre o assunto. Não obstante, escutei diversas narrativas de dirigentes, funcionários e professores; foram unânimes em afirmar o entusiasmo da Ir. Cida com o projeto, seu empenho em utilizar todos os recursos de que dispunha para mobilizar sua equipe no sentido de bolar estratégias para incrementar a divulgação da cidade miniatura e ampliar os públicos visitantes, de encontrar soluções para os

problemas logísticos da sua transferência e de conseguir o montante de dinheiro avaliado como necessário à construção do galpão que a abrigaria na FAL; todos confirmaram, também, as boas expectativas quanto à rentabilidade do empreendimento.

Como é comum, não há divergências significativas quanto aos acontecimentos importantes; as narrativas divergem apenas quanto às causas do completo fracasso do projeto. Sobre este ponto, há basicamente dois prismas de interpretação, conforme o maior ou menor grau de envolvimento do sujeito: numa das perspectivas, geralmente adotada pela direção e pelos professores que estiveram mais envolvidos, a causa é atribuída ao desinteresse, senão impiedosa má-vontade, que os empresários locais votaram ao projeto; na perspectiva oposta, adotada pelos professores e funcionários que se mantiveram relativamente afastados, enfatiza-se os inúmeros despautérios cometidos durante a condução do projeto, resultantes da imperícia, senão leviandade, da Ir. Cida e de seus colaboradores. Como também é comum, estas perspectivas alinham-se de modo, no mínimo, complementar: a primeira, tão agudamente ligada aos fatos, pode informar melhor os detalhes daquilo que conseguia focar; a segunda, distanciada, fornece os elementos para uma consideração panorâmica daquilo que escapava à outra...

De sorte que, somando-se os relatos anônimos, podemos ter uma visão suficientemente clara do que aconteceu. Encantada com o presépio – cidade miniatura e sabendo que *seu* Mário pretendia vendê-la, Ir. Cida ponderou quão benéfica sua aquisição pela FAL poderia ser para todos os envolvidos: para a FAL, tratava-se de um empreendimento que conjugava tradições institucionais e rentabilidade financeira, além de ser consonante com sua imagem pública; para *seu* Mário, já muito idoso, isto significaria a possibilidade de descansar sem preocupações, pois a continuidade de sua obra estaria garantida por uma instituição sedimentada na cidade; além disso tudo, a comunidade linense poderia continuar desfrutando de seu espetáculo.

Aparentemente, as sinalizações de interesse de parte a parte iniciaram-se em 1996 e o ajuste das condições para a transmissão deram-se ao final de 1998; nos tempos seguintes, Ir. Cida promoveu diligências no sentido de conseguir que algum empresário doasse à FAL o dinheiro necessário para a construção do galpão, mas isto não aconteceu. Segundo os relatos da FAL, foi *seu* Mário quem pediu a retirada da cidade de sua casa, mesmo antes de haver um local adequado para que a faculdade a recebesse – os motivos que ele teve para apressar assim a transferência não são explicitados. Fato é que em 2000 a cidade foi retirada de sua casa...

Ao longo deste período, Ir. Cida procurou envolver o corpo docente da faculdade no planejamento das ações necessárias à realização de seu intento – aí, dizem os partidários da perspectiva panorâmica, o caminho começou a entortar: haviam freqüentes e intermináveis reuniões, quando os debates avançavam muito além dos limites do surreal. Conta-se, por exemplo que, como a maquete compunha-se de milhares¹¹ de miniaturas assentadas diretamente sobre o chão de terra batida, afora toda a improvisada parafernália subterrânea do sistema de iluminação e movimentação, era muito difícil imaginar um modo de transferir a cidadezinha para o almejado novo recinto, nas dependências da FAL; o problema persistia havia várias reuniões sem encontrar solução sensata – ao menos uma pessoa sugeriu a contratação de especialistas para lidar com o assunto e mais de uma pessoa sugeriu comprar ou arrendar a casa do *seu* Mário, de modo que a cidadezinha continuasse a funcionar no galpão; porém, o investimento que assim seria exigido da FAL sempre se apresentava como um forte argumento contra este tipo de idéia e as discussões prosseguiram... as propostas há muito já vinham beirando o absurdo, até culminar na sugestão (feita à sério) de retirar o telhado do galpão e içar a cidadezinha com um helicóptero.

No final das contas, em 2000 procedeu-se a retirada da cidadezinha da casa de *seu* Mário: na falta de orientação especializada, um professor de

¹¹ Entre 10 e mais de 30 mil peças, segundo diferentes relatos.

boa vontade fotografava trechos da maquete e determinava aos serventes gerais da FAL o ensacamento das peças, que eram então carregadas ao seu destino em uma perua, normalmente utilizada para transportar alunos de uma entidade assistencial pertencente à congregação das Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, mantenedora da FAL. Na falta do galpão onde a cidadezinha poderia vir a ser montada, os sacos foram guardados num prédio ocioso da faculdade, antigamente utilizado como alojamento. O trabalho durou vários dias; a fiação e peças do sistema de iluminação e movimento foram transportadas por último e já não foram ensacadas – este era o conteúdo do monturo que encontrei numa daquelas salas...

Parece que ao atingir o grau de dificuldade exemplificado no penúltimo parágrafo acima, o grupo costumava voltar-se à consideração de outro problema qualquer. Destarte, quando as incontáveis tentativas de conseguir com os empresários locais a doação do dinheiro para a construção do galpão já haviam sido frustradas e todas as forças imaginativas do grupo já haviam sido exauridas, muito se havia discutido e planejado: uma das pessoas visceralmente empenhada em viabilizar o projeto contou-me que naquela época foram debatidas e escolhidas desde as cinco línguas estrangeiras nas quais os prospectos seriam produzidos para divulgação internacional até o tipo de copo descartável que seria utilizado no coquetel de inauguração da nova Cidade Miniatura do Mário... Por fim, o projeto chegou ao abandono; em 2003, quando cheguei à FAL, ninguém mais tocava nesse assunto ali dentro. Após entrevistar *seu* Mário, procurei a Ir. Cida para conversar: ela mostrou fotografias, emprestou-me o vídeo, deu-me uma cópia do projeto mencionado acima... sua fala pareceu-me uma mistura de muitas coisas, dentre as quais sobressaíam opressão, mágoa e ainda entusiasmo – sonhava ainda com a possibilidade de obter o galpão e reabrir a cidadezinha para o público, exatamente nos moldes que haviam sido planejados...

Algumas imagens...

Parte importante do material imagético observado compõe-se de pequenos filmes que consegui localizar sobre a Cidade Miniatura e de umas

poucas fotografias; o principal limite na análise destas imagens decorre da impossibilidade de apreender-lhes a cronologia.

Apenas após a morte de *seu* Mário, durante uma visita que fiz à D. Matilde, ela chamou minha atenção para um conjunto de 16 fotografias em preto-e-branco que se encontravam coladas num quadro rústico de madeira compensada, fixado na varanda da casa. Estas fotos (digitalizadas posteriormente e reproduzidas no anexo 1, com o título de “Fotografias antigas”) haviam recebido de *seu* Mário uma datação sobrescrita à caneta, indicando o período entre o *ano 950* e o *ano 966* (assim mesmo: suprimindo o milênio); contudo, as datas indicadas deixam margem a muitas dúvidas que não puderam ser esclarecidas.

Nestas fotos, seguramente as mais antigas, ficaram registrados os primeiros elementos representados na cidadezinha ou pelo menos aqueles que, do todo de então, mais chamaram a atenção do fotógrafo. Talvez estas fotografias tenham sido feitas por *seu* Mário mesmo e, neste caso, seus conteúdos indicam o que ele considerava central em sua cidadezinha – de qualquer modo, mesmo em caso contrário, *seu* Mário as escolheu para compor o quadro, que jamais retirou da parede... o conjunto das imagens que o compõem mostram que a obra, logo em seus primeiros anos, representava diferentes ambientes e cenas: na foto com data do ano 950 vê-se, mais próximo de quem olha, um campo de guerra com muitos soldados lutando; depois do campo de batalha, um curral repleto de bois; o presépio ocupa então o centro e, ao fundo dele, uma igreja, casas e prédios configuram a área urbana. Nos anos seguintes, aparecem a ferrovia, um túnel, um monjolo, um grande lago com barcos, o Cristo Redentor, a Torre Eiffel, pontes, avenida e viaduto com muitos carros, uma garagem, galpões industriais, campo de futebol de várzea, uma roda gigante, uma estação ferroviária e muitos, muitos prédios e casas...

A maioria das fotos que me foram mostradas por *seu* Mário durante nossa entrevista retratavam em cores a cidadezinha quando já era intensamente visitada; estas fotos são provavelmente das décadas de 80 e 90, pois nelas já não se vê o grande lago que em 1973 era descrito no livro

da professora Antonieta como *“tomando o centro do barracão (e possuindo) quatro metros aproximadamente de comprimento, por dois de largura”*.

Neste conjunto, há muitas fotografias (algumas delas, ilustrativas das imagens mencionadas a seguir, encontram-se reproduzidas no anexo 1, com o título “Fotografias recentes”) das basílicas de Aparecida do Norte e do elevador Lacerda, naturalmente por serem construções famosas. Outra tomada freqüente é uma vista panorâmica, captando o aspecto típico de um grande centro urbano, com seus arranha-céus, torres de telecomunicações, letreiros comerciais e avenidas cheias de automóveis. Provavelmente porque eram os aspectos mais caros ao *seu* Mário, há também muitas imagens do quartel, do parque de diversões, do estádio de futebol, do circo, dos trens e da estação ferroviária (agora bem mais imponente), da estátua do “toureiro” (ou “o príncipe”, como o chamou D. Matilde, certa vez) sobre um prédio e das figuras pitorescas que sobressaíam do quadro humano da cidadezinha: os “dois malandros” escondidos na montanha, a “turma de trapalhão” do estádio, os “tocadores de bumbo”, o casal de amantes no saguão do hotel “Romeu e Julieta”.

É preciso destacar dois elementos retratados nestas fotografias: o primeiro, é que o presépio fora deslocado para fora da cidade, ocupando agora uma bancada na extremidade do corredor de onde os visitantes a contemplavam; o segundo, é que a imagem da cidadezinha fora duplicada pela colocação de um grande espelho, tomando toda a parede do fundo do galpão.

De 1996, obtive três fotografias de uma exposição de peças da cidadezinha, realizada durante uma festa anual na cidade de Assis – SP; segundo *seu* Mário, era costume dos organizadores desta festa alugarem uma parte de suas miniaturas para esta exposição. As fotos mostram apenas algumas miniaturas de casas e edifícios alinhadas sobre uma bancada, formando quarteirões em ruas pavimentadas e iluminadas (uma delas encontra-se reproduzida no anexo 1, com o título “Exposição em Assis-SP/1996”).

Entre os filmes que obtive, há algumas reportagens TV-Tem, associada da Rede Globo em Bauru e uma reportagem exibida pela TV Record, além do vídeo promocional já mencionado. Nestes filmes, o aspecto da Cidade Miniatura que se mostra mais saliente ao olhar é, sem dúvida, a semelhança com qualquer grande cidade; sendo paulistana, suas imagens fazem-me recordar o semblante familiar de São Paulo: a profusão caótica de edificações, o barulho, o movimento e as luzes...

A reportagem exibida em 22/12/1996 pelo jornal SP-TV (TV-Tem), informa que a cidade não funcionará neste ano; *seu* Mário justifica-se dizendo estar adoentado mas afirma que a cidade foi doada para uma faculdade e abrirá no ano seguinte; contudo, o nome da FAL não é mencionado na matéria. Esta afirmação indica que as negociações com a FAL começaram muito antes da doação efetivar-se.

No vídeo promocional (provavelmente filmado em 1999), a cidadezinha parece menos bem cuidada, talvez em função das dificuldades decorrentes da avançada idade de *seu* Mário e também pela iminente transferência. Mas o que mais impressiona neste vídeo, como no *“Projeto de Reforma e Ampliação de um Galpão para Exposições Culturais”*, é o flagrante amadorismo com que a FAL lidava com o assunto.

A entrevista que tive com *seu* Mário, em dezembro de 2004, aconteceu ao lado do “trecho novo” da cidade miniatura – na verdade, uma nova cidadezinha que ele vinha construindo sobre uma bancada no quintal de sua casa, desde o desmantelamento da primeira. Quando lá estive, o presépio original ocupava o centro do “trecho” sobre a bancada; muitas das coisas existentes na “cidade” estavam ali reproduzidas, como o circo, o parque de diversões e o monjolo, mas em versão muito menos elaborada; a ferrovia operava com apenas um trem, as igrejas eram bem mais simples e as construções mais espaçadas. Havia também tocadores de bumbo e outras figuras semelhantes, que faziam um barulho ensurdecedor. *Seu* Mário deixou instruções expressas à D. Matilde para que entregasse este “trecho” para a Ir. Cida logo após sua morte, o que foi feito. Deste trecho, digitalizei algumas fotografias (Algumas delas encontram-se reproduzidas

no anexo 1, com o título “Fotografias do Trecho”) já na época da entrevista; quando reencontrei D. Matilde, em 2007, ela mostrou mais algumas, feitas por *seu* Mário em seus últimos dias de vida – nestas, o presépio encontrase no chão, ao lado da bancada, novamente fora da cidadezinha...

III – UMA NARRATIVA NA FRONTEIRA ENTRE A EXPRESSÃO POÉTICA, A PSICOLOGIA SOCIAL E A HISTÓRIA

*“... Em verdade
são boas as lendas, se são em memória
do Altíssimo, sem embargo, é preciso
alguém que interprete o sagrado”
[Friedrich Hölderlin]*

CAPÍTULO 5:

Figuração poética e trabalho psíquico

O relato de Borges tenta ser fiel à realidade, *seu* Mário tenta ser fiel à sua promessa, eu tento escrever uma tese fiel às minhas errâncias – no fim, nenhum de nós terá conseguido tanto, mas apenas o bastante; para o homem, tem que bastar! Logicamente estou em desvantagem: meti-me com uma tese, não com um conto ou uma maquete; cumpre-me dizer aquilo que a mim se revelou nas narrativas e imagens da cidadezinha do *seu* Mário, não posso fazer outra coisa enquanto sou acadêmica: uma tese não pode ser senão um dito – pior: um dito razoável e escrito, no mínimo, para ser guardado na biblioteca, no mínimo, durante muitos anos; sem embargo, cumpre-me igualmente ser fiel aos ensinamentos recolhidos em minhas errâncias – e aprendi que não se pode perceber tudo aquilo que se mostra, nem tampouco esgotar com palavras razoáveis tudo aquilo que se percebeu...

Contudo, quero crer que seja válido (até necessário) comunicar o conhecimento derivado do fato de que o meu olhar, formado nas lides e nos saberes que permeiam o campo da psicologia social, haja sido atraído para o presépio – cidade miniatura do *seu* Mário. Meu encontro com aquela cidadezinha mítica foi acidental mas, desde o início, olhei-a com a suspeita característica do meu saber: que ela escondia e expressava alguma coisa para além de si mesma, algo construído na interação entre *seu* Mário e a cidade de Lins e, daí, que através dela podia-se ver algo da interação entre *seu* Mário e o resto do mundo, entre um homem e o resto do mundo – ou, como antecipei na introdução, que a *Cidade Miniatura do Mário* guardava um valor poético e um conteúdo ressonante das utopias presentes em seu contexto social, ao longo das décadas de sua existência. Penso que um olhar assim pode desencravar daquela cidadezinha alguns vestígios esclarecedores sobre os desejos e os sofrimentos inscritos nas fronteiras entre os planos psíquico e cultural, ou seja, surgidos e elaborados na interação entre o sujeito e sua comunidade, e nas fronteiras entre os planos histórico e político, ou seja, nas relações entre

passado, presente e futuro. Estes vestígios encontram-se na urdidura plástica da cidadezinha e nos acontecimentos que fizeram sua história; encontrá-los pode ajudar a esclarecer algo sobre os elos que vinculam os cidadãos às suas cidades, fazendo interpenetrarem-se seus destinos. Claro: sob a condição de jamais descurar que nenhum olhar e nenhum relato poderiam capturar inteiramente os inesgotáveis significados e sentidos de qualquer construção humana...

Isto posto, vejamos o quanto se pode dizer sobre o presépio – cidade miniatura... e podemos começar por aí: que vemos nas suas imagens registradas? Vemos, principalmente, uma cidade que aumenta a cada ano – uma *cidadezinha* que cresce, ilumina-se, movimenta-se, tudo segundo o desejo de *seu* Mário; enquanto isso, vemos um presépio que permanece sempre o mesmo, exceto pelo fato de ser deslocado do centro da cidade para fora dela. Durante todos estes anos o presépio mesmo não aumenta conforme o prometido; não aumenta mas continua ali, presente nas narrativas e visível na cena que agora é da cidade; durante 56 anos, *seu* Mário continua sendo um homem pagando sua promessa – pagando o bastante, jamais inteiramente...

No fundo, talvez *seu* Mário, como Borges e como todos nós, não pudesse fazer mais que ser fiel às suas lembranças – isso talvez explique o previsível fracasso de todos nós: quando tentamos realizar algo, não podemos evitar confundir o que desejamos que este algo venha a ser na realidade, com aquilo que ele já é em nossa memória. Isso é trágico, pois nem sempre podemos lembrar inteiramente o que nossa memória já guarda daquilo que desejamos ver realizado...

Entre os elementos da memória freqüentemente não sabidos estão os modelos culturais disseminados socialmente. Talvez *seu* Mário não soubesse, mas os presépios portugueses diferenciam-se dos demais por trazerem, acrescidas às figuras consagradas na cena do nascimento de Jesus, imagens representativas do cotidiano das pessoas que os constroem; há precedentes culturais para o deslizamento do presépio prometido para a cidade realizada pelo *seu* Mário e é provável que ele tenha estado em contato ao menos com fragmentos deste modelo. No sentido inverso, há o exemplo de uma cidade

miniatura – Ave Maria Grotto, no Alabama, construída por Joseph Zoettel durante décadas, até sua morte em 1961 – formada exclusivamente por réplicas de lugares sagrados...

Também desconhecemos uma parte grandiosa dos significados absorvidos junto com a língua materna e isto não impede nosso costume de a utilizarmos largamente no registro, evocação e narração das nossas memórias – coisa que já permitiu concluir-se que *somos falados pela língua...* usando um pouco de imaginação, naquela situação onde o presépio prometido é, por duas vezes, deslocado da cidade que dele se originou, podemos vislumbrar algumas velhas antinomias conhecidas de todos nós: o campo e a cidade, a natureza e a cultura, o divino e o humano, o sagrado e o profano, a família e a sociedade, o privado e o público, o antigo e o moderno...

O antagonismo entre cidade e campo pode, inclusive, ser reportado ao Gênesis: o crime de Caim, fundador da primeira cidade, simbolizaria a vitória definitiva do urbano sobre o rural; esta, aliás, seria a vontade de Deus: que a espécie humana construísse sua própria morada, uma “segunda natureza” onde pudesse abrigar-se [SEGRE, 1996]. De fato, o resto da história confirma isso que se vislumbra ao primeiro olhar: durante todo o tempo, presépio e cidade apresentam-se como elementos imiscíveis, até conflitantes, que custa manter unidos. Isto é verdadeiro não apenas para *seu* Mário, como se pode notar em sua narrativa (Capítulo 3, parágrafo 23, por exemplo); Ir. Cida também precisa *dar tratos à bola* para encontrar um modo de comprar a cidade sem profanar o presépio. No final das contas, presépio e cidade precisam separar-se, coisa que duplica a dívida de *seu* Mário: agora, além de pagar a promessa vitalícia feita a Deus, ele deve cuidar para que as casinhas e prédios que, neste mister, fabricou até o fim de sua vida sejam entregues à FAL depois de sua morte. Neste ponto, seria pertinente perguntar: por que demônios há de alguém, à moda dos portugueses, encalacrar-se assim, misturando presépio com cidade?

Antes de mais, porém, que fique claro: as promessas feitas em 24 de dezembro de 1949, de fazer o almoço de natal dentro da manjedoura e de iniciar um presépio que seria aumentado enquanto ele vivesse (Capítulo 3,

parágrafo 1), embora possam trazer outros significados implicados, têm certamente raízes na devoção religiosa de *seu* Mário e isso não pretendo examinar aqui; a intenção é examinar tão somente o modo como *seu* Mário imaginou, realizou e narrou a prometida ampliação do presépio.

Agora, de onde surgiria tal idéia, que aliás nem é absolutamente original, de misturar presépio com cidade? Ora, a resposta pode ser muito óbvia: basta notarmos que quase todas as nossas vivências, desde o nascimento até a morte, encontram-se inscritas nos registros das antinomias antes apontadas. Desta perspectiva, a defrontação de presépio e cidade num mesmo plano, como *seu* Mário fez plasticamente em sua obra, forma uma representação das mais densas questões humanas; não é de estranhar o quanto arroubava as pessoas, nem quão absorto manteve seu criador pelo resto de sua vida. A construção do presépio – cidade miniatura poderia ser interpretada, então, como um esforço para compreender a vivência concreta de coisas inapreensíveis pelo pensamento abstracionista capaz de engendrar aquelas antinomias mas que, no campo mitopoético onde foram instalados na cidadezinha, desvendam respostas reconhecíveis por qualquer um de nós.

No caso de *seu* Mário, é fácil perceber este gênero de questões cruzando sua trajetória de vida. Lembremos, por exemplo, como ele experimentou a vida no campo e a vida na cidade: ele era uma pessoa de origem urbana, forçado a mudar-se para o campo em conseqüência dos revezes políticos sofridos por seu pai; no campo, experimentou sempre mais agruras que felicidade idílica: sofreu fome, sede e desamparo durante a viagem, ainda criança, pelo meio do mato; em Lins, viveu tempos difíceis com o desemprego do pai e a inadaptação da família ao trabalho nas fazendas de café; por fim, já adulto, esteve ameaçado de completa ruína pela *peste manqueira* que atacou o seu gado (vide Capítulo 3, parágrafos 1, 10, 11 e 82). Cidade e campo, de fato, mostraram-se igualmente inóspitos ao jovem Mário – provavelmente, isto o tenha empurrado a desvincular-se de ambos, saindo em viagem com o circo (Capítulo 3, parágrafos 7 e 8). Mas a vida de músico nômade (como a de lavrador, pecuarista, protético, cabeleireiro, fogueteiro ou sapateiro) também não podia ser suportada... neste caso, *seu* Mário precisou

imaginar e construir, ele próprio, um mundo suficientemente bom para viver – então, criou a *sua cidadinha*, recriando modelos guardados na memória para criar um novo (Vide Capítulo 3, parágrafo 13, por exemplo); selecionando e dispondo elementos comuns a muitas cidades para apresentar um significado inédito do urbano: o significado de oásis hospitaleiro... Assim, *seu* Mário dotou seu pequeno mundo de tudo quanto lhe parecia necessário, belo, acolhedor, perfeito: um grande lago, a harmonia dos movimentos, o trabalho, o parque de diversões, o circo, o futebol, um local para os amantes, uma banda de música, soldados marchando no quartel...

Com isto não quero dizer que a cidadezinha era uma versão leve e divertida do mundo real – ao contrário, o pesado enigma sobre a origem e o fim da humanidade, e suas questões derivadas que costumeiramente assombram os homens, apareciam em sua paisagem, porém de uma forma não apenas suportável, mas arrebatadora. Considerando-se as modalidades do negativo, tal como as distinguiu Kaës, já mencionado, pode-se dizer que tal formato construía-se pela operação de uma dupla negatividade: por um lado, a *cidadinha* apresentava muitos aspectos reafirmadores do mito do desbravamento da região e da fundação de Lins, como a ferrovia, por exemplo. Por outro lado, é digno de nota que, nos primeiros anos da maquete, *seu* Mário tenha construído um curralzinho de bois mas, estando em Lins, jamais tenha feito uma fazendinha de café – talvez porque o início da cidade miniatura coincidiu com a tristonha erradicação dos cafezais da região e, afinal, *em casa de enforcado não se diz “corda”*...

Mas precisamente o fato de alguns elementos presentes na cidade serem suprimidos em sua representação, por vezes pode explicar o efeito arrebatador da cidadezinha: embora a cidade miniatura imitasse a cidade grande em seus mais ínfimos e prosaicos detalhes, como uma bicicletaria ou um açougue, estão quase totalmente ausentes os elementos que poderiam lembrar dor, degenerescência e morte – ali não se vê um cemitério, um hospício, uma prisão ou mesmo um museu. Todavia, na *cidadinha* os novos personagens, edifícios e *trechos*, ano após ano, vinham somar-se aos antigos em vez de os substituir, em contraste com o que se observa nas cidades

verdadeiras, onde os museus existem para encerrar antiguidades inutilizadas pela modernização – diante desse contraste, como não divagar sobre o sentido e o fim do progresso? Outro exemplo: é forçoso pensar na morte quando se pensa em doenças e forçoso pensar em doenças quando se pensa em médicos. Ora! Há muitas clínicas e muitos hospitais representados na cidadezinha, de modo que o espectador é convidado a pensar sobre tais coisas, mas a supressão dos cemitérios permite ao sujeito deter-se quando atingir o limiar do insuportável e desviar seus olhos para, digamos, uma cervejaria, um carrossel ou uma igreja.

No capítulo anterior sublinhei a semelhança da cidadezinha com qualquer grande cidade; aqui gostaria de sublinhar a sedução irresistível exercida por este modelo: ocorre que, quanto às origens e fins, a humanidade partilha um mesmo e humilde destino, gravado já em seu nome autoproclamado: ser inferior aos deuses, terrenos, incompletos, insuficientes, finitos e, suprema desgraça, conscientes disso! É sempre o mesmo destino humano, tal qual o de Édipo às portas de Tebas: arrostando passado e futuro com sua inteligência, procura assenhorear-se de sua vida, esquecido de sua completa ignorância sobre sua origem e seu fim; é sempre o esforço humano por elidir o enigma, derrotar o sofrimento – isso mesmo fez a glória e a desgraça de Édipo, faz a construção e destruição das cidades. De certo modo, pode-se dizer que a cidade é a solução pactuada pela humanidade para responder aos sofrimentos que nos afligem; contemporaneamente, uma solução que passa pela evitação da dor, mediante todo tipo de negação, insensibilização, distração, desarraigamento, descomprometimento – retomemos a argumentação de Sennett: a grande cidade contemporânea expressa em sua pedra as esquivas da carne que a habita. É uma atitude inteligente de *Seu Mário* opor ao presépio uma grande, movimentada, ruidosa e iluminada cidade; nada seria mais apropriado para distrair dos mistérios inefáveis representados pela cena no estábulo: um deus filho do homem, nascido já para a morte. A vida humana, porém, tripudia sobre tais falseamentos: o homem continua a experimentar na carne o sofrimento. A cidade não o protege suficientemente da dor; em verdade, costuma somar-lhe ainda outras dores.

Como ele próprio afirmava (veja-se no Capítulo 3, os parágrafos 31 e 39, por exemplo), aquela cidadezinha era a *vida* de seu Mário... outra maneira de dizer o mesmo é: aquela cidadezinha era a materialização plástica das respostas formuladas por seu Mário às questões vitais com as quais se deparou no mundo. Ou ainda: era a expressão mitopoética dos enigmas ontológicos e teleológicos que seu Mário precisou decifrar – coube à ele, como cabe a cada um de nós, defrontar-se com os sofrimentos da vida, emprestando-lhes um significado e um sentido singulares. Em 1949, *Seu Mário* era um homem ferido pela cidade e pelo campo; o mundo externo não oferecia para ele refúgios seguros o bastante onde pudesse proteger-se do sofrimento. É perfeitamente plausível que a cidade miniatura fosse um refúgio imaginário, onde seu Mário experimentasse a realização suprema de um demiurgo capaz de criar um mundo inteiro conforme sua vontade, a completa satisfação de um pai que gera um filho à sua imagem e semelhança, o poder absoluto de um rei que governa segundo seu próprio julgamento; talvez essas fantasias o tenham mantido entretido com a cidadezinha durante tantos anos, feito criança. Mas olhando por um outro prisma, é também notável que tenha sido o trabalho em uma cidade *de mentirinha* o que acabou garantindo ao seu Mário sustento material, dignificação social e o título de “cidadão linense” – especialmente quando isto é contrastado com as dificuldades que ele encontrou antes, enquanto trabalhava duro na cidade *de verdade*, ou depois, quando sua *cidadinha* desmantelada ainda servia para manter entretidos feito crianças cidadãos muito sérios e ciosos da verdade.

Gaston Bachelard¹² afirma que as miniaturas poéticas, fazendo-nos saltar o limiar do absurdo, franqueiam o acesso à imaginação: em sua criação e em sua contemplação, pode-se dar livre curso à construção imaginária de mundos realmente impossíveis, mas desejáveis... neste sentido, as miniaturas possuem *realidade psicológica* e *condensam valores*; a miniatura seria, assim, um “mundo dominado”, constituída num movimento de resistência às limitações ambientais mais imediatas e, ao mesmo tempo, possibilitadora de um movimento de integração a uma cosmicidade transcendente. É preciso admitir que, ao miniaturizar a cidade *de verdade*, seu Mário logrou figurar alguma coisa

¹² BACHELARD, 1978.

significativa não apenas para si próprio mas para todos os homens ao redor; havia algo na *cidadinha* que transcendia o modelo mimetizado da cidade. Talvez porque, como diz Bachelard, a miniatura permita acolher oniricamente valores oníricos, desejados, profundos. Ou, da perspectiva de Sennet, porque *seu* Mário não havia conseguido escapar à dor de viver e a *compaixão cívica* tornou-se possível, senão inevitável, para ele; assim, sua *cidadinha* revelava seu conhecimento próprio e singular daquilo que, nas palavras de Safra, é *inóspito ao ser humano*: não haver água, não haver comida, não haver lugares para o brincar, para o amor, a arte, a disciplina...

A *compaixão cívica* é o equivalente, no nível político, coletivo, da empatia nas relações duais; ambas pressupõem uma atitude ética-hermenêutica, fundamentada no reconhecimento de uma “comunidade de destino” – tal como o sentimento de *seu* Mário diante da velhinha feia, a mesma moça bonita que namorara na juventude, cuja visita causou-lhe a maior emoção (Vide Capítulo 3; a primeira menção feita ao episódio não se encontra gravada, mas o assunto é retomado nos parágrafos 44 e 81).

A imaginação e a empatia, mais que o raciocínio, devem ter sido as formas de conhecimento empregadas por *seu* Mário na construção da cidadezinha. Considerando-se a perspectiva de Martin Heidegger sobre a essência da arte¹³ – uma pelejante revelação do sentido das coisas – a *cidadinha* guardaria verdades não racionais sobre a cidade. Sendo assim, e se a Cidade Miniatura puder ser tomada como uma poesia sem palavras, capaz de mostrar verdades que a cidade oculta, então talvez seu elemento mais revelador seja o tom picaresco de figuras como os trapalhões do estádio e os dois malandros da montanha. Essas figuras inverossímeis, nada heróicas e nem mesmo úteis, mas tão caras ao seu criador, talvez compareçam na *cidadinha* apenas para assinalar que, sob sua aura de gravidade e pragmatismo, a cidade dos homens não merece ser levada assim tão a sério...

¹³ HEIDEGGER, 2006.

CAPÍTULO 6:

Imaginário e colonialidade

Acredito que as páginas anteriores puderam demonstrar que, numa tomada que se poderia dizer *espacial*, a Cidade Miniatura do Mário escondia, intramuros, alguns desejos e sofrimentos compartilhados por seu criador e seus contempladores. Vejamos o que uma tomada *temporal* pode vir a mostrar...

Como a origem do presépio – cidade miniatura já foi narrada, posso começar por reproduzir o que se conta sobre a origem da cidade *dos arredores*, Lins: na história oficial, as cidades da região noroeste do estado de São Paulo, área praticamente intocada pelo homem branco até o início do século XX, têm sua origem na construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil [QUEIROZ, 1997]. No *site* oficial da prefeitura de Lins, conta-se que a cidade surgiu no local de *cruzamento de uma trilha de índios localizada nas proximidades dos Rios Tietê e Dourado e a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil* (que chegava) *trazendo os homens e suas gentes cortando as matas*. Data de 16 de fevereiro de 1908 a inauguração da Estação Albuquerque Lins; em 30 de dezembro de 1913 foi criado o Distrito de Paz e em 21 de abril de 1920 o município de Lins é emancipado.

Todavia, conta-se também que alguns *homens e suas gentes* chegaram *uns anos* antes da ferrovia, que já os teria encontrado em meio aos cafezais. A busca de Altamiro Ghersel Ribeiro pelas origens de Lins fora motivada, em alguma medida, pelo fato dele ser o último descendente varão de Manoel Francisco Ribeiro, seu avô materno; através de suas pesquisas, Altamiro procurou comprovar que Manoel – e não um outro cafeicultor que costuma ser mencionado, Joaquim de Toledo Piza – fora o fundador do patrimônio que deu origem à cidade. Na história de Lins contada por Altamiro, de sabor épico, o avô afigura-se um herói que, para além de apenas fundador, bem poderia ser tomado como o “criador” de Lins: “*Em determinada vinda de meu avô com os*

filhos (antes de 1904, quando a região ainda figurava nos mapas como desconhecida), ele se abaixou – tinha um tronco forte, vigoroso, era um homem mesmo próprio para varar sertões, tinha a envergadura de um gigante – pegou um punhado de terra, esfregou nas mãos e cheirava... falou: “Essa terra é rica em húmus, é o tipo da terra para produzir café, dá vontade até de comer um pouco dessa terra! O futuro de Lins vai ser o café e eu vou ser o primeiro a plantar. Vou fazer uma divulgação e trazer os parentes, os amigos, todo mundo pra cá!” – e trouxe, tanto é que a cidade se tornou mais tarde o maior centro cafeeiro do mundo!”. Essas palavras grandiloqüentes de Altamiro, como as de outros historiadores da região que tive a oportunidade de escutar ou ler, transmitiam ainda a memória do espírito bandeirante dos desbravadores, guardada pela elite cafeeira como se guardavam os *deuses domésticos* – algo parecido com o honrado valor de um *quatrocentão*. Aparentemente, o melhor meio hoje em dia para tornar-se um herói *semelhante aos deuses* é criar uma cidade...

De qualquer modo, café e ferrovia são os determinantes do desbravamento e colonização da região, que não se fez sem luta e dor. Mas a floresta inóspita, a leishmaniose, conhecida como “úlceras de Bauru”, a maleita, os conflitos sangrentos com os índios caingangues até seu extermínio, nada poderia deter o ímpeto da expansão cafeeira – para se aquilatar este ímpeto, basta considerar que em 1935 a região noroeste do estado de São Paulo possuía, já, 12.544.045 pés de café¹⁴ - e há divergências quanto a este número: numa revista local¹⁵, afirma-se que em 1935 haviam 60.000.000 pés de café só em Lins! Os dados de crescimento populacional, alavancados pelas levadas de imigrantes que chegavam, acompanham *pari passu* esses números: em 1940, Lins abrigava 36.365 pessoas¹⁶. Marcas indelévels desta época áurea é certa megalomania, em geral inofensiva e até inspiradora, do povo

¹⁴ MILLIET, Sérgio. *Roteiro do Café II*. In: Boletim Geográfico, ano VIII, fev.1951, nº 96; pp.1284 [citado em BEOZZO, José Oscar. *Noroeste Paulista: aspectos demográficos (ou, um caso típico de povoamento)* In: Vozes Revista de Cultura. Ano 63, nº 9, set. 1969; pp. 771:787]

¹⁵ Revista “A Cidade de Lins”, publicada em 1937 sob a direção de Calil Eid; há um exemplar no acervo da Biblioteca Auxilium (Unisalesiano, unidade II), encadernado na brochura de título “*Lins. O progresso em revista*”, doado pelo Sr. Altamiro Ghersele Ribeiro e cadastrado sob o nº 981.612/LINS/L789L. O dado referido encontra-se no corpo da matéria “*A gestão do sr. Cel. João Bráulio Junqueira, Prefeito de Lins*”, aparentemente de autoria de Calil Eid, que afirma estar transcrevendo informações publicadas no jornal “O Estado de São Paulo”, de 31 de dezembro do ano anterior (1936).

¹⁶ MILLIET, Sérgio. Citado.

linense – que sirva de prova os mirabolantes planos arquitetados pela FAL a respeito da Cidade Miniatura que, aliás, era a maior do mundo...

As décadas de 50 e 60 foram marcadas, ao contrário, pela “quebra” do café e sua erradicação, seguida pela mecanização agrícola e a progressiva introdução da pecuária, determinando um êxodo rural brusco. Neste contexto, Lins acabou por receber boa parte das pessoas que, sem encontrar trabalho nos campos, dirigiam-se às cidades em busca de emprego na indústria e no comércio – depois, desalentados, afinal migravam para outros lugares, especialmente para o trabalho nas montadoras recém-instaladas no ABC paulista. Há um trabalho esclarecedor realizado por Vilma Fernandes Neves [NEVES, 2006], que entrevistou trabalhadores rurais linenses sobre o período de 1940-1960; a análise do período que se segue à erradicação do café inicia-se pelo capítulo sugestivamente intitulado “A sedução do urbano”. Claro, nessa época não era só Lins que se achava seduzida pelo urbano – estamos falando, não por acaso, da mesma época dos estudos sobre a industrialização realizados pela Comissão Mista Brasil - Estados Unidos (1951-1953), da criação da Petrobrás (1953), do programa “50 anos em 5” e das 30 metas do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960), culminando com a inauguração de Brasília...

Assim como Lins e as cidades do noroeste de São Paulo tiveram um crescimento vertiginoso durante o tempo do café, a cidadinha do *seu* Mário cresceu rapidamente em seus primeiros anos, como se pode perceber pelas fotografias mais antigas. Surgiam em profusão os símbolos da modernização urbana: o “Correio de Lins” ocupava um edifício verticalizado (na cidade *de verdade* ocupa, ainda hoje, uma modesta casa térrea), haviam inúmeras torres de telecomunicações e um intenso tráfego de automóveis pelas ruas e avenidas. Embora nenhum dos moradores entrevistados durante o período do estudo a tenha mencionado, muitos destes elementos presentes na Cidade Miniatura do Mário comparecem nas narrativas autobiográficas e na imaginação dessas pessoas, notadamente as esperanças depositadas na industrialização e o inquestionável valor do progresso, inexoravelmente

associado com urbanização – esta, por sua vez, associada com a verticalização dos edifícios e a abertura de vias de circulação.

Assim, a cidadezinha do *seu* Mário aparece não apenas como projeção dos anseios, valores e expectativas que habitavam sua alma, mas também como protótipo de um mundo coletivamente *projetado* – no sentido psicanalítico consagrado ao termo, mas também no sentido de *almejado para o futuro* – no entremeio das pessoas que a contemplavam.

Caberia, é certo, um estudo mais acurado das influências que os modelos urbanísticos exerceram na construção da cidade miniatura, mas isto é coisa para especialistas – para o resto de nós, um olhar é o bastante para que não reste dúvida de que *seu* Mário dava à sua cidadinha um aspecto condizente com o tipo de cidade que Leonardo Benévolo chama “moderna” ou “pós-liberal” [BENÉVOLO, 2005]. Como todo modelo de cidade, este também tem suas raízes em possibilidades econômicas, recursos tecnológicos e ideários utópicos. A cidade dita “moderna” desenvolveu-se nos Estados Unidos da América a partir do final do século XIX, caracterizando-se pelos seus imponentes arranha-céus, que logo tornaram-se símbolos de desenvolvimento econômico e tecnológico. É com este caráter simbólico que, célere, o modelo dissemina-se pelo globo – primeiro na Europa e depois nas capitais latino-americanas [SEGRE, 1996]; desnecessário dizer que sua hegemonia no pobre hemisfério sul fez-se mediante dívidas contraídas para com o norte abastado – mas principalmente, fez-se pela absorção do ideário utópico que o modelo transmite.

Comentando o êxodo rural, Neves sugere que a cidade *podia exercer seu poder de sedução, tanto pelo que de fato oferecia, quanto pelas possibilidades que deixava entrever* (obra citada, página 153); no caso de Lins, as *possibilidades entrevistadas*, porém, não se realizaram. Mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, o sonho recorrente da industrialização ainda hoje é vigoroso e transparece claramente nas entrevistas feitas com moradores linenses. Fundada exatamente na época da *sedução do urbano*, é natural que a cidadezinha do *seu* Mário condensasse referenciais urbanos como o elevador Lacerda, as basílicas de Aparecida do Norte, o Cristo Redentor e a torre Eiffel.

Do mesmo modo, é natural que, fazendo eco às utopias desenvolvimentistas, fosse sendo dotada de indústrias, estradas, ônibus e até um reservatório de água da Sabesp.

De passagem, vale mencionar que se pode depreender das narrativas dos moradores antigos¹⁷ uma característica peculiar da vida econômica linense que mereceria ser melhor investigada: são comuns as referências às lojas Arapuã e ao consórcio Garavelo que, durante algum tempo, cresceram e dominaram o mercado de trabalho naquela região; mas isto durou pouco e depois de estarem fortes essas empresas foram estabelecer suas sedes em outras cidades, deixando aos linenses o mesmo gosto amargo da quebra do café. Atualmente, mais de 7.000 pessoas da microrregião de Lins são empregados do Bertin, grupo empresarial familiar, nascido e sediado em Lins mas já com alcance global – talvez porque *gato escaldado tem medo de água fria*, as referências populares a este grupo sistematicamente se fazem acompanhar de pensamentos temerosos, como transparece, por exemplo, nestas frases:

“Ninguém tem emprego, ninguém tem nada. Agora quem manda na cidade é o Bertin – você entrega uma ficha lá e fica esperando...” [Natália; 59 anos, viúva, empregada doméstica. Entrevista realizada em 2004].

“Agora tem o Bertin (risos), a fábrica do Bertin, onde o povo está trabalhando; isso porque tem o Bertin que está dando serviço... só que tem que pôr mais fábrica aqui, não é?” [Ivete; 72 anos, casada, dona de casa. Entrevista realizada em 2005].

Também neste assunto há similitudes entre a cidadezinha e a cidade *verdadeira*: em ambas, nota-se certa ambigüidade e tensão, sempre presente, entre as esferas pública e privada... destarte, pode-se encontrar auxílio nas reflexões de Hannah Arendt, mormente em seus assinalamentos sobre a progressiva degradação de ambas estas esferas na sociedade moderna. Para esta autora, tanto a esfera pública, essencialmente caracterizada pela criação comunal e livre de um mundo compartilhado por todos e cuja durabilidade transcende as existências individuais, quanto a esfera privada, caracterizada pela propriedade dos bens necessários ao atendimento e resguardo dos processos vitais da família – por assim dizer: de suas necessidades carnis –

¹⁷ Refiro-me às 61 entrevistas que tive a oportunidade de acompanhar durante o trabalho em ENB, já mencionado.

estão atualmente *submergidas* na esfera social, entendida como a esfera das alianças destinadas a garantir proteção *pública* para a propriedade *privada* das riquezas ou, mais especificamente, para o acúmulo de capital – desnecessário dizer que, neste contexto, ocorre o que se poderia qualificar como uma perversão dos significados mais autênticos dos termos *público* e *privado*: longe de ser um espaço de liberdade, a esfera pública passa a estar submetida às necessidades privadas; ao mesmo tempo, tais necessidades *da carne* escapam ao domínio exclusivista e recatado da vida privada para se constituírem como objeto privilegiado, senão único, da vida pública.

Em cidades relativamente pequenas e de história recente, como Lins, as permeabilidades entre o público e o privado assume feições muito complicadas: a geração mais antiga, ainda viva, relata com nitidez as peripécias de outros tempos, quando sólidas fortunas de hoje eram ainda pequenos empreendimentos, frágeis como crianças recém-nascidas, precisando do apoio governamental, de lotes de terra onde se enraizar, de financiamentos de risco quase absoluto. Certo senhor idoso, pessoa influente em outros tempos, ao ser entrevistado em 2003 contou sua primeira reação quando muitos anos atrás Henrique Bertin, então pequeno curtidor de couros, procurou-o para obter apoio local aos seus planos de montar um frigorífico, cuja maior parte Delfin Neto havia prometido financiar: “*Você está louco, rapaz? Você não está podendo com um gato pelo rabo!*”. Verazes ou não, este e outros episódios semelhantes são reiterados pelas narrativas de outros entrevistados; do mesmo modo, fala-se muito de casos mais recentes, em que o poder público teria dificultado a instalação de novas empresas na cidade. É comum que pessoas de diferentes classes interpretem essas coisas como indecoroso butim entre amigos; parece ser inevitável para elas sopesar o quanto custou à cidade nutrir alguns empreendimentos e o quanto, depois de estarem crescidas e fortes, estas casas comerciais oferecem aos cidadãos. Claro, é também inevitável que, na maior parte das vezes, uma tal ponderação resulte conflitiva...

Em vista disso, deve-se notar que a Cidade Miniatura do Mário, por sua própria natureza, denunciava os incômodos atravessamentos das barreiras

mais concretas que deveriam manter separados os mundos privado e público: a cidadezinha situava-se dentro da casa do *seu* Mário, seu *proprietário*, que a mantinha sem qualquer apoio dos poderes públicos; por outro lado, dada a sua visibilidade pública, sua doação à FAL exigiu uma sessão solene na Câmara Municipal; a FAL esperava obter patrocínio das empresas locais para remontar a cidade ao mesmo tempo que planejava explorar-lhe a bilheteria; durante os anos em que permaneceu desmontada, a imprensa local cobrou insistentemente da FAL uma *prestação de contas* sobre os motivos pelos quais não abria suas próprias portas para a visita pública à cidadezinha. Evidentemente, essa liminaridade é um aspecto constitutivo do modo reticente, velado e contraditório como o assunto foi enfrentado por todos os envolvidos, determinando a longa agonia da cidadezinha confinada nos desvãos da FAL. Talvez, no futuro, se possa vir a compreender como se deu sua ressurreição...

Segundo Agamben, a história do Ocidente teria promovido uma cisão dessa unidade originária e original, modelando uma carne irremediavelmente incapacitada para resistir ao poder biopolítico que sobre ela se exerce [AGAMBEN, 2002]; a mesma carne que, segundo Sennett, modela as pedras da cidade. De fato se pode ver, dentro ou fora dos muros da Cidade Miniatura do Mário, a carne necessitada e sofrida do homem modelando a construção de seu discurso e de sua morada; o tempo impudente desnudando fenômeno ainda mais enigmático: palavras e pedras amoldando as necessidades e sofrimentos da nossa carne...

Decifrado esse enigma, talvez pudéssemos escapar da sedução que as palavras e as pedras exercem sobre nossa carne – isso engendra um poder mais forte que o da pena ou da pecúnia; este é o fulcro do poder de todo império, toda corporação, toda congregação, toda instituição. Todos têm verdadeiro arsenal de palavras e pedras, para que seus mandatários os utilizem nas lides cotidianas como recursos disponíveis para subjugar, disciplinar e docilizar as pessoas; mas não nos esqueçamos: eles próprios, os mandatários, são também humanos subjugados pelo *mana* das palavras e das pedras...

Pretextando as limitações impostas pelo necessário recorte temático exigível de uma tese acadêmica, dou-me o direito de deixar apenas insinuado que esse enigma, tão escandalosamente representado pelo paradoxo de uma cidadezinha que existe dentro de uma casa que existe dentro de uma cidade, em verdade não é mais que manifestação do amálgama constitutivo da espécie humana: a dúplici essência de nossa carne, originariamente animal e política¹⁸ – falando miticamente, união de barro e sopro divino, ser rasteiro e etéreo ao mesmo tempo, pragmático e utópico...

¹⁸ Sei, por experiência própria, que não será demais alertar o leitor contra a tentação de qualificar isso como “paradoxal”; digamos: as coisas são como são – os paradoxos não passam de cintilações provocadas pelo nosso modo de falar delas...

Referências:

- ABRAM, Jan. *A Linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000
- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, M. "Sociedade" e "Indivíduo" In: *Temas Básicos de Psicologia* [25:60]. São Paulo: Cultrix, 1978
- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosófico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002
- ARENDT, Hanna. *A condição Humana*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005
- BACHELARD, Gaston (1978). *A poética do espaço*. In.: *Bachelard*. São Paulo: Abril Cultural (Col. Os Pensadores)
- BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005
- BENJAMIN, Walter. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993
- _____. *Sobre o conceito da história*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993
- BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade. Tratado de Sociologia do Conhecimento*. (tradução de Floriano Souza Fernandes) Petrópolis: Vozes, 1978
- BERNARD, Yvonne... et al.; Eda t. de Oliveira Tassara, Elaine Pedreira Rabinovich, Maria do Carmo Guedes (eds.). *Psicologia e Ambiente*. São Paulo: EDUC, 2004
- BESSELAAR, José Van Den. *As palavras têm a sua história*. Braga: Edições APPACDM, 1994
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1973). 2ª. Ed. São Paulo: T.A. Queiroz / EDUSP, 1987
- _____. *O tempo vivo da memória. Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê, 2003
- CALDAS, Alberto Lins. *Transcrição em história Oral*. NEHO-História - Revista do Núcleo de Estudos em História Oral. São Paulo, nº 1, novembro de 1999
- _____. *A noção de cápsula narrativa: a entrevista, o texto e o outro na hermenêutica do presente*. Revista Caderno de Criação. Ano VI, nº 20, Porto Velho, 1999

- CIDADE de Lins, A. Revista publicada sob a direção de Calil Eid. Lins, 1937
- COQUEIRO, Antonieta Nazaré de Lima. *Folclore Brasileiro. Lins*. São Paulo: Morse, 1973
- DAMERGIAN, Sueli. *A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade*. In: TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira (org.). *Panoramas Interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano*. São Paulo: EDUC / FAPESP, 2001
- ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999
- FERREIRA, Marieta de Moraes et al. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Escutar, recordar, dizer: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. São Paulo: Educ/Escuta, 1994
- _____. *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos*. São Paulo: Escuta, 1995
- _____. *Foucault e Heidegger. A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar)*. Tempo Social: Ver. Sociologia da USP, 7 (1-2) [139:149]. São Paulo, 1995
- _____. *Revisitando as psicologias. Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. 2ª ed., revista e ampliada. São Paulo/Petrópolis: Educ/Vozes, 1996
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966
- _____. *História da Sexualidade I. A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985
- _____. *A Ordem do Discurso. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970* (tradução de Laura Fraga A. Sampaio). São Paulo: Loyola (2ª edição), 1996
- FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002
- GADAMER, Hans-Georg (1960). *Verdade e Método* (Vol. 1). 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999
- GLISSANT, Edouárd. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005
- HARTOG, François. *Memória de Ulisses. Narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004
- HEIDEGGER, Martin (1935). *Arte y poesia*. 2ª ed. México: FCE, 2006.

KAËS, René et al. *A instituição e as instituições. Estudos psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

KAËS, René. O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura. In: *Psicologia USP*, 2003, 14(3), [15:33].

KLEIN, Melanie. *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*. In: *O sentimento de solidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1971

KOTRE, John. *Luvas Brancas. Como criamos a nós mesmos através da memória*. São Paulo: Mandarim, 1997

LIMA, João Francisco Tidei. *A ocupação da terra e a destruição dos índios na região de Bauru*. Dissertação de Mestrado apresentada FFLCH / USP, São Paulo, 1978

LINS 84 anos: um passeio pela história. Suplemento especial do jornal diário *Correio de Lins*, edição nº 3.308, abril de 2004

MACYNTYRE, Alasdair (1981). *Depois da Virtude*. Bauru, SP: EDUSC, 2001

MATTÉI, Jean-François (1999). *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno*. São Paulo: Editora UNESP, 2002

MAINGUENEAU, Dominique & CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004

MAISONNEUVE, Jean (1950). *A Psicologia Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1988

_____. (1973). *Introdução à Psicossociologia*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1977

MAGALHÃES, Paulo. *O Povo de Lins: sua história e suas lendas*. São Paulo: Saraiva, 1954

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 4ª. Ed. Revista e ampliada. São Paulo: Loyola, 2002

_____. *A radicalização da história oral*. São Paulo: mimeo (2003?)

MOMENTO – Revista Linense de Cultura. Lins, SP: Conselho Municipal de Cultura. Ano 1, nº 0, abril 1977

NEVES, Vilma Fernandes. *Vida, educação e trabalho na cafeicultura linense segundo a fala dos trabalhadores rurais 1940-1960*. Curitiba: UTP, 2006

PROGRESSO em Revista, O. Lins, SP: dezembro de 1957

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *As curvas do trem e os meandros do poder: o nascimento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1904-1908)*. Campo Grande: Editora UFMS, 1997

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL, São Paulo. Departamento do Patrimônio Histórico, v. 200, 1991

RIBEIRO, Altamiro Ghermel. *Lins e seus Pioneiros*. Lins, SP: Cultural Signos, 1995

_____. *Complemento de Lins e seus Pioneiros*. Lins, SP: Arcádia, 2001

RIBEIRO, Sandra Maria Patrício. *Anatomia social de um crime em família. Estudo psicossocial sobre os discursos e representações sobre família, afetos, homens e morte*. Dissertação de Mestrado apresentada ao IP-USP. São Paulo, 2001

_____. *Escutar Cidadão e Cidade*. Pulsional Revista de Psicanálise, ano XIV, nº 152/153, [91:101], 2001/2002

_____. *Transcendência e ética na formação do psicólogo e na intervenção psicossocial no urbano*. In: Ramos, C.; Silva, G.G.; Souza, S. (Organizadores), *Práticas psicológicas em instituições: uma reflexão sobre os serviços-escola* [165-177]. São Paulo: Vetor, 2006

SAFRA, Gilberto. *A face estética do self. Teoria e clínica* (1999). 3ª Ed. Aparecida, SP: Idéias&Letras: São Paulo: Unimarco, 2005

_____. *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias&Letras, 2004

_____. *Hermenêutica na situação clínica. O desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Sobornost, 2006

_____. *Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio*. São Paulo: Sobornost, 2006

SANTOS, Boaventura de Sousa (1987). *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2003

_____. (1995). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 11ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006

SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 10, nº 19, 1997

SEGRE, Roberto. *Imaginarios Fragmentos Arquitectonicos en la Ciudad Latinoamericana*. In: MACHADO, Denise B. Pinheiro; VASCONCELLOS, Eduardo Mende de. *Cidade e Imaginação*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROURB, 1996

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental* (1994). Rio de Janeiro: Record, 2003

_____. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo* (1998). 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005

TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira (org.). *Panoramas Interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano*. São Paulo: EDUC / FAPESP, 2001

TASSARA, E.T. de O. & DAMERGIAN, S. *Para um novo humanismo. Contribuições da Psicologia Social*. Estudos Avançados, 10(28) [291:316], 1996

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

TURATO, Egberto Ribeiro. *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2003

VOZES Revista de Cultura – O Homem do Oeste Paulista. Petrópolis: Vozes. Ano 63, nº 9, setembro 1969.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

_____. *O enraizamento*. Bauru, SP: EDUSC, 2001

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975

ANEXO 1

Fotografia Antiga 1 – Ano 950 ou 954

Fotografia Antiga 2 – Ano 964

Fotografia Antiga 3 – Sem data (Certamente anterior a 1973)

Fotografia Antiga 4 – Ano 966

Fotografia Antiga 5 – Ano 955 ou 963

Fotografia Antiga 6 – Sem data

Fotografia Antiga 7 – Sem data

Fotografia Antiga 8 – Ano 959

Fotografia Antiga 9 – Ano 954 ou 955

Fotografia Antiga 10 – Ano 951

Fotografia Antiga 11 – Ano 952

Fotografia Antiga 12 – Sem data

Fotografia Antiga 13 – Ano 958

Fotografia Antiga 14 – Ano 960

Fotografia Antiga 15 – Ano 961

Fotografia Antiga 16 – Ano 962

Fotografia Recente 1 – Basílicas de Aparecida do Norte

Fotografia Recente 2 – Elevador Lacerda

Fotografia Recente 3 – Estação ferroviária.

Fotografia Recente 4 – Hotel Romeu e Julieta

Fotografia Recente 5 – Jornal Correio de Lins

Fotografia Recente 6 – Estádio de Futebol

Fotografia Recente 7 – “Trapalhões” (na plataforma acima da arquibancada)

Fotografia Recente 8 – Mureta e borda da cidade

Fotografia Recente 9 – Parque de diversões

Fotografia Recente 10 – Panorama

Fotografia Recente 11 – Quartel em azul

Fotografia Recente 12 – Quartel em amarelo

Fotografia Recente 13 – Tocadores de bumbo

Fotografia Recente 14 – O toureiro

Fotografia Recente 15 – Detalhe de um quarteirão

Fotografia Recente 16 – Panorama

Fotografia Recente 17 – O presépio

Fotografia Recente 18 – Banda de música (sobre a plataforma)

Fotografia Recente 19 – Pronto socorro

Fotografia Recente 20 – Panorama

Seu Mário recebe o título de “Cidadão Linense” (1º de outubro de 1988)

“Cidade Miniatura do Mário” é homenageada no “Carnaval do Ribeiro”

A casa do seu Mário (ao fundo, a parede frontal do galpão)

Exposição de Assis – SP/1996

Fotografia do Trecho - 1

Fotografia do Trecho - 2

Fotografia do Trecho - 3

Fotografia do Trecho – 4 (parede ao fundo é a parede frontal do galpão)

Últimas Fotografias do Trecho – 1

Últimas Fotografias do Trecho – 2

Últimas Fotografias do Trecho - 3

ANEXO 2

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS DE ENTREVISTA

Eu, MÁRIO RAMOS NOGUEIRA, RG 25.966.682-8, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, concedida à Sandra Maria Patrício Ribeiro, Letícia Fulaneti Carvalho, Vera Lúcia Leal Giovannetti e Wagner Alessandro Bittencourt Radgheri, gravada em fita magnética nesta data em minha residência à Rua Santa Maria, 231 – Lins / SP, para que a Sra. Sandra Maria Patrício Ribeiro, RG 14.236.330-3, e o LAPSI - Laboratório de Psicologia Sócio-Ambiental e Intervenção da Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia / Depto. de Psicologia Social e do Trabalho possam usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, ficando igualmente autorizada a transcrição e também a transcrição da fita, realizada por Sandra Maria Patrício Ribeiro, da qual recebi uma cópia impressa, sob o título *“A História da Cidade Miniatura de Mário Ramos Nogueira. Contada em entrevista no dia 15 de dezembro de 2004, para Sandra Maria Patrício Ribeiro, Vera Lúcia Leal Giovannetti, Letícia Fulaneti Carvalho e Wagner Alessandro Bittencourt Radgheri”*. Da mesma forma, autorizo a terceiros para ouvir a fita, ler a sua transcrição e usar citações, ficando vinculado o controle ao LAPSI, que tem sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Lins, 5 de janeiro de 2005.

Mário Ramos Nogueira